

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS  
  
MARIA INÊS BORGES RAES FERNANDES**

**GLOSSÁRIO ESCOLAR TERMINOLÓGICO  
COMUNICATIVO DE HISTÓRIA  
(*COM EQUIVALÊNCIAS EM INGLÊS*)**

Campo Grande - MS  
Agosto-2010

**MARIA INÊS BORGES RAES FERNANDES**

**GLOSSÁRIO ESCOLAR TERMINOLÓGICO  
COMUNICATIVO DE HISTÓRIA  
(COM EQUIVALÊNCIAS EM INGLÊS)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr Auri Claudionei Matos Frübel.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS  
Agosto -2010

**MARIA INÊS BORGES RAES FERNANDES**

**GLOSSÁRIO ESCOLAR TERMINOLÓGICO  
COMUNICATIVO DE HISTÓRIA  
(COM EQUIVALÊNCIAS EM INGLÊS)**

APROVADA POR:

---

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL, DOUTOR ((PPGMEL/UFMS))

---

RAIMUNDA MADALENA ARAUJO MAEDA DOUTORA (PPGMEL/UFMS)

---

NARA HIROKO TAKAKI, DOUTORA (CPAQ/UFMS)

Campo Grande, 03 de Agosto de 2010.

Dedico este trabalho ao meu marido,  
Airton, meu porto seguro, estímulo  
constante, que sempre me fortaleceu e  
acreditou em mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pela saúde, força e coragem para lutar por um sonho e por estar ao meu lado sempre.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens, pelo apoio técnico.

Aos professores do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS.

À Secretaria do PPGMEL, Daniela Gomes Loureiro, pela atenção e presteza em atender a todos.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente Adriana, Diana, Flávia, Francisco, Ioneide, Isabel, Neila e Sueli, pelo companheirismo.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Ao Professor Dr. Auri Claudionei Matos Frübel, meu orientador, pela paciência.

Às amigas Eva de Mercedes Gomes e Regina Célia Vieira, por terem estado comigo durante todo o caminho, nos momentos em que mais precisei. Obrigada a vocês, pela amizade!

Aos meus pais, Afranio e Ignez (*in memoriam*), meus exemplos de vida e de determinação.

Aos meus filhos, Airton e Juliana, e meu marido, Airton, pelo apoio e incentivo nos momentos de desânimo. Seu carinho e paciência foi fundamental para que esta etapa fosse cumprida. Vocês três me suportaram,[ao longo desta jornada em todos os sentidos dessa palavra, amo vocês incondicionalmente.

Aos professores de História, Carlos Alberto de Almeida Passarinho, Carlos Naglis, Clara Duran Leite, e Suzana Naglis que, pacientemente, me ajudaram com os termos de História.

À professora Carol Santee, por ter me cedido espaço na disciplina de Prática de Ensino.

Às professoras de espanhol Damaris Santana Lima, Cristina Kassar e Maria José Ramos Abrão, por corrigirem as citações em espanhol.

À Editora Saraiva de Campo Grande que, gentilmente, doou a coleção de Gilberto Cotrim, Saber e Fazer História.

Dedico particular agradecimento aos amigos desvinculados da vida acadêmica, mas sempre tão próximos de mim, e de quem sempre recebi apoio incondicional e ilimitado.

Enfim, a todos que, de alguma forma, colaboraram para a conclusão deste trabalho!

O meu eterno obrigada a todos vocês!

“... um dicionário é um assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espetaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com as dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e – por último, mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador.”

WEINRICH

## LISTA DE SIGLAS

ANPOLL- Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística  
ABTN- Associação Brasileira de Normas Técnicas  
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
GETCH – Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História  
GT- Grupo de Trabalho  
IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
INFOTERM- Centro Internacional de Informação Terminológica  
IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro  
ISA- Associação Internacional de Normalização  
ISO- Organização Internacional de Normalização  
IULA- Instituto Universitário de Linguística Aplicada  
LSP- Língua de Especialidade  
MERCOSUL- Mercado Comum do Sul  
NILC - Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional  
PNLD- Programa Nacional do Livro Didático  
TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia  
TGT – Teoria Geral da Terminologia  
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
USE – Unidades de Significação Especializada

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO</b>	19
1.1 Histórico da Terminologia	19
1.2 Escolas Clássicas da Terminologia	23
1.3 As diferentes correntes da Terminologia	25
1.3.1 A Teoria Geral da Terminologia	25
1.3.2 Teoria Comunicativa da Terminologia	27
1.4 Línguas de Especialidade	...28
1.5 Terminologia	....30
1.6 Termo	32
1.7 Léxico	35
1.8 Palavra	38
1.9 Vocábulo	41
1.10 Terminologia e Lexicologia	42
1.11 Terminografia e Lexicografia	....44
1.12 Tipos de dicionários	46
1.13 Dicionário Geral	49
1.14 Thesaurus	50
1.15 Dicionário Escolar	51
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	54
2.1 Etapas do trabalho terminológico	54
2.1.2 O público alvo e a abrangência da obra	54
2.1.3 Critérios para a escolha das fontes	55
2.1.4 Critérios para escolha e identificação dos termos	56
2.1.4.1 Definição da Grade Conceptual	57
2.1.4.2 Segmentação dos termos	58
2.1.5 A Ficha Terminológica	59
2.1.6 O contexto	60
2.1.6.1 Critérios para a escolha e recorte do contexto	62

2.1.7 Equivalência terminológica	62
2.1.8 Definição terminológica	63
3.1.9 Organização do trabalho terminológico	65
2.10.1 Macroestrutura	66
2.10.2 Microestrutura	67

### **CAPÍTULO III – GLOSSÁRIO ESCOLAR TERMINOLÓGICO COMUNICATIVO DE HISTÓRIA**

3.1 Apresentação	69
3.1.1 Macroestrutura	69
3.1.2 Microestrura	69
3.1.3 Termo	70
3.1.4 Referências gramaticais	70
3.1.5 Definição	70
3.1.6 Contexto	71
3.1.7 Informação enciclopédica	71
3.1.8 Sinônimo	71
3.1.9 Número de identificação	71
3.10 Abreviaturas utilizadas no Glossário	71
3.2 Glossário	73

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	128
-----------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS</b>	130
--------------------	-----

<b>ANEXOS</b>	135
---------------	-----

## RESUMO

O ambiente escolar é altamente favorável para o emprego de termos das mais diversas áreas do conhecimento, considerando que o ensino é trabalhado a partir de especialidades, como a História, a Geografia, a Língua Portuguesa, a Matemática e outras. Dessa forma, percebe-se a necessidade de produções terminológicas que, por meio de dicionários, glossários, vocabulários e bases de dados, sistematizem o léxico especializado de forma que facilitem o acesso do aluno ao conhecimento da área em estudo. Diante disso, esta pesquisa apresenta como resultado o *Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História (GETCH)*, dirigido, principalmente, a alunos dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental. Trata-se de uma obra monolíngue que está constituída, basicamente, de substantivos, com equivalências em inglês. Os termos que formam a nomenclatura do glossário foram extraídos do livro de Gilberto Cotrim, *Saber e Fazer História*, Editora Saraiva, utilizado em escolas públicas da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul. O material foi elaborado conforme os preceitos teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia, a qual apresenta suporte para que se possa construir um glossário com verbetes organizados adequadamente, de modo que facilitem a consulta pelo usuário, sobretudo para aqueles que frequentam o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Língua de Especialidade, História, Terminologia.

## ABSTRACT

School environment is highly favorable for the use of terms from different fields of knowledge, considering that education is constituted from specialties such as History, Geography, Portuguese Language, Mathematics and others. Thus, the need is evident for terminology productions which, through dictionaries, glossaries, vocabularies and databases, systematize the specialized lexicon in order to facilitate the student's access to the knowledge of the focused area. Thus, this research has resulted in the History Communicative Terminological School Glossary (*GETCH*), addressed mainly to students of the last four years of elementary school. It is a monolingual study consisting basically of nouns with equivalence in English. The terms that form the nomenclature of the glossary were taken from the books of Gilberto Cotrim, Saber e Fazer História, Editora Saraiva, used in public schools run by the State of Mato Grosso do Sul. The material was elaborated according to the theoretical and methodological precepts of Communicative Theory of Terminology, which presents support by providing a glossary with properly organized entries, so as to facilitate the search by the user, especially by those who attend school environment.

**Key words:** Language of Specialty, History, Terminology.

## INTRODUÇÃO

O mundo tem passado por grandes avanços tecnológicos, sobretudo nas três últimas décadas. A ciência e a tecnologia não se restringem mais a grandes laboratórios, ao contrário, estão presentes no dia-a-dia das pessoas. Desde informações técnicas sobre inovações robóticas, desenvolvidas nos principais centros do mundo, até questões difíceis de serem entendidas, até a prevenção que deve ser realizada para se evitar a contaminação pelo vírus H1N1- gripe suína, que tem se alastrado pelo mundo globalizado. Isso sem mencionar as muitas possibilidades que o mundo virtual disponibiliza por meio da internet.

Dessa forma, a ciência e a tecnologia fazem parte de nossa existência. Com essa interferência direta, a língua deve estar apta para nomear novos referentes e novos conceitos, a ponto de ser eficaz comunicativamente.

Cabe ressaltar, também, que o forte incremento das terminologias e as exigências do mundo globalizado fizeram com que a sociedade passasse a perceber o importante papel dos termos técnico-científicos para uma comunicação mais eficiente, uma adequada transferência de conhecimento e tecnologia, além do importante estabelecimento de um elo entre os textos científicos e seus leitores.

De acordo com Cabré (1999, p. 33), sem a Terminologia<sup>1</sup> “... una lengua sin terminología propia no puede ser en el mundo actual una lengua de cultura”<sup>2</sup>.

As línguas especializadas<sup>3</sup>, por sua vez, juntamente com o suporte prático e teórico da Terminologia, passam a ser importantes para legitimar a função real de uma língua como um veículo de comunicação também em situações especializadas. Os avanços científicos e tecnológicos precisam ser nomeados apropriadamente. Para tanto, a utilização de terminologias sistematizadas contribui para a eficácia da comunicação entre especialistas, que deve ser concisa, precisa e adequada. Além disso, cada vez mais se percebe o termo como

---

<sup>1</sup> Distinguimos Terminologia com T maiúsculo de terminologia com t minúsculo. Terminologia: disciplina linguística que estuda os termos e a organização das linguagens especializadas; terminologia: conjunto dos termos especializados próprios de uma ciência, arte, técnica, profissão. Também corresponde ao conjunto de palavras marcadas pela temática de uma área de especialidade, por exemplo, a terminologia da saúde humana, do seringueiro, da informática ou a terminologia dos revestimentos cerâmicos. Assim, por exemplo, se falarmos em *vírus*, é preciso saber se nos referimos à área médica ou à informática.

<sup>2</sup> Uma língua sem terminologia própria não pode ser no mundo atual, uma língua de cultura.

<sup>3</sup> A linguagem usada no discurso de cada área do saber é chamada de linguagem de especialidade (LSP) ou língua de especialidade, língua/linguagem científica e técnica, língua/linguagem especial e língua/linguagem para fins (propósitos) especiais.

uma unidade da *língua geral*, sobretudo a partir da percepção de uma *unidade de significação especializada* (designação empregada por Cabré, em 1999), rompendo-se, assim, a concepção da *língua de especialidade* como uma língua isolada, à parte da língua geral.

Torna-se imprescindível considerar que, na formação e no estudo de uma língua, é necessário levar em consideração a influência que os aspectos sociais – sejam relacionados ao usuário ou ao ambiente – exercem sobre ela, uma vez que a língua é produto e, ao mesmo tempo, veículo das experiências sociais.

Nesse sentido, os termos não ficam restritos às línguas de especialidade, eles ultrapassam esse limite e caem no léxico geral. Por exemplo, a palavra AVC não é utilizada apenas por especialistas dentro do domínio da medicina; um usuário de conhecimentos gerais poderia dizer algo como "*Luciana teve um AVC*", sabendo o que está dizendo e sendo perfeitamente compreendido.

Outra questão relevante a se considerar é a sala de aula, pois se trata de um ambiente altamente propício à atualização de termos, considerando que as ciências, basicamente, são descritas por suas terminologias. Nesse ambiente, são comuns situações como a de um aluno que pergunta: "professor, o que é 'alforria'?", sendo que o professor, ao responder, formaliza um conceito. Torna-se bastante evidente, então, que esse termo deixou de ser utilizado apenas por usuários especialistas e está permeando o discurso de indivíduos de conhecimentos gerais da língua, no Brasil.

Dentre as especialidades que convivem no ambiente escolar está a da história, entendida aqui não apenas como o conhecimento do passado, mas uma ciência que interpreta e localiza no tempo os acontecimentos importantes da vida dos povos, dos homens e das ideias. Nesse sentido, interpreta fontes históricas, julga sobre sua autenticidade e liga-se a outras ciências que, em posição paralela, também estudam o homem nos seus mais diversos aspectos.

Vale lembrar, de acordo com Cotrim (2005, p.11), que história é a produção de um conhecimento que procura entender como os seres humanos viveram e se organizaram desde o passado mais remoto até os nossos dias, ou seja, história é uma busca de saber voltada para a compreensão da vida dos seres humanos e das sociedades ao longo dos tempos.

Nas últimas décadas, por diferentes razões, nota-se uma crescente preocupação dos professores do ensino fundamental em acompanhar e participar do debate histórico, criando aproximações entre o conhecimento histórico e o saber histórico escolar. Em razão disso, os dicionários de História contribuem para a alfabetização e o desenvolvimento da competência de leitura.

Dessa forma, considera-se relevante um glossário que atenda a uma proposta lexicográfica adequada aos quatro últimos anos do Ensino Fundamental, e que represente um leque de possibilidades para a lexicografia didática e que pode, ainda, auxiliar, em muito, nos estudos descritivos da língua, tornando-se obra essencial a toda aprendizagem de língua materna e também de outras disciplinas curriculares.

É importante lembrar que não há nenhum dicionário ou mesmo *Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História*, nem mesmo um que seja específico da área de História ou direcionado a estudantes brasileiros; fato muito relevante, posto que vai privilegiar os termos que sejam mais difíceis de serem produzidos por um falante do português. Vale esclarecer que, em se tratando de um *glossário* terminológico, será restrito aos termos da área de História e, portanto, não lidará com termos apenas monolexêmicos como geralmente faz a maior parte dos dicionários comuns de língua.

Assim, essa tipologia torna-se relevante, atingindo alguns pontos essenciais para o desenvolvimento da prática e dos estudos lexicográficos brasileiros. Em linhas gerais, contribui para evidenciar o valor do dicionário como instrumento didático para o ensino da língua materna, servindo também a outras disciplinas.

Em virtude disso, considerando a necessidade do registro de unidades terminológicas que estejam sendo incorporadas ao léxico geral da língua portuguesa, elaboramos o *Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História (GETCH)*.

A título de exemplificação, vejamos, no dicionário *Aurélio*, o registro do termo “*criacionismo*”, descrito da seguinte forma:

*criacionismo*

Substantivo masculino

1. Rel. Teoria da origem dos seres por criação, oposta à evolução espontânea. 2. Lit. A forma hispano-americana do expressionismo (q. v.)

Para o aluno do ensino fundamental, a definição é hermética, não é compreensível, uma vez que os consulentes não dispõem de conhecimentos para entender a descrição feita.

Tal exemplo evidencia, então, a importância desta pesquisa para os estudos linguísticos e, de modo especial, para os estudos terminológicos, visto que, a cada dia, surgem inovações que nos levam a rever conceitos a fim de acompanhar as constantes alterações e os avanços da tecnologia.

Os estudos terminológicos, no Brasil, começaram, efetivamente, no final dos anos de 1980 e início dos anos 1990, culminando com o surgimento de vários projetos, por exemplo, o

Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo, criado em 1988, sob a coordenação de Ieda Maria Alves, da USP (SP). O Projeto tem a finalidade de coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil.

Ressalta-se que, em Brasília, os estudos conduzidos pela professora Enilde Faulstich deram origem ao Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Lexterm).

Destacam-se, ainda, outras ações: projeto TERMISUL (UFRGS), grupo de pesquisa responsável pelo Projeto Terminológico Cone Sul, originado em 1991 sob a liderança da Profa. Dra. Maria da Graça Krieger. Já foram publicados: o Dicionário de Direito Ambiental: Terminologia das Leis do Meio Ambiente, o Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional: Terminologia dos Tratados e o Glossário de Gestão Ambiental. Nesse âmbito, foi implementada a Base de Dados de Direito Ambiental, BDT TERMISUL, que originou o Acervo TERMISUL, agora disponibilizado “on-line”. Foram, também, desenvolvidas ferramentas informatizadas para atender às necessidades do processo de pesquisa e do gerenciamento dos dados.

O projeto TEXTQUIM (UFRGS), sob a liderança de Maria José Finatto, explora padrões do texto de Química em língua portuguesa com ênfase para expressões de causalidade e desenvolve produtos on-line para aprendizes de tradução. Ainda sob a direção dessa pesquisadora, o grupo TEXTECC (UFRGS) - Textos Técnicos e Científicos investiga padrões da linguagem em Pediatria, Cardiologia e Física.

O grupo TERMILEX - Grupo de Estudos em Terminologia e Lexicografia, é liderado por Maria da Graça Krieger e Rove Luiza de Oliveira Chishman da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O grupo TERMILEX foi constituído em 2006, desenvolve pesquisas em Terminologia e Lexicografia junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

O Grupo GETERM, formado em 1999 no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, sob a coordenação de Gladis Maria de Barcellos Almeida, tem como objetivos estudar conteúdos pertinentes à Terminologia/Terminografia e desenvolver pesquisas que gerem produtos terminológicos em língua portuguesa, tais como glossários, dicionários, enciclopédias e assemelhados, que satisfaçam demandas reais. Gladis Maria de Barcellos Almeida atualmente coordena três projetos de pesquisa na UFSCAR: Terminologia

de Bio Combustíveis, Terminologia em Língua Portuguesa da Nanociência e Nanotecnologia e o Dicionário de Fisioterapia.

Os pesquisadores brasileiros, voltados de maneira especial para os estudos terminológicos, não tardaram em desenvolver sua própria visão da Terminologia, adequada às características da língua e às necessidades sócio-linguístico-culturais brasileiras.

Os resultados das muitas pesquisas desenvolvidas determinaram, também, uma ampliação de temas de interesse da Terminologia em dissertações e teses, tais como: a terminologia do caju; a terminologia da cerâmica; a terminologia jurídica dos tratados; o glossário dos termos da cana-de-açúcar; o léxico da indústria moveleira; o glossário de neologismos terminológicos da saúde humana, entre outros.

Situada no campo da Terminologia, a pesquisa que desenvolvemos tem como objetivo a coleta e a análise de unidades de significação especializada (USE), visando à construção de um Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História (GETCH) dirigido a alunos dos quatro últimos anos do ensino fundamental. Ele contém, além dos termos fundamentais, suas definições, exemplos de uso, para que o leitor possa compreender o conceito, além de sua contextualização.

Este trabalho faz parte de um projeto maior, no caso, o Projeto Base de Estudos Terminológicos de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo é a práxis de um dicionário técnico escolar, coordenado pelo professor Auri C. M. Frübel, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. Trata-se de um glossário monolíngue que foi constituído, basicamente, de substantivos, com equivalências em inglês, que nomeiam referentes relacionados a campos léxicos pertencentes à área de história. Nessa linha de estudo, neste glossário, escolhemos uma fonte confiável para levantarmos os termos e suas respectivas abonações, definimos critérios para o levantamento e escolha das unidades que constituem o glossário, bem como procuramos elaborar verbetes cuja decodificação está acessível aos estudantes do 6º a 9º ano. Convém esclarecer que as unidades terminológicas que compõem o glossário foram extraídas da coleção da Editora Saraiva, Saber e Fazer História, de Gilberto Cotrim.

É importante frisar que meu contato com a Terminologia ocorreu durante o mestrado em Estudos de Linguagens, momento em que as leituras foram despertando meu interesse e dando-me o embasamento necessário para melhor definir e caracterizar as linguagens de especialidade. Além disso, os estudos na linguagem de especialidades e o fato de meu orientador desenvolver trabalhos nessa área fizeram com que eu decidisse, cada vez mais, aprofundar meus conhecimentos nesse tema e definir meu objeto de pesquisa, com o intuito

de proporcionar um material de apoio para os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da rede pública.

A pesquisa foi iniciada com os quatro livros da coleção de Gilberto Cotrim, Saber e Fazer História, Editora Saraiva, que serviu de base e apoio para este trabalho. Fez-se, então, um levantamento dos quatro livros da coleção de Gilberto Cotrim, do 6º ao 9º ano. Os termos ou unidades terminológicas foram registrados em fichas terminológicas elaboradas para esse fim, catalogando-se 1178 termos. Entre eles, foram encontrados termos na área de filosofia, religião, arqueologia, antropologia, política, arquitetura, astronomia e economia. Todavia, no decorrer do trabalho, foram selecionados os termos da área de história, excluindo-se os termos que já constavam no Dicionário Aurélio. Assim, utilizamos como *corpus* de exclusão os termos que já constavam no dicionário Aurélio on-line, mas com significado diferente, como é o caso de degola que o Dicionário Aurélio assim registra: 1.V. *degolação*, 2.Cortar, decepar. Entretanto, como termo de história, degola está caracterizada como: processo comum durante a primeira república, em que os candidatos da oposição não tinham sua eleição reconhecida pelo congresso, dominado pela maioria governista, e, por isso, eram impedidos de tomar posse. Evidencia-se, então, discrepância nas explicações.

Com o auxílio dos quatro professores de história, foram selecionados os 295 (duzentos e noventa e cinco) termos que não constam no dicionário Aurélio ou cujas definições estão de forma distinta. Já para a constatação das equivalências em inglês, foram utilizados os dicionários monolíngues: The Oxford English Reference Dictionary, Webster's New World Thesaurus, Chambers Dictionary of World History, e a Internet. Os termos ou unidades terminológicas foram registrados em fichas terminológicas elaboradas para esse fim, contendo os contextos e as equivalências em inglês. Essas fichas serviram de base para compor o glossário.

Internamente, a dissertação encontra-se assim organizada: no capítulo I, situamos o tema escolhido na pesquisa terminológica e na prática terminográfica da atualidade. Esboçamos uma abordagem histórica à Terminologia e à Terminografia explicitando seus conceitos e apresentamos os pressupostos das diferentes correntes da Terminologia. Além disso, situamos a lexicografia no âmbito dos estudos linguísticos. Comentamos os tipos de dicionários e as características do dicionário escolar e a organização do trabalho terminológico.

No capítulo II, são discutidas as questões relacionadas com o desenvolvimento do trabalho terminológico, os princípios e métodos que serão utilizados para a coleta, a descrição e apresentação de termos e, também, a escolha do público-alvo, a abrangência da obra, os

critérios para escolha das fontes, a identificação dos termos, a definição da grade conceptual, a segmentação dos termos, a ficha terminológica, o contexto, a equivalência e definição terminológica, a organização do trabalho terminológico, a macroestrutura e a microestrutura.

O glossário de termos da área de História, a microestrutura e a macroestrutura encontram-se no capítulo III. Na sequência, apresentamos a conclusão da investigação, ou seja, as considerações finais, a bibliografia que serviu de base para a pesquisa e os anexos.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

O primeiro capítulo objetiva situar o tema escolhido no marco da pesquisa e da prática terminográfica da atualidade, pois, ainda que tais estudos e aplicações não sejam novos, foi apenas depois da metade do século XX que eles apareceram no cenário internacional. No Brasil, a Terminologia começou a ser reconhecida como disciplina universitária de forma lenta, embora estudos nessa área já fossem desenvolvidos em muitos centros de pesquisa, porém somente a partir da última década.

Tendo em mente dimensionar o quadro em que se insere esta pesquisa, este capítulo esboça uma abordagem histórica à Terminologia e à Terminografia. Para tanto, após explicitar seus conceitos, apresentam-se os pressupostos das diferentes correntes da Terminologia. Além disso, a lexicografia é situada no âmbito dos estudos linguísticos, após algumas considerações acerca do fazer lexicográfico. Finalmente são comentados os tipos de dicionários e as características do dicionário escolar.

#### **1.1 HISTÓRICO DA TERMINOLOGIA**

Rey (1995, p.12), ao tratar das origens da Terminologia, menciona que a necessidade de nomear objetos é sentida e escrita desde os tempos antigos. Nessa linha de pensamento, o autor comenta que o texto *Crátilo*, de Platão, pode ser considerado o primeiro texto básico sobre terminologia. O estudioso, ainda, observa que, de Platão ao século dezesseis, os Estoicos, Santo Agostinho, Santo Anselmo, os pensadores indianos, os filósofos árabes, os gramáticos e os lexicógrafos também escreveram sobre o tema, salientando, também, que os

gramáticos da Idade Média mergulharam em profunda reflexão sobre o assunto da linguagem e sua relação com objetos e pensamentos. Entretanto, a ideia de separar a disciplina dedicada aos problemas associados com a nomenclatura e a metodologia só emergiu depois da Renascença.

Ainda nesse contexto, o autor defende que a história das palavras é testemunha dessa preocupação. Vale esclarecer que a palavra “nomenclatura” (*do latim nomen calare*) apareceu, pela primeira vez, em francês e em inglês, no começo do século XVI, com o significado de ‘glossário ou lista de nomes’, e o conceito se distinguiu confusamente de ‘dicionário’ (*dictio*, a palavra pronunciada, fala).<sup>4</sup>

Cabré (1993, p.21), entretanto, argumenta que a prática terminológica data do século XVIII, com os trabalhos de Lavoisier e Berthold no domínio da química, e Linné, na botânica e zoologia. A autora acrescenta, ainda, que essa necessidade é expressa nos colóquios e/ou congressos internacionais de botânicos (1867), zoólogos (1889) e químicos (1892), ocorridos no final do século XIX.

Pode-se entender, então, que o interesse dos especialistas de cada área pela Terminologia deveu-se à diligência desses terminólogos para relacionar as denominações aos conceitos científicos. Ainda nesse âmbito, fica evidente que o desenvolvimento progressivo das ciências fez com que esses estudiosos buscassem, cada vez mais, entender e descrever as regras de formação dos termos de cada domínio de especialidade.

Vale ressaltar que, no século IX, o físico Rhazés (865-925) listou, na obra o Livro Abrangente, nomes de órgãos do corpo humano e doenças em cinco línguas (siríaco, grego, persa, híndi e árabe). No século XI, apareceu, em árabe, o *Livro das Estradas e dos Reinos*, de Bakri (BARROS, 2004. p. 29).

Eugen Wüster, engenheiro e linguista austríaco, publica, em 1931, sua tese de Doutorado, *Internationale Sprachnorming in der Technik* (A normalização internacional da terminologia técnica), demonstrando uma preocupação, sobretudo, com a questão metodológica e normativa da Terminologia, uma vez que a considerou um instrumento de trabalho para desfazer, de forma eficaz, a ambiguidade na comunicação técnico-científica.

---

<sup>4</sup> Por outro lado, em inglês, ‘techonology’, usada, inicialmente em 1615, para designar um “tratado relativo às artes”, mudando seu significado, em meados do século XVII, para “conjunto de termos próprios de uma arte”. Contudo, apesar de algumas referências isoladas e da presença de *techonologie* com o mesmo significado no Dictionnaire do Abade Prévost (1750), a palavra não teve sucesso em francês (REY, 1995, p. 12-13). Rey (op.cit, p.13) faz referência, ainda, que, em 1758, o naturalista Duhamel de Montoeau, em seu estudo sobre as árvores, definiu nomenclatura, como: “A arte de classificar os objetos de uma ciência e nomeá-las”.

Com esse estudo, Wüster contribuiu para o estabelecimento da *Teoria Geral da Terminologia* (TGT), que, até hoje, embasa os trabalhos terminológicos (BARROS, 2004, p. 53-54).

É importante lembrar que a parte teórica da Terminologia é atribuída, por Wüster, a quatro cientistas: o alemão A. Scholman, o primeiro a considerar o caráter sistemático dos termos de especialidade; o linguista suíço F. de Saussure, o primeiro a salientar a sistematicidade das línguas; o russo E. Dressen, pioneiro em destacar a importância da normatização e impulsor da organização ISA, e o inglês, J. E. Holmstrom, que impulsionou a difusão internacional das terminologias, sendo o primeiro a reivindicar um órgão internacional que se ocupou dessa disciplina (CABRÉ, 1993, p.27).

Cabré (1993, p.28) baseia-se na classificação proposta por Auger (1988) para apresentar quatro etapas que foram fundamentais para a Terminologia moderna: as origens (de 1930 a 1960), a estruturação (de 1960 a 1975), a eclosão (de 1975 a 1985) e a expansão (desde 1985).

A fase inicial (as origens) é marcada pelo surgimento dos primeiros textos teóricos sobre os métodos de trabalho terminológico, escritos por Eugen Wüster (na Alemanha) e Lotte (na ex-URSS), considerando o caráter sistemático dos termos. O próprio Wüster pôde confirmar a racionalidade e a adequação dos métodos propostos por ele, quando elaborou o dicionário *The Machine Tool*, publicado em 1938.

A segunda fase (a estruturação) está basicamente ligada ao desenvolvimento da microinformática e das técnicas documentárias que impulsionaram as pesquisas terminológicas, dando origem aos primeiros bancos de dados. É nesse período, também, que se inicia a organização da Terminologia em âmbito internacional, com o objetivo de elaborar os fundamentos para uma relação mais estreita entre a terminologia e o processo de normatização dos termos.

A terceira fase (a eclosão) é caracterizada pelo reconhecimento da importância da Terminologia no processo de modernização de uma língua e da sociedade que a utiliza. Os projetos de planificação linguística, que incluem a Terminologia, proliferam e a expansão do uso da microinformática provoca uma mudança nas condições do trabalho terminológico e no tratamento dos dados.

A quarta fase (a expansão) aconteceu a partir de 1985 (e ainda continua), caracterizando-se pela expansão territorial e científica da Terminologia. Assim, a Informática passou a ser uma ferramenta importante para a Terminologia e a principal responsável pelas mudanças, tendo em vista que, com a utilização dos recursos computacionais, o terminólogo

passa a contar com instrumentos e recursos de trabalho mais adaptados às suas necessidades e, também, mais eficazes. Além disso, novos programas (*softwares*) são criados para facilitar e agilizar o trabalho do terminólogo, tornando-se, muitas vezes, imprescindíveis para a prática terminológica.

Consolidaram-se, assim, a expansão de obras terminográficas especializadas em domínios vários, criando-se novas perspectivas com o desenvolvimento da indústria da língua, organizando-se redes internacionais que facilitaram a cooperação e o intercâmbio científicos, e favorecendo a colaboração internacional na formação de terminólogos. Em decorrência, o léxico especializado passou a ser compreendido como componente natural das línguas naturais com todos os efeitos que o funcionamento da língua acarreta.

Tal como sabemos, essa nova visão refuta muitos dos postulados da escola de Viena, cujos fundamentos começam a ser revistos criticamente, provocando uma tensão consubstanciada na valorização dos aspectos linguísticos e comunicacionais dos termos técnico-científicos. Desde 1971, a UNESCO mantém o Centro Internacional de Informação Terminológica (INFOTERM), cuja função é difundir informações sobre publicações terminológicas, bibliotecas e centros de documentação especializada em Terminologia.

Diante desses novos posicionamentos, consolida-se, pioneiramente, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), com um corpo de proposições teóricas, formulado por Maria Teresa Cabré e o grupo IULATERM, da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona. A TCT não apenas privilegia a natureza linguístico-comunicativa dos termos, mas postula sua constituição poliédrica (KRIEGER & BEVILACQUA, 2005, p. 02).

Paralelo a isso, citando Barros (2004. p. 33), a partir de 1980, os estudos terminológicos passaram a ser desenvolvidos no Brasil, destacando-se a atuação do Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPLL), que, em 1988, incorporou a Terminologia ao GT de Lexicologia e Lexicografia, oficializando os estudos que já vinham sendo realizados por alguns integrantes do GT nessa área, contribuindo para o incremento das pesquisas terminológicas nas diversas universidades brasileiras.

Destaca-se, também, em 1987, em Brasília, o Primeiro Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica, realizado juntamente com o II Simpósio Ibero-Americano de Terminologia. Esses eventos consolidaram as pesquisas terminológicas no Brasil e na América Latina. Em 1992, com a criação da Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia, apoiada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABTN) e pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), as pesquisas

terminológicas se consolidam definitivamente e recebem novo impulso no sentido de divulgar e difundir as pesquisas fora do País.

Outro fato importante que contribuiu para o incremento das pesquisas terminológicas no Brasil foi, conforme afirma Faulstich (1995, p.279), a criação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), que colaborou no desenvolvimento de terminologias nacionais, dando enfoque às línguas espanhola e portuguesa que foram conquistando espaço e passaram a ser focalizadas como línguas de intercomunicação da ciência e da cultura. Com a criação do banco terminológico do MERCOSUL, surgiram projetos de pesquisa de forma cooperativa, contribuindo para a expansão da disciplina, tanto em nível de graduação como em pós-graduação.

## 1.2 ESCOLAS CLÁSSICAS DA TERMINOLOGIA

A repercussão dos vocabulários especializados produzidos nas primeiras décadas do século XX despertou interesse pelos estudos terminológicos em diversos países da Europa, dando origem à criação de centros de base linguística voltados para os estudos terminológicos. Dentre os mais importantes, destacam-se as Escolas de Terminologia de Viena, de Praga e de Moscou.

A Escola de Viena, que teve como fundador Eugen Wüster (1898-1977), foi uma das que mais se destacou, impulsionada pela publicação, em livro, de sua tese de Doutorado *Internationale Sprachnormung in der Technik* (A normalização internacional da terminologia técnica) em 1931, que representa um marco para a evolução da ciência terminológica. Baseado nessa tese, Wüster desenvolveu a TGT (Teoria Geral da Terminologia), que trata da normatização internacional da linguagem técnica. Sua obra desperta o interesse, principalmente dos soviéticos, que, em 1935, traduzem-na para o russo. Ela influenciou, também, na criação da Associação Internacional de Normalização (ISA), atual ISO, que teve como objetivo a elaboração dos princípios terminológicos. Dessa forma, calcada nos princípios teóricos da TGT, a Escola de Viena centrou sua atenção nos estudos dos conceitos, direcionando seus trabalhos para a normatização das noções e termos. Wüster visava à

monossemia absoluta do termo; o objetivo era o da univocidade entre o conceito e o termo que o designa (um único termo pode designar um conceito).

A Escola de Moscou foi fundada em 1933 pelo terminólogo D.S. Lotte (1889-1950) e pelo engenheiro especialista em aerodinâmica e membro da Academia de Ciências, Prof. S. A. Caplygin. Lotte foi responsável pela publicação de vários trabalhos sobre os aspectos teóricos e metodológicos da Terminologia. Motivada pela situação do plurilinguismo, instalado na antiga União Soviética, devido à sua posição geopolítica, essa Escola interessou-se, sobretudo, pela normalização dos conceitos e dos termos. Uma de suas características foi a promoção de vários eventos, destacando-se o Simpósio Internacional sobre os Problemas Teóricos e Metodológicos da Terminologia, realizado em 1979 pela Academia de Ciência da URSS. A escola soviética sobressaiu por sua concepção linguística da Terminologia, menos filosófica e lógica que a austríaca. Segundo Lotte, os termos e as línguas de especialidade estão inseridos em um contexto sociocultural, considerando-se, no contexto e no discurso, que o termo é investido de valor.

A Escola de Praga, fundamentada pela linguística funcional e, principalmente, pelas teorias estruturalistas de Saussure, dedicava-se à investigação teórica e aplicada da Terminologia. Seu objetivo era a investigação da linguagem-padrão como instrumento de comunicação, em todas as áreas da vida social e, em particular, na área da cultura, da civilização e da tecnologia. A então Checoslováquia constituiu importante centro de estudos terminológicos desenvolvendo pesquisas.

É válido lembrar que os trabalhos produzidos por essas três escolas contribuíram para a disseminação dos princípios teóricos e metodológicos da Terminologia em diversos países, que passam a se interessar e a se preocupar em desenvolver pesquisas visando uma planificação linguística e terminológica das línguas de especialidades.

A tomada de consciência, tanto pelos países desenvolvidos como pelos países em desenvolvimento, da importância da Terminologia enquanto ferramenta linguística básica de comunicação entre especialistas e, portanto, vital para troca de conhecimento e transferência de tecnologia, conduz à criação de organismos de cooperação internacional em Terminologia.

A Escola de Viena não se aproximou muito dos estudos linguísticos porque lidava com termos padronizados e não com palavras, com conceitos e com conhecimentos e não com significados de palavras "comuns". A proposta wüsteriana foi, na sua origem, desenhada para as engenharias e tecnologias, sendo compreensível que ela tenha tomado como parâmetro a formalização dessas linguagens.

### **1.3 AS DIFERENTES CORRENTES DA TERMINOLOGIA**

### 1.3.1 A Teoria Geral da Terminologia

A Terminologia, vista do conjunto, é uma área de estudos recente da década de 1950. Do modo como foi pensada por seu fundador, Eugen Wüster (1898-1977), constituía uma matéria autônoma, definida como um campo de intersecção conformado pelas ciências das coisas e por outras disciplinas como a Linguística, Lógica, Ontologia e Ciências da Informação.

Em 1968, E. Wüster participou mais ativamente de organizações internacionais de padronização terminológica e publicou um dicionário bilíngue sobre a terminologia das máquinas-ferramentas, fruto de vários anos de trabalho e intensas pesquisas.

Engenheiro de formação, professor honorário da Universidade de Viena, linguista e filósofo dileitante, Eugen Wüster acreditava no potencial do Esperanto como língua universal. Para ele, o empreendimento de uma Teoria Geral da Terminologia (doravante TGT) tinha um motivo estritamente prático e compatível com seu grande entusiasmo esperantista: a necessidade de técnicos e cientistas padronizarem, denominativa e conceitualmente, suas disciplinas com vistas a garantir a comunicação profissional e a transferência de conhecimentos com o máximo de precisão e o mínimo de ambiguidades.

Nesse contexto, e para melhor entendimento deste estudo, é importante lembrar os princípios gerais da TGT, segundo Cabré (1999, p.111):

- a) A Terminologia é concebida como uma matéria autônoma e auto-suficiente, isto é, dotada de fundamentos próprios, embora conectada a outras disciplinas, como a Linguística, a Lógica, a Ontologia e a Informática.
- b) O objeto de estudo da TGT está representado nos termos concebidos como unidades específicas de um campo de especialidade e de uso circunscrito a esse campo.
- c) Os termos são definidos como unidades semióticas, compostas de conceito (noção) e de denominação, cuja identidade só se justifica dentro de um campo de especialidade.
- d) O sistema nocional é fundamental em Terminologia. Primeiramente, classificam-se as noções para, em seguida, classificar suas denominações. Assume-se, então, que a noção precede a denominação.
- e) Um sistema de noções é um sistema lógico, estruturado hierarquicamente ao longo de dois eixos: um horizontal (que estabelece a compreensão da noção) e outro vertical (que estabelece sua extensão). É sob esse aspecto que a Terminologia participa da Lógica e da Ontologia.

f) Os conceitos de um mesmo âmbito especializado mantêm, entre si, relações de diferentes tipos. O conjunto dessas relações entre os conceitos constitui a estrutura conceitual de uma matéria.

g) A univocidade é uma característica fundamental do termo. A relação que se estabelece entre noção e denominação é sempre monorreferencial, rejeitando-se a sinonímia. Surge, daí, a necessidade de normalização, da unificação internacional de termos e de noções.

h) A definição é fundamental em Terminologia. Ela serve para delimitar a noção.

i) A documentação constitui tarefa indispensável a todo trabalho terminológico.

Como consequência, ignoram-se os aspectos sintáticos e comunicativos dos termos, nega-se a variação semântica e não se considera a evolução dos conceitos. Pode-se dizer, então, que o caráter idealista da TGT está ancorado nos seguintes pressupostos (CABRÉ, 1999, p. 117):

a) o conceito preexiste à expressão;

b) o conhecimento científico e técnico é universalmente uniforme;

c) a estruturação de um âmbito especializado é única em todos os grupos e contextos;

d) todos os âmbitos especializados podem ser estruturados por consenso;

e) o conhecimento científico é neutro;

f) a comunicação profissional está livre de obstáculos mediante o consenso que conduz ao uso dos termos normalizados;

g) o termo normalizado representa as características pertinentes mais significativas para todos os grupos e contextos.

Ainda citando Cabré (1999, p. 129), é bom lembrar que a TGT é uma teoria sistemática e coerente, válida para resolver um tipo de comunicação: a comunicação estandardizada; entretanto essa teoria utiliza uma série de princípios pouco satisfatórios no âmbito da comunicação real, já que a comunicação estandardizada é apenas uma das possibilidades da comunicação.

Diante desses princípios, caracteriza-se a visão onomasiológica da TGT, contestada, atualmente, em razão de suas proposições normalizadora e prescritiva. Também, a proposta wüsteriana centra-se basicamente no conceito e nas relações conceituais, visando chegar às denominações dos conceitos estabelecidos.

### 1.3.2 Teoria Comunicativa da Terminologia

A Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT –, proposta por Cabré (1999, p. 131), é concebida como um *campo interdisciplinar*, constituído com base em três teorias: uma *teoria do conhecimento*, que deve explicar como se conceptualiza a realidade; uma *teoria da comunicação* que descreva, a partir de critérios explícitos, os tipos de situações que podem ser produzidas; e uma *teoria da linguagem* que dê conta das unidades terminológicas propriamente ditas, que fazem parte da linguagem natural e participam de suas características, explicando como ela é ativada na comunicação.

De acordo com Cabré (1999, p. 126),

[...]a Teoría Comunicativa de la Terminología, requiere que, tanto desde el punto de vista teórico como desde el metodológico, se contemple la variación lingüística en toda su dimensionalidad, se asuma la condición de adecuación de los términos y se integren los aspectos psicolingüísticos implicados y los elementos sociolingüísticos relacionados.<sup>5</sup>

A Teoria Comunicativa da Terminologia, conseqüentemente, contempla a variação linguística em toda a sua dimensionalidade, tanto o conhecimento especializado quanto os textos especializados, assim como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em distintos níveis de representação. Só assim, os termos podem explicar-se em toda sua realidade comunicativa e representacional e a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade.

Convém esclarecer que optar teoricamente pela TCT implica fazer determinadas escolhas metodológicas durante todas as etapas de construção de um produto terminológico (glossário, dicionário, mapa conceitual, listas de termos com ou sem equivalência, etc.), etapas que incluem desde a elaboração do *corpus* até a organização do verbete (ALMEIDA, 2006, p. 01).

Almeida (2006, p.01) observa que essa influência da TCT, no Brasil, não é sem razão, pois, por ela ser uma teoria descritiva de base linguística, parece muito mais adequada ao contexto brasileiro: país monolíngue com grande variedade dialetal. Só mesmo uma teoria descritiva poderia explicitar as especificidades das terminologias aqui praticadas. Essa autora

---

<sup>5</sup> A teoria Comunicativa da Terminologia requer que, tanto do ponto de vista teórico como do metodológico, contemple-se a variação linguística em toda sua dimensionalidade, e se assumam a condição de adequação dos termos, integrando os aspectos psicolingüísticos implicados e os elementos sociolingüísticos relacionados. (tradução nossa)

(2006, p. 02) acrescenta que, apesar do embasamento teórico da pesquisa ser a TCT, a prática terminológica ainda se aproxima muito da concepção clássica da terminologia, que estabelece algumas características fundamentais: i) a prioridade do conceito em detrimento do termo; ii) a precisão do conceito, o que retoma, de certo modo, a eliminação da ambiguidade e a busca da univocidade; iii) a consequente abordagem onomasiológica, já que toda a atividade terminológica parte do conceito; iv) a proeminência do nível lexical, em detrimento dos demais níveis de descrição linguística (morfológico, sintático, textual, discursivo); e, finalmente, v) a prescrição.

É conveniente ressaltar que um projeto terminológico vinculado teoricamente à TCT deve refletir, na sua prática, os seguintes pressupostos gerais: a) o objeto central da Terminologia constitui as unidades terminológicas e não os conceitos. Eleger as unidades como objeto central significa reforçar uma perspectiva linguística e uma abordagem semasiológica; b) não há uma diferença, *a priori*, entre termo e palavra; o que existe são signos linguísticos que podem se realizar no discurso como termo ou palavra, dependendo da situação comunicativa; c) os níveis lexical, morfológico, sintático e textual podem veicular conhecimento especializado; d) os termos devem ser observados no seu ambiente natural de ocorrência, ou seja, nos discursos especializados; e) a variação conceitual e denominativa deve ser considerada; f) do ponto de vista cognitivo, as unidades terminológicas: i) estão subordinadas a um contexto temático; ii) ocupam um lugar preciso num mapa conceitual; iii) o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam nesse mapa (CABRÉ, 2003, *apud* ALMEIDA, 2006, p. 86)

O que se observa, de acordo com Almeida (2000, p. 35), é que a TCT pretende estabelecer os fundamentos de uma teoria mais ampla da Terminologia, de forma a instrumentalizar-se mais e melhor para conseguir estudar e escrever, completa e suficientemente, os objetos terminológicos: “Solo así, la terminología del deseo pasa a ser efectivamente la terminología de la realidad”<sup>6</sup> (CABRÉ, 1999, p. 126).

---

<sup>6</sup> “Somente assim, a terminologia do desejo passa a ser, efetivamente, a terminologia da realidade” (tradução nossa).

## 1.4 LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE

É sabido que as Línguas de especialidade constituem campo de pesquisa próprio da Terminologia. Durante anos as línguas (ou linguagens) de especialidade foram entendidas como subsistemas linguísticos, que compreendem o conjunto dos meios linguísticos próprios de um campo da experiência (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.) e se caracterizavam como subconjuntos da língua geral, o que pode ser percebido nos estudos de Boutin-Quesnel (1985). Hoje, porém, prefere-se falar de sistema de comunicação oral ou escrita usada por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento.

Barros (2004, p. 43) salienta que as línguas de especialidade, também chamadas tecnoletos, seriam subsistemas dessa língua geral, próprios de discursos técnicos, científicos e especializados.

Todavia, ao consultarmos Hoffmann (1988), confirmamos que o trabalho terminológico não deveria se restringir às terminologias de uma determinada especialidade, mas deveria tratar conjuntamente aspectos textuais, sintáticos e lexicais, além de fatores extralinguísticos. Assim, tomando como inspiração algumas das ideias desse autor, Krieger e Finatto (2004, p.191) observam o texto/discurso especializado sob uma perspectiva léxico-textual e entendem que o texto pode ser descrito a partir de dois níveis estruturais: o nível macroestrutural e o nível microestrutural.

Nessa perspectiva, a linguagem especializada apresenta-se como um sistema que se atualiza em textos. Na vertente textualista dos estudos terminológicos, termos e textos não são desvinculados, já que a linguagem “técnica” é observada a partir de sua apresentação no texto: estuda-se um todo que contém unidades, não as unidades isoladas que constituem o todo.

Barros (2004, p.34), no seu livro *Curso Básico de Terminologia*, emprega “T” maiúsculo para designar o estudo científico e “t” minúsculo para designar o conjunto de termos de uma língua de especialidade.

Krieger & Finatto (2004, p.16) afirmam que a terminologia é um elemento inerente às chamadas comunicações especializadas, as quais são tradicionalmente associadas à redação de artigos científicos, teses, resenhas, manuais, textos especializados em geral. Dessa forma, nesta pesquisa, apropriamo-nos do conceito de Krieger (2002), que reconhece o texto especializado como o *habitat* natural das terminologias.

Assim, a partir do momento em que se reconhece que o texto especializado é o *habitat* natural das terminologias, algumas vertentes da Linguística Textual, sobretudo as de

influência germânica (BRINKER, 1988; ISENBERG, 1983; HEINEMANN, VIEHWEGER, 1991) mostram-se especialmente produtivas. Isso porque muitos de seus autores já haviam se dedicado ao estudo do texto técnico-científico.

Nasceu, então, dessa compreensão e do desafio de ultrapassar as análises morfossintáticas, oracionais e frasais, uma Terminologia que podemos qualificar como "textual" e que, obviamente, já vinha acompanhando o movimento da Linguística Textual, especialmente, desenvolvida entre 1976 e 1984 (FINATTO, 2004, p. 347).

É importante frisar que a linguagem usada no discurso de cada área do saber é chamada de linguagem especializada (ou estudo da Fachsprache), linguagem usada para fins (propósitos) especiais. Portanto, a unidade da língua comum é a palavra e a unidade da língua especializada é o termo.

## 1.5 TERMINOLOGIA

É notório o panorama econômico que se abre com a chegada do período denominado industrial: a explosão da técnica, a produção de bens de grande escala ou a internacionalização das inter-relações comerciais propiciam um novo contexto, no qual as línguas têm que desempenhar um papel adequado.

Para Cabré (1999, p. 18), "el término terminología, nos remite a tres nociones: a) a la disciplina, b) a la práctica, y, c) al producto generado por esa práctica".<sup>7</sup> Nesse âmbito, Cabré (2008, p. 366-367) descreve que não se trata apenas de mantê-las codificadas, com vistas a sua futura estabilização, mas, também, atualizadas, a fim de serem úteis para todos os usos, dentre os quais, encontram-se os usos profissionais.

Somente assim, ainda citando Cabré (1996, p. 37), poder-se-á assegurar uma comunicação interlinguística confiável: "Para los especialistas, la terminología es el reflejo formal de la organización conceptual de una especialidad, y un medio inevitable de expresión y de comunicación profesional."<sup>8</sup>

Para Maria Teresa Cabré (1998, p. 2), a teoria wüsteriana estabelece objeto e método de análise bastante restritos, de tal forma a limitar o léxico a unidades de sentido próprias de grupos técnico-científicos. Assim, o estudo terminológico reduz-se à enumeração de conceitos

---

<sup>7</sup> "O termo terminologia remete-nos a três noções: a) à disciplina, b) à prática, e, c) ao produto gerado por essa prática."

<sup>8</sup> "Para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional." (tradução nossa)

referentes às palavras utilizadas por determinadas categorias profissionais, preocupados em assegurar a univocidade do grupo.

Na década de 1980, Alain Rey (1979, p. 3) traz um pensamento fundamental, ao asseverar que na “[...] origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido.” Consequentemente, a Teoria Comunicativa da Terminologia contempla a variação linguística em toda sua dimensionalidade, além de estipular que o conhecimento especializado, os textos especializados e as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação.

A concepção de domínio de conhecimento, como contexto que confere especificidade terminológica a uma unidade lexical, desvincula as projeções do conhecimento de sua materialidade e de seu funcionamento discursivos, ao modo de uma dicotomia entre linguagem e pensamento, conforme relata Krieger (2000, p. 16). Mais do que cruzar a fronteira do estático, isso significa acolher o dinamismo e a complexidade dos fatos da linguagem. Assim, a passagem do domínio, ou seja, do privilégio aos esquemas conceituais das ciências e das técnicas, para o texto e o discurso, consiste em um dos mais importantes pontos de reversão dos estudos terminológicos.

O principal objetivo da Terminologia, para Lorente (2004, p. 29), é dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas.

Não obstante, Cabré (1999, p. 19-20) afirma que a terminologia se ocupa dos termos de especialidade. A autora acrescenta que, para a filosofia, a terminologia é um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado. Para as diferentes disciplinas técnico-científicas, a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que permitem transferir o pensamento especializado.

Diante de tais argumentos, ressalta-se que a necessidade de sistematizar ou harmonizar terminologias deve surgir do próprio grupo. A vontade de entender o outro e de fazer-se entender, condicionada à necessidade de comunicar-se de maneira unívoca e rigorosa, sobretudo em situações em que a precisão é mais importante que a expressividade faz com que determinado domínio de especialidade, representado por grupos de especialistas, busque soluções para tornar mais eficaz a comunicação. A terminologia é o reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional.

Krieger (2000, p.16) reconheceu a inestimável contribuição da teoria clássica da terminologia que, entre outros valores, auxiliou a determinar seu objeto específico – o léxico terminológico – consolidando esse campo de conhecimento. Essa autora (1998, p. 228) analisa que considerar peculiaridades constitutivas dos discursos especializados corresponde a outra importante reversão dos paradigmas clássicos da terminologia que opera com "o conceito de domínio, estrutura estática e conteudística, mesmo que os conteúdos apareçam hierarquizados." Em virtude do recorte específico estabelecido no interior do léxico geral, a terminologia adquiriu uma identidade própria e independente em relação à lexicologia e à lexicografia.

Entende-se, então, que a terminologia apóia-se nos termos, palavras próprias de um campo de especialidades ou de um domínio profissional, e os termos ou unidades terminológicas representam as unidades de base da terminologia. A linguística não pode desconsiderar os termos, pois eles representam a vitalidade própria do funcionamento das línguas, conforme veremos a seguir.

## **1.6 TERMO**

Ao consultarmos a ISO 1087 (BARROS, 2004, p. 34), confirmamos que a terminologia tem como unidade-padrão o termo, definido pelos organismos internacionais de normalização como designação, por meio de uma unidade linguística e de um conceito definido em uma língua de especialidade. Barros (2004, p. 34) complementa esclarecendo que o termo é uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico e é, também, chamado de unidade terminológica. Assim, o conjunto de termos de uma área especializada chama-se conjunto terminológico ou terminologia.

Os termos, embora estejam tradicionalmente associados a uma só categoria básica, que é a nominal, quando aparecem no discurso, podem assumir outras categorias gramaticais, conforme afirma Cabré (1999, p.135). A autora reitera, ainda, seu ponto de vista (1993, p.180), ao afirmar que, funcionalmente, os termos participam das mesmas categorias que o léxico comum, ainda que as palavras eminentemente funcionais, como: preposições, conjunções, artigos e pronomes não comportem caráter terminológico. Não se deve esquecer, portanto, que o termo pode ser analisado em seus diferentes aspectos: do ponto de vista do significante e do significado, das relações de sentido que mantêm com outros termos

(sinônimos, homônimos etc), de seu valor sociolinguístico (usos, preferências, conotações, processo de banalização etc) e outros.

Krieger (2004, p. 75) considera a unidade terminológica, simultaneamente, tanto como elemento constitutivo da produção do saber, quanto como componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada. Alain Rey (1979, p. 22) argumenta que nome é o objeto mesmo da Terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição corresponde a uma noção (conceito), analisável em compreensão. Sob esse viés, Rey ratifica afirmando que um nome tem direito ao título de termo quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia.

Na esteira de Rondeau (1984), pontuamos que o termo se faz evidente no sentido de que, para uma noção dada, há, teoricamente, uma única denominação. Essa característica do termo está fundamentada na terminologia da relação de univocidade entre denominação (significante) e noção (significado, relação do tipo reflexiva).

Dentro dessa perspectiva, para Gouadec (1990), o termo caracteriza-se como uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo, ou seja, é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido e, raramente, se confunde com a palavra ortográfica. O mesmo autor ainda nos chama a atenção para outra particularidade dos termos, ou seja, sua não coincidência formal com as palavras dada a formação morfossintática complexa, predominante no componente lexical especializado. Entende-se, então, que o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, visto que as denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isso que as torna pertinentes terminologicamente.

É importante frisar que Krieger & Finatto (2004, p.78) acrescentam, também, que um termo é, antes de uma unidade linguística, uma unidade de conhecimento, cujo valor se define pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma especialidade.

Ainda, valemo-nos de Cabré (1993, p.119) ao afirmar que os termos

[...] não formam parte de um sistema independente das palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados de outras perspectivas e compartilham com outros signos de sistemas não linguísticos o espaço da comunicação especializada.

Assim, ao circularem em inúmeros cenários comunicativos, não permanecendo mais restritos aos intercâmbios profissionais, os termos passaram a integrar o léxico geral dos falantes de uma língua, mesmo sofrendo perdas em suas densidades conceituais. Nessa linha de pensamento, é válido esclarecer que o conjunto das terminologias constitui um subcomponente do léxico geral, formando uma língua à parte, denominada língua de especialidade.

Segundo Cabré (1999), os termos são unidades singulares, às vezes, similares a outras unidades de comunicação, admitindo variação conceitual e denominativa, considerando a dimensão textual e discursiva dos termos. Não obstante, Ciapuscio (1998) considera o termo como uma unidade linguístico-comunicativa, resultado de determinada conceitualização por parte de um falante e, simultaneamente, oferta de interpretação para seus eventuais destinatários. Desse modo, entende-se que o termo compreende tanto uma vertente conceitual, expressando conhecimento e fundamentos dos saberes, quanto uma face linguística, determinando sua naturalidade e integração aos sistemas linguísticos.

Em contrapartida, de acordo com Barros (2004, p. 42), um termo está sempre associado a um conceito, pois cada termo representa um conceito da estrutura de um determinado domínio especializado. Dessa maneira, os conceitos (representados pelos termos) não ocorrem isoladamente, mas relacionam-se uns com os outros, com os quais compartilham alguma coisa característica, formando, assim, um sistema conceptual. É importante esclarecer que o termo é tido, aqui, inicialmente, apenas como aquela palavra, sintagma ou conjunto de palavras dotadas de uma significação especializada, ou seja, de uma área de conhecimento, no âmbito das comunicações técnico-científicas (FINATTO, 2001, p. 22).

Concluindo, vale dizer que Cabré (1999, p. 19) explica que, para a linguística, os termos se caracterizam como o conjunto de signos linguísticos que constituem um subconjunto dentro do componente léxico da gramática do falante, representando, portanto, uma maneira de saber.

A Terminologia wüsteriana vê o termo na dimensão unilateral de elemento do sistema cognitivo, como unidade semiótica composta de conceito e denominação, circunscrita dentro de um campo especializado (MACIEL, 2001, p. 43). O que nos permite entender, portanto, que os termos são as unidades de base da terminologia e designam os conceitos próprios de cada domínio do saber; assim sendo, cada área específica do conhecimento possui terminologia própria.

## 1.7 LÉXICO

Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas, aos animais, às descobertas, aos inventos, sendo que a cada nova invenção, surgem novos termos. Dessa maneira, o universo lexical das línguas transformou-se, ampliando-se, o mesmo sucedendo com o conjunto terminológico que cresceu em maior proporção. Portanto, partimos do princípio de que o

[...] léxico é o nível da língua que melhor documenta o modo como um povo vê e representa a realidade em que vive, pois o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história. O repertório lexical de uma comunidade linguística renova-se, transforma-se à medida que atuarem sobre ele fatores históricos, geográficos, culturais (ISQUERDO, 2003, p.165).

Como se sabe, as novas exigências de comunicação, sobretudo escrita, tornaram necessária a constituição de uma língua padrão, conduzindo a um importante trabalho de descrição linguística, de codificação da língua, de normalização de terminologias, de elaboração e de difusão de obras de referência em forma de gramáticas, de dicionários, de léxicos ou de manuais de todo tipo, desde manuais de pronúncia até manuais de dificuldades ortográficas. Desse modo, a consolidação da sociedade industrial passou pela padronização linguística e pela aquisição do vocabulário especializado, capaz de inserir o proletariado da época na nova ordem econômica e social. As características da sociedade atual explicam o grande desenvolvimento da Terminologia no século XX, como disciplina científica que estuda as línguas de especialidade e o conjunto vocabular de campos específicos (BARROS, 2004).

A existência de dicionários temáticos monolíngues já é atestada desde 2600 a.C., feitos pelos sumérios em forma de tijolos de argila. Neles encontravam-se termos relacionados a profissões, gado, objetos comuns e divindades.

É nesse contexto que a necessidade de referir-se a um conjunto de palavras que designam elementos próprios de um determinado campo do saber começa a se manifestar, de modo mais claro, a partir do Renascimento. Pode-se entender, então, que o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de unidades fraseológicas.

Convém lembrar, citando Biderman (2001, p.37), que “não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma”; a autora acrescenta que “um dos maiores defeitos dos dicionários tradicionais é o fato de não se fundamentarem em uma teoria lexical, fato esse que pode explicar o porquê de unidades complexas do léxico estarem assistemática e inadequadamente registradas nos dicionários da Língua Portuguesa”

Nesse viés, é importante ressaltar que o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (ISQUERDO; OLIVEIRA, 1998, p.11)

Esse processo de nomeação gerou o léxico das línguas naturais. A concepção de língua e uma determinada avaliação do papel do léxico frente ao todo da língua, subjacente a cada empreendimento lexicográfico, modelará a apresentação de cada obra e decidirá o que deve ser privilegiado ou destacado (BEVILACQUA; FINATTO, 2006).

Para Biderman (1978, p. 139), “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, ao que Isquierdo (1998, p.89) complementa, afirmando que “investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade”.

Ressalta-se que três ramos do saber se ocupam do estudo do léxico: *a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia*. A primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico; a segunda está voltada para as técnicas da elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. A terceira tem, como objeto de estudo, o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades. Para Biderman (1981, p. 138), o léxico “é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extra-linguístico”. Conforme essa autora (1998, p. 178), “é preciso desvendar o mistério de como se estrutura o léxico da nossa língua”.

Nesse domínio, pode-se concluir que é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem. Desse modo, o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao nomear as entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente.

Também, ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 1998).

Ainda conforme Biderman (1978, p. 139), evidencia-se que a estrutura da língua sofre a ação de seus usuários de acordo com as práticas (e os contextos) socioculturais em que eles estão inseridos, a saber: espaço geográfico em que vivem; camada social (socioeconômica) em que se enquadram os grupamentos humanos do qual fazem parte, faixa etária, entre outros – características reveladas, especialmente, no léxico utilizado. A autora acrescenta, ainda, que os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Nesse processo, o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. Assim, estabelecida a relação entre língua e cultura, o estudo lexical permitirá compreender os aspectos ideológicos e as visões de mundo de uma sociedade.

A construção e a evolução constantes dos modelos teóricos são necessárias para dotar-nos de ferramentas metodológicas (sempre abstratas) que nos auxiliem nas tarefas de representação de dados e na descrição de fenômenos linguísticos, segundo Lorente (2004). Sobre as referidas relações em análise sobre o vocabulário dos seringueiros acreanos, Isquierdo (1998, p. 89) afirma que o

[...] estudo do léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.

Convém lembrar, de acordo com Biderman (2001, p. 13), que o léxico de uma língua é o conjunto de palavras criadas e assimiladas pelo homem no decorrer da história e é influenciado pela interação entre o homem e o seu meio, pois a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade. Acrescenta, ainda, que o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. É dessa tensão em movimento que se origina o Léxico. Em face disso, o homem constrói o léxico de sua língua e o utiliza para interagir com a sociedade.

No que diz respeito ao léxico, vale esclarecer que ele pode definir um grupo social, uma vez que é por meio dos vocábulos empregados pelos indivíduos em suas relações que se

percebe o contexto social, histórico e cultural em que o sujeito está inserido. Portanto, os indivíduos constroem a sua história através da língua, descrevendo os fatos.

## 1.8 PALAVRA

É conveniente ressaltar que, desde os gregos, a palavra foi considerada como a unidade significativa de articulação do discurso. De acordo com Quemada, palavra é utilizada como um termo genérico, aplicável para nomear unidades discretas da cadeia escrita e separadas por dois espaços em branco (ALVES, 1999, p. 69).

Normalmente, os dicionários de língua definem a palavra como um conjunto de sons articulados, de uma ou mais sílabas, com uma significação. Barros (2004) complementa comentando que a palavra é uma unidade léxica ( ou unidade lexical), é um signo linguístico composto de expressão e de conteúdo, que pertence a uma das grandes classes gramaticais (substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio).

Para explicar “a unidade léxica e a realidade psicolinguística da palavra”, Biderman (2001, p. 99-102) menciona a forma como se efetua a aquisição do signo linguístico, lembrando que a palavra é uma entidade psicolinguística primordial, uma vez que articula o discurso humano: “[...] se as primeiras manifestações de uma linguagem articulada significante são sempre palavras isoladas, com valor de sentenças, então a palavra é uma entidade psicolinguística primordial, a primeira que articula o discurso humano”. Lembra, ainda, que em certos tipos de afasias o discurso acaba por se desintegrar.

Sobre isso, Biderman (2001, p. 105-108) pontua que, após várias tentativas de conceituação do termo palavra, Bloomfield a identifica como uma forma livre mínima e a opõe ao sintagma “forma livre não-mínima”. Em seguida, Harris, num estudo clássico *From Morpheme to Utterance* (Do morfema ao Enunciado), propõe um modelo operacional em que o morfema constitui o instrumento básico da análise linguística. O discurso não seria mais uma cadeia de morfemas.

É sabido que, nas décadas de cinquenta e sessenta, do século passado, a hipótese de Sapir-Whorf sobre a conceptualização da realidade, que se revela nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas, foi muito divulgada em meio a linguistas e antropólogos. A natureza da unidade léxica é um problema do qual Biderman (2001, p.109-110) se utiliza para aplicar alguns dos postulados de Whorf – considerado discípulo de Sapir – sendo que para este, a

língua socialmente formada influencia a maneira pela qual a realidade é concebida pela sociedade. De acordo com a teoria desse estudioso, a percepção que o indivíduo tem da realidade é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, tendo, então, a oportunidade de escolhas de interpretação do real. Embora essas ideias sejam de Sapir, foi Whorf quem a desenvolveu, formulando-as de maneira menos abstrata, aplicando-a a línguas indígenas da América, como o Hopi. De acordo com a teoria de Whorf, só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua (BIDERMAN, 2001, p.109-110.)

Ainda nesse âmbito, o autor menciona que todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Nessa linha de raciocínio, Whorf defende que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.

Considerando a palavra o elemento central da língua, ela é o objeto principal da Lexicologia e da Lexicografia, ainda que não se adote a perspectiva da Linguística Clássica, considerando a palavra o elemento central da língua. A palavra na sua face semântica é o objeto principal da Lexicologia e da Lexicografia.

Biderman (2001, p.137-155) complementa que a definição e a delimitação da unidade léxica não podem prescindir do critério semântico. Segundo ela, a fonologia nos auxilia a reconhecer segmentos coesos fonicamente, a gramática nos leva a identificar as formas linguísticas manifestas nesses segmentos, e a semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica expressa no discurso.

Z. Harris, citado por Biderman (2001, p. 108), manteve-se fiel à sua teoria formalista de análise do enunciado. Para o método de Harris, a palavra é um conceito irrelevante, razão por que foi marginalizada por essa teoria. No sistema abstrato que é a língua, distinguem-se dois módulos componentes: 1) o Léxico e 2) a Gramática. Assim, as palavras são elementos da língua e não da fala; são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico. A Palavra era cognada por Diego (1966) como fantasma da linguagem. Biderman (2001, p.100) adiciona, ainda, que a palavra varia conforme o nível de consciência do falante. Se interrogarmos um homem médio sobre o que significa a palavra para ele, é bem provável que diga que é com palavras que se formam frases.

A palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. As unidades lexicais só se tornam termos quando são definidas e empregadas em textos de especialidade. Conforme Biderman (1999, p.81-82), o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto;

ele é relativo e varia de língua para língua. Para Dionísio da Trácia a sentença tinha “como seus elementos mínimos um conjunto de palavras [gramaticiais]” (BIDERMAN, 2001, p. 99). A autora esclarece que a palavra assume nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes, os entes e os acontecimentos; por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder. Tal como é mencionado pela estudiosa (2001, p. 114): “a nossa tese é de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua”.

Nesse viés, Biderman (2001, p. 151) considera a palavra como uma unidade semântica indecomponível; se existem unidades gramaticais significantes, menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma; a palavra é a unidade semântica mínima do discurso.

Nessa perspectiva, é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. Portanto, pode-se concluir que a designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem.

A língua é um produto social que serve de meio de comunicação entre pessoas que vivem em sociedade. Se levarmos em conta a necessidade de comunicação entre os seres humanos, descobrimos que a linguagem não é apenas um conjunto de orações que expressa um enunciado, mas uma interação dialógica que se constitui em texto ou discurso. Os falantes trocam significados em contextos interpessoais providos de valor social que os capacita a compreenderem-se uns aos outros, a trocar informações e a criar novos significados por meio da interação das funções da fala ou da escrita. Todavia, muitas pessoas são incapazes de ver além das palavras, ou seja, de entender a sociedade como uma construção semiótica plena de significados (GOMES & FERNANDES, 2007, p.116).

Entende-se, então, que o léxico faz parte do conjunto de módulos da gramática da língua e está intimamente ligado a ela. É, pois, a lista de palavras da língua e de regras que explicam o uso que o falante faz dela.

## **1.9 VOCÁBULO**

O termo *vocábulo* designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical. Como o termo *lexema* está reservado às unidades (virtuais) que compõem o léxico, o termo *palavra* refere-se a qualquer ocorrência realizada em fala portanto, o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso.

O lexema, então, é uma unidade do léxico (estoque potencial do indivíduo ou da língua), enquanto o vocábulo e a palavra são unidades do vocabulário (unidades efetivamente

empregadas num determinado ato de comunicação); a palavra representa, assim, toda unidade emitida, enquanto o vocábulo representa uma unidade particular emitida considerada em referência ao léxico (DUBOIS, 2006. p. 614). Nesse sentido, a determinação do número de vocábulos presentes em um texto pressupõe o trabalho de levantamento das palavras nele contidas, conforme revela Cidmar Teodoro Pais, em Barros (2004):

Integrando o universo semiótico de discurso, um vocábulo ocorre no texto várias vezes, realizando-se como um conjunto de palavras. Tal fato permite que consideremos o vocábulo como uma classe de equivalência que reúne uma série de palavras-ocorrência, caracterizadas, quando não estiverem em combinatória, pelos mesmos traços pertinentes semêmicos, lexêmicos e fonológicos. Assim, o vocábulo é igual ao conjunto quociente das palavras-ocorrência, reunidas pela relação de equivalência. Cada vez que um vocábulo ocorre num enunciado e se torna, desse modo, uma palavra, uma unidade de texto, intervêm vários processos de atualização (BARROS, 2004, p. 41).

Para Oliveira (1998, p. 107), podemos considerar como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de um determinado grupo social e, sobretudo, satisfazer suas necessidades de comunicação. O Léxico se expande e se altera; às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares, resultando que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer (BIDERMAN, 2001, p. 179). Dessa forma, vocábulo é entendido como um modelo de realização das palavras que o representam no texto. Os vocabulários podem ser considerados como assistentes de pesquisa, ajudando o usuário a refinar, expandir ou enriquecer suas pesquisas, proporcionando resultados mais objetivos. Para a autora, podem ser “ressuscitados” termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações, ou seja, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Colocando em relação vocábulo e termo, podemos afirmar que termo é no âmbito da análise quantitativa de um texto, um vocábulo, uma vez que é um modelo de realização lexical no texto. Seu caráter de termo se dá pelo fato de que designa um conceito específico de um domínio especializado. O conjunto terminológico presente neste texto constitui, na verdade, um subconjunto do conjunto vocabular do mesmo. Assim, um termo é também um vocábulo, além de ser uma palavra (BARROS, 2004, p. 42).

## **1.10 TERMINOLOGIA E LEXICOLOGIA**

De acordo com Lorente (2004, p.19), “a lexicologia, entendida como disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada, nem sempre se encontra incluída nos planos de estudo de filologia, humanidades, tradução, linguística ou comunicação”. A autora prossegue explicitando que, embora “as instituições docentes e de pesquisa não incluam a lexicologia em si, fazem-no sob denominações parciais como morfologia lexical, semântica lexical, lexicografia ou terminologia”, complementando que o principal objetivo da Terminologia é “dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas” (p. 20 e 29). Biderman (1998, p. 14), todavia, refere que a Lexicologia focaliza a análise das palavras, a categorização lexical e a estruturação do léxico.

Diante dessas considerações, é importante esclarecer que, com hipóteses muito mais atuais, apesar da imaturidade de suas propostas, a lexicologia é definida por Julio Fernández-Servilha (1974) como aquela disciplina linguística que se ocupa do vocabulário global de uma língua como conjunto estruturado, de medida e volume do mesmo, de seus movimentos e tendências gerais, segundo as épocas; é como dizer dos problemas gerais relativos ao sistema ou conjuntos estruturados de palavras. A lexicologia se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo, segundo Fernández (2007).

Assim, pode-se concluir que a lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos: pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica.

Nessa linha de pensamento, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistentes da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estruturação interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. Justiniano (2006, p. 47), citando Hernández (1989, p. 3), esclarece que lexicologia, para alguns, “é a disciplina que estuda o léxico de uma língua em seu aspecto sincrônico”; para outros, porém, “é o estudo científico do vocabulário”.

A lexicologia abrange domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se, necessariamente, com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, em particular, com a semântica. Nesse âmbito, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam à lexicologia.

Cabré (1999, p. 72) contribui observando que a Terminologia surge da prática, da necessidade dos técnicos e dos cientistas de normalizar, denotativa e conceptualmente, suas disciplinas, tendo em vista garantir a comunicação profissional e a transferência de conhecimentos.

Entende-se, assim, que a lexicologia estuda todos os aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação, ou seja, as unidades dotadas de duas faces, significante e significado. Cabe, então, à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

De acordo com Barros (2004, p. 32), o termo terminologia conquistou espaço nos dicionários europeus, como o *Dictionnaire des sciences, des lettres et des arts de Bouillet* (7 ed) que, em 1864, descrevia-o como palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam. Segundo Barros (2004, p. 34), o objeto de estudo da Terminologia é o conjunto de termos de um domínio e dos conceitos (ou noções) por eles designados.

Para Wüster (1996, p. 226, *apud* Almeida 2006, p.85-101), Terminologia é objeto de estudo da lexicologia, ou seja:

A terminologia, com a noção de partida de nossas reflexões, é o sistema de conceitos e de denominações de uma área de especialidade; também é objeto de estudo da lexicologia das línguas de especialidade. ... A terminologia é um subconjunto léxico que forma parte de uma língua... As línguas de especialidade agregam aos conceitos da língua geral conceitos complementares muito mais específicos.

A designação da Terminologia como prática é definida como o conjunto de princípios encaminhados à recopilação de termos. E é sobretudo em Cabré (1993, p. 43) que vamos encontrar os pilares teóricos e metodológicos a partir dos quais está assentada a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), como se pode observar no artigo intitulado “Theories of Terminology - their Description, Prescription and Explanation”, publicado em 2003 na revista *Terminology* (ALMEIDA, 2006, p. 86). A TCT, em pouco tempo, passou a ser referência teórica em grande parte das pesquisas terminológicas realizadas no Brasil. Cabré afirma, também, que a terminologia nasce da necessidade manifestada pelos especialistas de organizar as denominações de seus sistemas de conceitos, com a finalidade de conseguir uma comunicação profissional mais confiável.

Ainda citando Almeida (2006, p. 85-101), desde os anos 1990, vem-se questionando a insuficiência dos postulados da terminologia clássica, a chamada Teoria Geral da

Terminologia (TGT), de Eugen Wüster, como orientação teórica e metodológica para a geração de produtos terminológicos.

A Terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura léxica dessa língua. Portanto “A teoria geral da Terminologia baseia-se [...] na natureza do conceito, nas relações conceptuais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos ocupam uma posição chave [nessa ciência]” (ISQUERDO; OLIVEIRA, 1998, p. 17).

Os estudos terminológicos devem apresentar à comunidade acadêmica teorias que abarquem a linguagem como um todo (tanto suas esferas cognitiva e linguística como a comunicativa), descrevendo e explicando, dessa forma, por que o falante adquire e opta pelo uso de determinado termo e não outros.

## 1.11 TERMINOGRAFIA E LEXICOGRAFIA

A lexicografia tem sido definida tradicionalmente como a arte de fazer dicionários ou, mais modernamente, a técnica de fazer dicionários, confeccionar repertórios léxicos. Assim, com essa abordagem, Lorente (2004) nos mostra que, na tradição mais antiga, a lexicografia se ocupou de elucidar o significado das palavras, os tratados de ortografia mostraram como escrevê-las corretamente, e os glossários literários e científicos nos revelaram que o inventário do léxico é infinito.

Já Haensch (1982, p.106) revela que, no início da Idade Moderna, a cultura renascentista e a introdução da imprensa deram grande impulso à lexicografia. O primeiro tipo de obra foi o dicionário bilíngue e o multilíngue.

A lexicografia não só alcança a categoria de técnica ou arte, mas também se reconhece sua necessária dependência da linguística, segundo Fernández (2007), em seu *Dicionário de Lexicografia Prática*. A lexicografia é apresentada por Julio Fernández-Sevilha (2003) como uma técnica científica direcionada a estudar os princípios que devem ser seguidos na preparação de repertórios léxicos de todo tipo, não só dicionários, como também vocabulários, inventários, etc.

Alonso de Palencia publicou a primeira obra lexicográfica em espanhol, impressa na Espanha, um dicionário de latim com explicações em espanhol. Segundo Haensch (1982), a palavra “dicionário” aparece primeiro fora da Espanha. Em 1539, do lexicógrafo francês

Robert Estienne com o *Dictionarium latino-gallicum* e o *dictionnaire français-latin*. A partir daí passa-se a se usar na lexicografia europeia os termos vocabulário, dicionário e também léxico.

A denominação tradicional da lexicografia é proposta por Werner (1982) para todo o domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e descrição dos monemas e sinonímias individuais dos discursos individuais e coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e coletivos. Contudo, para Biderman (2001, p. 176), o grande depositário dos hábitos gráficos de uma língua é o dicionário. Uma comunidade linguística só pode acatar as lições de um dicionário se contar com uma tradição lexicográfica respeitável.

Sendo, assim, a Lexicografia de língua portuguesa constitui uma antiga prática como pequena ciência. Em geral, os dicionaristas são apaixonados cultores da palavra e da língua, com pequena ou nenhuma ciência linguística. Por isso continuam a reproduzir práticas centenárias, sem criticá-las e adequá-las ao nível atual dos conhecimentos linguísticos.

Conforme Biderman (1998, p.15), a Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. A lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII, com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). A autora (1998, p.15) acrescenta que os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos do nome são: o Vocabulário Português-Latino de Rafael Bluteau (1712-1728) e o Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813).

Vale lembrar que Terminografia, para Rey (1995, p. 129), é a disciplina que trata de nomenclaturas técnicas e científicas, com numerosas interferências de vocabulários mais gerais, descrevendo as unidades lexicais necessárias para o funcionamento de uma língua geral. Rey adiciona que o papel da terminologia prática (terminografia) é coletar, descrever e controlar essa série de termos por métodos e procedimentos os quais são parcialmente originais e parcialmente emprestados da lexicografia, documentação e tradução. Nesse sentido, o mesmo autor (1995, p. 135) considera que o primeiro objetivo da terminografia é descrever um objeto. Esse objeto pode ser tanto uma terminologia, como uma série de termos, uma nomenclatura, ou uma estrutura complexa de sistemas e subsistemas de termos e conceitos num campo específico.

Conforme Barros (2004, p. 63), a terminografia elabora vocabulários (dicionários) especializados e a lexicografia, dicionários de língua. Os vocabulários registram termos, ou seja, modelos de realização lexical em nível das normas de universo de discurso especializados e os dicionários de língua registram unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas e em todas as suas acepções.

Entretanto, para Cano (2001, p. 43), a terminografia é apenas uma entre as muitas aplicações terminológicas possíveis. Sua tarefa é a ocupação exclusiva do conjunto de atividades que conduzem ao desenho e à produção de todas as aplicações terminológicas que se baseiam na idéia de um inventário léxico com informações associadas, ou seja, dicionários, glossários, enciclopédias, vocabulários, léxicos.

## 1.12 TIPOS DE DICIONÁRIOS

Vale ressaltar, conforme observa Biderman (2004, p. 185) no Prefácio de *Petit Robert*, de Alan Rey, que o dicionário é a memória lexical de uma sociedade e constitui o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de reter. Nesse sentido, um dicionário precisa ser fundamentado em uma teoria lexical, levando em consideração premissas básicas da Lexicologia. Como, por exemplo, o conceito de unidade léxica. Mas na prática discursiva, é extremamente complexo delimitar as unidades lexicais no contexto.

Dessa forma, as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo livre são muito difusas, exigindo do lexicógrafo uma boa formação teórica para poder decidir entre casos limítrofes. O conceito de unidade lexical levanta problemas teóricos com consequências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico. Assim, tanto o Dicionário AURÉLIO como o Dicionário HOUAISS revelam desconhecimento da Teoria Lexical, Gramatical e Linguística. Biderman constata (2004, p. 187) que o Dicionário AURÉLIO e o Dicionário HOUAISS carecem de competência especializada, no que tange à questão da *formação de palavras* na língua.

Na moderna Lexicografia, conforme Biderman (2004, p. 190), qualquer obra de vulto, como é o caso Dicionário AURÉLIO e do Dicionário HOUAISS, deveria fundamentar-se em um *corpus* informatizado de referência na extração e seleção das entradas (lemas) do dicionário. A autora (2004, p. 194) considera que uma palavra faz parte do patrimônio léxico da língua se ela tiver sido usada num determinado número de vezes por diferentes falantes e tiver ocorrido em mais de um tipo de texto (gênero).

Tratando-se do dicionário, Lara (2004, p. 134) considera três de suas características: a) não é uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estatisticamente estudada em uma determinada população, b) tem um cunho normativo explícito ou implícito, que modifica totalmente essa realidade, e c) é uma obra de caráter utilitário e mercantil. Ele (2004, p. 134-

135) acrescenta que, somente a partir dos livros de Josette Rey-Debove, de Alain Rey e de Bernard Quemada, na década de 1970, o dicionário começou a merecer atenção que fosse além do método e que o submetesse a um questionamento linguístico.

Segundo Biderman (1998, p. 129), os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, por meio da qual os lexicógrafos tentam descrever o vocabulário dessa língua acumulado ao longo dos séculos. A autora (1998, p. 15) afirma que o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, exercendo funções normativas e informativas na sociedade. Ainda segundo Biderman (1998, p. 130), um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o que o faz diferente de outras obras culturais. Lara (2004, p. 135) acrescenta que o dicionário deve ser visto em sua realidade, como um produto linguístico, como um fenômeno verbal complexo e não somente como o resultado da aplicação dos métodos lexicográficos.

Biderman (1998, p. 130) aponta que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a práxis linguística dessa sociedade. Portanto, cada dicionário possui classificações em harmonia com objetivos e finalidades didáticas aos quais se compromete em abranger. Isso muito se deve a uma constante necessidade de atender aos diversificados níveis e áreas de conhecimento, o que resulta na minuciosa classificação dos diferentes dicionários disponíveis que conhecemos hoje.

Por isso, é necessário que o terminólogo recorra a obras reconhecidas internacionalmente quando da busca da equivalência do termo. Para que o trabalho tenha um grau de confiabilidade adequado, será conveniente utilizar-se de dicionários plurilíngues que contenham definição ou ilustrações, e não simplesmente vocabulários que se limitem a apresentar uma lista de palavras equivalentes em várias línguas (CABRÉ, 1993, p.314).

No entendimento de Weinrich (1979), quando a elaboração da obra lexicográfica estiver associada a um trabalho de lingüistas aplicados, terá, em geral, uma vinculação com três elementos básicos. Esses elementos são: a) um corpus de referência; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) uma concepção determinada de descrição do significado.

O denominado dicionário de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas, é o único lugar em que o léxico de um idioma é registrado de forma sistemática. O dicionário assume o papel de código normativo de um sistema linguístico e, como tal, nas sociedades de cultura, goza de uma autoridade que não é menor. A autoridade é socialmente

institucionalizada, posto que é consultado em todos os lugares e por todos os segmentos sociais e profissionais que procuram respostas, sobretudo sobre o significado das palavras (KRIEGER, 2007, p. 295).

Dessa forma, os fatores que diferenciam as obras confiáveis daquelas que não merecem a confiança que a sociedade costuma conferir aos dicionários são os aspectos qualitativos, propostas diferenciadas e acuidade do fazer. A autora acrescenta que, de certo modo, a concepção de guardar o tesouro da língua está também relacionada à etimologia da palavra dicionário, o sufixo *arium* significando depósito, indica lugar onde as palavras são guardadas. Como se sabe, há um grande número de tipos de dicionários; na sequência, discorreremos sobre os principais tipos, focalizando o dicionário escolar.

Em seu livro, Haensch (1982, p. 95-187) apresenta uma tipologia, recheada de exemplos e de remissões a outros autores. Ele faz duas grandes divisões em sua tipologia: 1. do ponto de vista da linguística teórica; 2. segundo critérios histórico-culturais e práticos. Primeiro, ele menciona glossários e vocabulários de obras literárias, atlas lexicais, dicionários de regionalismos, de pronúncia, de construção, de colocações, de dúvidas, de fraseologias, de neologismos, dicionários inversos, bilíngues, multilíngues, enciclopédicos, onomasiológicos, além de enciclopédias.

Depois, ele traça um panorama histórico da lexicografia, citando os diversos tipos de dicionários que existiram no decorrer dos séculos. Em seguida, apresenta a tipologia segundo critérios práticos, subdividindo da seguinte maneira: formato e extensão; caráter linguístico ou enciclopédico; sistema linguístico em que se baseia a obra; número de línguas; classificação conforme a seleção do léxico; ordenamento do material linguístico; finalidades específicas; dicionários de abreviaturas; onomásticos; paradigmáticos; ortoépicos; ortográficos; sintagmáticos; o convencional e eletrônico. Dentro dos dicionários sintagmáticos temos: de construção e regime; de colocações; de fraseologismos; de provérbios; de citações; de estilo; gramaticais; de dúvidas e dificuldades.

No caso dos dicionários, deve haver uma distinção entre monolíngues e bilíngues/multilíngues (sendo que os multilíngues são bem mais raros), pois, em princípio, de acordo com Welker (2004), quase todos os dicionários poderiam existir na forma monolíngue ou bilíngue (por exemplo, os de neologismos, arcaísmos, regionalismos, estrangeirismos). O autor faz uma distinção entre dicionários gerais e especiais. O dicionário geral se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando, sobretudo, os lexemas da língua comum. São considerados dicionários especiais os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos, etc. Nos gerais, é importante distinguir entre os seletivos, isto é, aqueles que

registram os lexemas realmente em uso e aqueles muito extensos, às vezes chamados de tesouros. A definição de dicionário geral se aplica aos dicionários para aprendizes, que se destacam por dirigirem-se a um determinado público e por apresentarem certas características que os diferenciam dos “comuns”.

### 1.13 DICIONÁRIO GERAL

De acordo com Welker ( 2004, p. 78), o dicionário geral é aquele que o usuário pensa quando se fala em dicionário, a saber, um dicionário cujos verbetes estão organizados em ordem alfabética e consistem em, pelo menos, lema e definição, a não ser no caso dos bilíngues, onde a definição é substituída pelo equivalente. Para Rey-Debove (1970, p.14 *apud* Welker, 2004, p. 77), os dicionários que descrevem o mesmo conjunto (de itens lexicais) diferem um do outro por uma maior ou menor seletividade. Um dicionário geral pode apresentar 200.000 ou 100.000 ou ainda 50.000 palavras.

Dentre os materiais lexicográficos mais utilizados estão os dicionários gerais de língua que podem ser em versão extensa ou adaptada a usos escolares. Trabalham o léxico numa perspectiva geral, sem recortes, como o fazem os dicionários especiais, os glossários e os vocabulários. Geralmente, esse tipo de obra contém um grande número de palavras, definidas em suas várias acepções ou significados (FRÜBEL, 2006, p. 57)

Cano (2001, p. 64) observa que os dicionários de língua geral, como o Dicionário Aurélio e o Dicionário Melhoramentos são obras de grande volume, difíceis de serem manuseadas em sala de aula. Além disso, a nomenclatura dos tecnicismos, assim como suas definições, foram elaboradas por especialistas de cada área e não houve preocupação dos editores em adequar essa linguagem para o público leigo.

Frübel (2006, p. 38) afirma, no que se refere a dicionários de uso geral na contemporaneidade, que se destacam três dicionários produzidos no Brasil: o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), o Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (2004) e o Novo Dicionário Aurélio (2004). Os três dicionários podem ser encontrados em versões impressas e eletrônicas. O dicionário geral tende a apresentar a totalidade dos lexemas de uma língua, isto é, o tesouro lexical, podendo tal dicionário também ser chamado de tesouro ou *thesaurus*. Ele contém mais de 100.000 verbetes. Sobre isso,

Biderman (2000, p. 34) enquadra o Aurélio na categoria dicionário geral da língua ou tesouro com seus 115.243 verbetes.

Um dicionário é uma compilação de palavras ou dos termos próprios, ou ainda de vocábulos de uma língua com a respectiva significação ou a sua versão em outra língua.

#### **1.14 THESAURUS**

Biderman (1998, p. 16) considera um dicionário de 100.000 a 400.000 palavras como um tesouro lexical. Esse tesouro é fragmentado em subconjuntos diferentes, originando vários tipos de dicionários: o dicionário padrão (em torno de 50.000 palavras) e os dicionários técnicos e especializados.

De acordo com Frübel (2006, p. 57), os mais abrangentes dicionários são os chamados Thesaurus, tesouros lexicais de uma língua. Essas codificações lexicográficas de discurso coletivo procuram registrar o maior número possível de palavras. O americano Peter Mark Roger publicou em 1852, o dicionário onomasiológico *Thesaurus of English Words and Phrases* (cf. JACKSON, 2002, p. 148s *apud* WELKER, 2004, p. 47).

De acordo com Marelló (1990, p.1083 *apud* Welker, 2004, p. 47), é desde a divulgação dessa obra que o termo *thesaurus* começou a se espalhar no sentido restrito, ou seja, *thesaurus* virou sinônimo de dicionário onomasiológico.

#### **1.15 DICIONÁRIO ESCOLAR**

O dicionário escolar, objeto de estudo nesta dissertação, deve ser caracterizado frente a outras obras por seu caráter pedagógico, no sentido de ser um auxílio ao ensino e à aprendizagem de uma língua materna e/ou uma língua estrangeira, já que esse é, em tese, um dos fatores que o diferencia dos demais.

Biderman (2001, p.11-20) caracteriza o dicionário escolar como aquele que possui uma nomenclatura de aproximadamente 25.000 palavras. Dessa forma, sua taxonomia efetivamente diferencia esse dicionário de outros tipos, ainda que se apoie exclusivamente em um critério quantitativo.

Haensch (1982, p. 127) também não investe em uma caracterização precisa do dicionário escolar. Em poucas linhas, comenta que, em geral, os dicionários são insuficientes tanto em relação à sua extensão quanto ao desenvolvimento das entradas. O autor considera que um dicionário escolar, ao mesmo tempo em que deve ser econômico, não deve oprimir o aluno com excesso de informações. Além disso, aponta como característica desse tipo de dicionário o seu caráter normativo. Para Damim & Peruzzo (2006, p. 100), os dicionários considerados escolares, hoje, no Brasil, têm quantidade de verbetes que varia, aproximadamente, de 500 a 50.000. Assim, o grupo de obras de que dispomos no momento pode ser classificado como um conjunto de dicionários escolares devido a duas características principais: seu propósito pedagógico (não tão claro no minidicionário) e sua quantidade de verbetes. As autoras sugerem uma divisão em cinco tipos: a. dicionário escolar infantil; b. dicionário escolar para iniciantes; c. dicionário escolar padrão; d. dicionário escolar mini; e. dicionário escolar enciclopédico.

Fora ou dentro da escola, um dicionário pode prestar muitos e variados serviços, cada um deles associado a um determinado aspecto da descrição lexicográfica, ou seja, do conjunto de explicações que ele fornece sobre cada uma das palavras registradas, de acordo com Rangel (2006, p. 24). Vejamos os mais importantes desses serviços: tirar dúvidas sobre a escrita de uma palavra (ortografia); esclarecer os significados de termos desconhecidos (definições, acepções); precisar outros usos de uma palavra já conhecida (definições, acepções); desvendar relações de forma e de conteúdo entre palavras (sinonímia, antonímia, homonímia etc.); informar a respeito das coisas designadas pelas palavras registradas (informações sobre o inventor dos balões a gás e o contexto de época, num verbete como balão); indicar o domínio, ou seja, o campo do conhecimento ou a esfera de atividade a que a palavra está mais intimamente relacionada — tal informação é particularmente importante quando uma mesma palavra assume sentidos distintos (ou acepções) em diferentes domínios, como planta, em biologia e em arquitetura; dar informações sobre as funções gramaticais da palavra, como sua classificação e características morfossintáticas (descrição gramatical); indicar os contextos mais típicos de uso do vocábulo e, portanto, os valores sociais e/ou afetivos a ele associados (níveis de linguagem; estilo); assinalar, quando for o caso, o caráter regional de uma palavra (informação dialetológica); descrever a pronúncia culta de termos do português (ortoépia) e a pronúncia aproximada de empréstimos não aportuguesados; prestar informações sobre a história da palavra na língua (datação, indicação de arcaísmos e de expressões em desuso); revelar a origem de um vocábulo (etimologia).

Quanto mais ampla for a seleção de vocábulos, maior será a cobertura que o dicionário faz do léxico; mais numerosa, portanto, será a sua nomenclatura. Assim, segundo Rangel (2006, p. 27), um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita. Isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades.

Além disso, o autor acrescenta que um dicionário poderá dar subsídios importantes também para o estudo do léxico, em seus diferentes aspectos. Na maior parte das propostas curriculares estaduais e municipais, um dos objetivos gerais de todo o Ensino Fundamental é desenvolver no aluno a capacidade de recorrer de forma adequada a diferentes linguagens, comunicando-se com eficácia em diferentes situações sociais.

Esse é o motivo pelo qual o dicionário, que é, afinal, um gênero de vocação didática, pode ser particularmente útil e mesmo imprescindível ao cotidiano da escola. Como uma dessas demandas é exatamente a da adaptação do que se quer ensinar/aprender em nível de ensino-aprendizagem, podemos acreditar que os dicionários orientados para faixas específicas serão mais eficazes em seus propósitos pedagógicos. (RANGEL, 2006, p. 28)

Desse modo, considerando-se o número de informações que podem ser exploradas através do dicionário, torna-se incontestável sua importância como instrumento didático – uma vez que se configura como um instrumento auxiliar no desenvolvimento de competências elementares para todo o aprendizado.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA DE PESQUISA**

#### **2.1 ETAPAS DO TRABALHO TERMINOLÓGICO**

No segundo capítulo, são discutidas questões relacionadas ao desenvolvimento do trabalho terminológico, os princípios e métodos que serão utilizados para a coleta, descrição e apresentação de termos. Também são abordados a escolha do público alvo, a abrangência da obra, os critérios para escolha das fontes, a identificação dos termos, a definição da grade conceptual, a segmentação dos termos, a ficha terminológica, o contexto, a equivalência e definições terminológicas, a organização do trabalho terminológico, a macroestrutura e a microestrutura.

##### **2.1.2 O PÚBLICO-ALVO E A ABRANGÊNCIA DA OBRA**

Durante o ensino fundamental, o aluno é exposto a um número significativo de novos termos que englobam noções básicas das disciplinas previstas no currículo. Essa terminologia nova deverá, então, fazer parte do vocabulário ativo ou passivo do estudante. Guerra (2006, p.12), citando Cabré (1993), lembra-nos que muitos estudantes escrevem de forma medíocre, não porque desconhecem a língua, mas porque, às vezes, não têm o que dizer ou não dominam o vocabulário especializado.

As necessidades dos aprendizes variam em relação a cada unidade lexical e é exatamente ao ajustar o conteúdo dos verbetes às necessidades de um determinado público de aprendizes que os profissionais envolvidos em um projeto lexicográfico conferem ao dicionário um caráter pedagógico. Se a terminologia de uma disciplina não for compreendida, a aprendizagem será afetada, impedindo o indivíduo de realizar, posteriormente, uma comunicação eficiente.

Vale dizer que os quatro últimos anos do ensino fundamental constituem um segmento marcado pela explicação do conhecimento científico ao qual o aluno passa a ser formalmente apresentado. A esse respeito, Cano (2001, p. 45) observa que é nessa altura do currículo que o aluno atinge um nível de conhecimento, geralmente por meio do livro didático, que lhe proporcionará, de alguma maneira, acesso a outras leituras e, em consequência, à norma linguística e cultural vigente.

Para Krieger (2006, p. 236), os dicionários de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas, contribuem para a alfabetização e o desenvolvimento da competência de leitura. Podem ainda auxiliar, em muito, nos estudos descritivos da língua, tornando-se obras essenciais. Há toda uma série de fatores a considerar quando se projeta um dicionário escolar.

Assim, o fundamental é ter em mente o público-alvo da obra e poder prever suas necessidades. Poder contar com um corpus que contemple um português, em tese, mais simplificado, poderá tanto auxiliar a seleção de verbetes quando a escolha do vocabulário para as paráfrases definitórias e para a seleção dos exemplos de uso de cada expressão ou unidade lexical repertoriada.

Por esse motivo, e sabendo que os alunos tendem a fazer uso das mesmas ocorrências lexicais sem muitas variações, poderemos não só comprovar essa hipótese como também contribuir para a elaboração de dicionários e livros didáticos que sejam direcionados a esse público-alvo; do mesmo modo, poderemos descobrir novas expressões lexicais que estão fazendo parte do universo social dos alunos.

### **2.1.3 Critérios para a escolha das fontes**

Os materiais utilizados como fontes, que dão origem ao corpus do trabalho, devem respeitar os princípios da atividade terminológica no que tange à confiabilidade e representatividade; porém cabe a cada pesquisador determinar esse material de acordo com os objetivos do seu trabalho, tais como: qual a sua finalidade e quem serão os usuários.

Cabré (1993, p.278) sugere algumas condições que considera relevantes com relação às fontes, que devem ser: suficientemente representativas na área, de acordo com os objetivos do trabalho e a delimitação do tema, para que permitam elaborar uma primeira lista de unidades suficientemente significativa dos conteúdos da matéria; atuais, tanto no que tange às denominações utilizadas pelos especialistas, como à informação dos conteúdos que toda disciplina pode e costuma mudar continuamente; suficientemente explícitas, para que

permitam recuperar a identificação e a informação de um documento em qualquer momento da recopilação ou difusão dos dados terminológicos.

As fontes podem ser, por exemplo, textos em outros idiomas, não considerados no corpus, provenientes de livros, manuais, revistas científicas, ou mesmo dicionários de áreas conexas, dicionários de língua geral, sítios da Internet e demais fontes que se mostrarem úteis para a obtenção de informações pertinentes sobre os termos que serão definidos (ALMEIDA, 2006, p. 90).

A seleção criteriosa de fontes confiáveis é fundamental para a atividade de valoração e validação de termos equivalentes, uma vez que essas fontes se constituem em ferramentas de análise de grande importância para o terminólogo.

#### **2.1.4 Critérios para escolha e identificação dos termos**

No processo de elaboração de um dicionário terminológico, o terminólogo vivencia um processo geral de planejamentos que deve ser revisado durante todo o período de execução da obra, especialmente na sua etapa de revisão final.

Assim, a concepção de língua e uma determinada avaliação do papel do léxico frente ao todo da língua, subjacente a cada empreendimento lexicográfico, modelará a apresentação de cada obra e decidirá o que deve ser privilegiado ou destacado. Após a organização do corpus, extraem-se os candidatos a termos. Para seu estatuto de termo ser confirmado, os candidatos precisam ser validados por um especialista. Após a validação, obtêm-se os termos considerados relevantes, que deverão encabeçar, cada um, uma ficha terminológica (ALMEIDA, 2006, p. 89)

Citando Bevilacqua & Finatto (2006, p. 46), cada tipo de palavra registrada terá padrões de frequência que lhe são peculiares e isso deverá ser levado em conta na apresentação das informações para o consultante do dicionário, inclusive na descrição do significado mais usual ou frequente de cada palavra. Outro aspecto do “procedimento lexicográfico” está na lematização. Implica uma determinada concepção teórica do que seja uma palavra, mas, também, funciona como uma “marca” do fazer lexicográfico. Consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular e no masculino quando temos nomes, ou no infinito, quando se tratar de verbos. A lematização sintetiza, dentro de si, um reconhecimento da variação morfológica da unidade reconhecida como tal e também das suas combinatórias sintáticas.

Cabré (1993, p.265) enfatiza que um dos princípios fundamentais que a teoria terminológica impõe à sua prática é de que os termos de um glossário especializado devem proceder de textos reais, e não podem ser “inventados” nem “criados” pelos terminólogos.

Conforme a concepção de Bevilacqua & Finatto (2006 p. 48), um dicionário terminológico advém do conhecimento terminológico, processo empreendido a partir de um dado corpus de referência, segundo uma sistemática planejada. Esse corpus representa uma determinada linguagem especializada em uso e deve servir de fonte para que se reconheçam usos terminológicos em sua dimensão mais ampla, definições ou conceituações de termos.

#### **2.1.4.1 Definição da Grade Conceptual**

A grade conceptual tem a função de orientar e ajudar o pesquisador na delimitação da área e subárea de trabalho e no estabelecimento dos campos semânticos com os quais se pretende trabalhar. Isso se dá em função da posterior análise da relevância e adequação do termo com relação à área ou subárea pesquisada, facilitando, dessa forma, a seleção e exclusão dos termos que farão parte do glossário.

De acordo com Cabré (1999, p. 143-144), indica a aquisição da competência cognitiva<sup>9</sup>:

[...] a la adquisición de una de las competencias básicas en terminología: la competencia cognitiva. En la realidad se trata de que el terminólogo no especialista adquiera los conocimientos suficientes para que pueda entrar en el tema.<sup>10</sup>

Determinar quais as áreas mais próximas e que podem exercer essa influência na transferência das unidades terminológicas de cada um desses domínios é uma tarefa importante nessa fase. Nesse sentido, Cabré (1999, p. 144) afirma que, após preparar o material, o terminólogo organiza uma estrutura polivalente do assunto:

<sup>9</sup> A competência adquirida permite assumir que todo tema pode tratar desde distintas dimensões e cada dimensão pode privilegiar diferentes pontos de vista. Um campo de conhecimento pode coincidir ou não com a parte de uma disciplina ou tratar de um campo transdisciplinar ou de um segmento interdisciplinar consolidado ou de concepção nova.

<sup>10</sup> [...] a aquisição de uma das competências básicas na terminologia: a competência cognitiva. Na realidade o terminólogo não especialista adquire os conhecimentos suficientes para que possa entrar no tema.

[...] que incluya todas sus dimensiones, sus clases y subclases de conceptos, los conceptos más genéricos asociados a cada clase y subclase y las relaciones entre todos ellos.<sup>11</sup>

O mapa conceitual deve ser organizado preliminarmente ou concomitantemente à extração dos termos, já que à medida que os termos vão sendo obtidos é que se pode ter uma visão real de quais serão os campos nocionais que deverão integrar o mapa conceitual.

Cabré (1999, p. 144) acrescenta que o mapa permite traçar as fronteiras do tema:

[...] la competencia adquirida permite asumir que todo tema puede tratarse desde distintas dimensiones y cada dimensión puede privilegiar diferentes puntos de vista. Un campo de conocimiento puede coincidir o no con la parte de una disciplina o tratarse de un campo transdisciplinar o de un segmento interdisciplinar consolidado o de nueva concepción.<sup>12</sup>

O mapa serve de guia conceptual a toda a pesquisa e, concretamente, para: delimitar a área temática do trabalho; fazer um plano sistemático de extração; classificar e controlar a pertinência dos termos; ordenar as fichas terminológicas; e definir as unidades terminológicas da área de maneira lógica e sistemática.

#### **2.1.4.2 Segmentação dos Termos**

De acordo com Almeida, Aluísio e Oliveira (2007, p. 410), as fontes a partir das quais serão extraídos os termos devem ser previamente selecionadas e, preferencialmente, devem ser fontes indicadas pelos próprios especialistas da área-objeto.

Almeida & Vale (2008, p. 484) complementam que, após serem finalizadas todas as etapas que envolvem o corpus (copilação, manipulação, anotação e pré-processamento), ele está pronto para ser objeto de extração semi-automática de candidatos a termos.

Os candidatos constituem itens léxicos que se comportam nos seus respectivos contextos como termos, mas cuja autenticidade será validada posteriormente por um especialista de domínio, preferencialmente.

---

<sup>11</sup> Que inclua todas suas dimensões, suas classes e subclasses de conceitos, os conceitos mais genéricos associados a cada classe e subclasse e suas relações entre todos eles.

<sup>12</sup> A competência adquirida permite assumir que todo tema pode tratar desde distintas dimensões e cada dimensão pode privilegiar diferentes pontos de vista. Um campo de conhecimento pode coincidir ou não com a parte de uma disciplina ou tratar de um campo transdisciplinar ou de um segmento interdisciplinar consolidado ou de uma nova concepção.

Para Barros (2004, p. 195), a própria natureza do conjunto terminológico estudado e os objetivos da obra oferecem elementos que permitem a determinação de critérios de corte e de delimitação do campo de análise.

Os sistemas de extração de candidatos são, tradicionalmente, classificados conforme a metodologia que utilizam para reconhecer as unidades terminológicas, a saber: a) sistemas que utilizam apenas métodos baseados em conhecimento estatístico; b) sistemas que utilizam apenas métodos baseados em conhecimento linguístico; e, finalmente, c) sistemas que utilizam métodos baseados em conhecimento estatístico e linguístico, os chamados híbridos (TELINE et al., 2003, *apud* ALMEIDA & VALE, p. 485).

Os métodos baseados em conhecimento estatístico geralmente detectam as unidades terminológicas de acordo com a frequência com que elas ocorrem em um corpus. No entanto é importante recorrer a um especialista, pois somente ele poderá ajudar na delimitação do sintagma e no seu reconhecimento como um termo empregado na área.

### **2.1.5 A Ficha Terminológica**

A ficha terminológica é um elemento de extrema relevância para o trabalho terminológico, pois constitui um núcleo de informações acerca do termo ou expressões em análise. Numa ficha terminológica constam informações como: a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes.

O preenchimento das fichas é uma etapa imprescindível numa pesquisa terminológica, pois a ficha constitui um verdadeiro dossiê do termo, contendo toda a sorte de informações que se mostrarem pertinentes para a pesquisa em foco. Daí a razão de ela ser planejada logo no início do trabalho.

Não há um modelo ideal de ficha terminológica; cada ficha deve refletir as necessidades do projeto, isto é: “para quê” e “para quem” se faz determinado dicionário. Isso auxilia o terminólogo a prever quais campos deverão constar do protocolo de preenchimento da ficha terminológica (ALMEIDA, 2006, p. 90).

Considerando que a TCT postula uma abordagem semasiológica, o que deve orientar a abertura de cada ficha é o termo e não o conceito. O que significa que cada ficha pode comportar campos de equivalências em outras línguas, variantes e sinônimos, por exemplo, (ALMEIDA, 2006, p.90)

Almeida (2006, p.90) relaciona os seguintes campos de uma ficha:

(...) código da ficha, termo, contexto, fonte do contexto, ano, modalidade (escrita ou oral), gênero textual (informativo, científico, científico de divulgação, instrucional, administrativo, etc.), morfologia, sintaxe, variação terminológica, sinônimo, equivalência em língua estrangeira, fonte da equivalência, definição, informação enciclopédica, fontes da definição e da informação enciclopédica, unitermos (termos que aparecem na definição), termos relacionados, área, subárea, data de confecção da ficha, documentador, revisor, data de revisão/atualização, campos revisados pelos especialistas, especialistas consultados.

Segundo Cabré (1993, p. 282 *apud* Almeida, 2000, p. 67), podemos distinguir três tipos de fichas: as fichas monolíngues, as fichas monolíngues com equivalências e as fichas bilíngues ou multilíngues. Em nossa pesquisa, elaboramos fichas monolíngues com equivalências.

Convém ressaltar que nas fichas terminológicas são registrados os dados relevantes e pertinentes sobre cada unidade terminológica (uma ficha para cada unidade estudada). Essas fichas são preenchidas de acordo com um protocolo, ou seja, um conjunto de regras que regem o registro dos dados em uma ficha terminológica (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 28, *apud* BARROS, p. 211).

Após a validação, são obtidos os termos considerados relevantes, que deverão encabeçar, cada um, uma ficha terminológica. Passa-se, então, ao preenchimento das fichas. O modelo de ficha terminológica varia de acordo com a natureza do projeto. Cabe ao terminólogo decidir o que mais convém ao seu trabalho.

### **2.1.6 O Contexto**

Os contextos ilustram o uso real de um termo, exprimem uma ideia completa sobre o termo. Devem, pois, ocupar lugar de destaque na ficha terminológica. Pode haver um ou mais contextos, no entanto, para compor o verbete, deve-se selecionar o contexto mais descritivo e mais representativo de um discurso especializado. Há necessidade de os contextos serem originais, trazendo todas as informações de onde foram retirados. O contexto deve, também, ser escolhido em função de suas qualidades que servem para ilustrar a denominação e apresentar com exatidão a noção que o termo representa.

Vale lembrar que, para Barros (2004, p. 109), compreende-se por contexto o enunciado que exprime uma ideia completa, na qual o termo estudado se encontra atualizado. Barros (2004, p.110-111) esclarece, ainda, que há três tipos de contextos que podem ser utilizados na prática terminológica: o contexto definitório, que oferece informações precisas sobre o conceito designado pelo termo estudado; o contexto explicativo, que apresenta dados a respeito da natureza e de certos aspectos do termo, sem defini-lo claramente; o contexto associativo, que veicula descritores suficientes apenas para determinar se o termo pertence a um domínio ou a um grupo de termos que designem conceitos próximos.

Barros (2004, p. 111) complementa que, a esses três tipos de contexto, o Office de la Langue Française acrescenta o contexto de uso na língua (*langagier*), que informa sobre o funcionamento de um termo em discurso, e o contexto metalinguístico, que fornece dados metalinguísticos. É importante lembrar que, de acordo com os estudiosos, os contextos definitórios e explicativos são os que mais trazem informações sobre o significado do termo, por isso mesmo são mais utilizados e têm preferência sobre o associativo.

Dessa forma, com relação à redação da definição, importa reforçar que as unidades terminológicas devem ser definidas respeitando-se o contexto temático ao qual elas estão subordinadas, como estabelece a TCT; isso requer que a significação do termo seja circunscrita ao domínio delimitado no projeto terminológico.

Para Arntz e Picht (1995, p. 167), o contexto deveria apresentar o termo em seu emprego mais característico; em vez de frases completas, colocar fragmentos de frases que mostrem o termo no seu ambiente mais próximo<sup>13</sup>:

(...) la indicación del contexto debería presentar el término en su empleo más característico, así, al mismo tiempo, puede contribuir a hacer comprensible el significado del término. En lugar de frases completas, a menudo basta con aducir fragmentos de frases que muestren el término en su entorno más próximo.

De acordo com Almeida (2006, p. 88-90), outro aspecto que justifica a variação de gêneros textuais é a necessidade de encontrar no corpus, posteriormente, contextos definitórios ou explicativos para a elaboração das definições. O autor reforça afirmando que, para a elaboração da definição terminológica, parte-se da busca por contextos explicativos e definitórios no próprio corpus e também na base definicional. Assim, a extração de termos e a

---

<sup>13</sup> A indicação do contexto deveria apresentar o termo em seu emprego mais característico, assim ao mesmo tempo, pode contribuir para tornar compreensível o significado do termo. No lugar de frases completas, frequentemente basta colocar fragmentos de frases que mostrem o termo no seu ambiente mais próximo.

consequente definição é parte essencial da pesquisa terminológica. Então, além da identificação de termos, é necessário, como parte do trabalho terminológico, a identificação de sua definição correspondente.

#### **2.1.6.1 Critérios para a escolha e recorte do contexto**

O contexto é a transcrição parcial do texto onde foi encontrado o termo em referência, sendo que se deve dar preferência a contextos explicativos ou que apresentem definições explícitas ou implícitas. O contexto deve ser escolhido em função de suas qualidades que servem para ilustrar a denominação e apresentar com exatidão a noção que o termo representa.

Arntz e Picht (1995, p. 196) afirmam que a frequência e a distribuição regular das unidades linguísticas nos textos analisados permitem ao pesquisador decidir por uma delimitação mais rigorosa do objeto de estudo. Para esses autores (1995, p. 197), outro critério de seleção das unidades terminológicas é o índice de fiabilidade (grau de aceitabilidade, grau de ponderação, índice de confiabilidade), que consiste na avaliação de um termo, cujo estatuto é determinado por critérios estabelecidos e que se exprimem por uma escala de valores.

#### **2.1.7 Equivalência Terminológica**

É conveniente ressaltar que a globalização, impulsionando o crescimento das operações comerciais entre nações, proporcionou o surgimento dos atuais blocos econômicos, como é o caso do Mercosul. Assim, as relações internacionais foram ampliadas. Convém esclarecer que o interesse em saber as terminologias não é somente dos especialistas, mas dos tradutores, intérpretes, documentalistas e outros grupos de profissionais que lidam com a linguagem.

Razões dessa natureza fundamentam a afirmação de Cabré (1993, p. 37 *apud* Krieger, 1998, p. 21) de que a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional.

Krieger (1998, p. 23) considera relevante a inclusão do inglês como língua veicular das produções terminográficas, sendo necessário compatibilizar os equivalentes terminológicos não apenas no que concerne ao português e ao espanhol, mas também ao

inglês, assim como outras línguas de países produtores de conhecimentos. Para Arntz & Picht (1995, p. 187), a grande dificuldade no trabalho terminológico plurilíngue está na classificação conceptual da realidade:<sup>14</sup>

Una gran dificultad para el trabajo terminológico plurilingüe reside en el hecho de que cada lengua, a menudo, efectúa de un modo diferente la clasificación conceptual de la realidad.

O problema dos glossários multilíngues em geral é a equivalência lexical, uma vez que o recorte linguístico-cultural pode não ser o mesmo nas outras línguas, o que cria lacunas ou impõe equivalentes aproximativos, conforme Barros (2004, p. 235). A autora acrescenta que a falta de definições também pode provocar escolhas de equivalências estranhas ou mesmo errôneas.

Para não deixar dúvidas, é importante que faça parte do glossário exemplo do termo contextualizado além da equivalência e definição do termo, evitando, dessa forma, falsas atribuições a ele.

### **2.1.8 Definição Terminológica**

Em um trabalho terminológico, a definição constitui parte da microestrutura do verbete que traz as especificações semânticas sobre o termo e tem a função de estabelecer, através de uma representação linguística, a ligação entre o conceito e o termo ao qual se refere.

Para a elaboração da definição terminológica, parte-se da busca por contextos explicativos e definitórios no próprio corpus e, também, na base definicional. A base definicional constitui-se num repositório de excertos definitórios e/ou explicativos referentes ao termo, compilados de diversas e variadas fontes que não estejam contempladas no corpus.

De acordo com Sager (1990, p.44), em Terminologia a definição não ocorre isoladamente; há de se considerá-la como parte do total de informações reunidas sobre um termo que é complementado por especificações morfológicas, sintáticas e, às vezes, pragmáticas. Já Finatto (1998, p.134) contextualiza a definição terminológica como um

---

<sup>14</sup> Uma grande dificuldade para o trabalho terminológico plurilíngue reside no fato de que cada língua, frequentemente efetua de um modo diferente a classificação conceptual da realidade.

possível ponto de confluência entre coisas, palavras e conhecimentos. Ela é reconhecida como um objeto que contém a complexa relação entre denominar e conhecer. Para Finatto, (2001, p. 82), a microestrutura do verbete traz, pelo menos, uma definição, que corresponde a um ou mais significados do termo, a indicação de um sinônimo ou a apresentação de um contexto de uso do termo.

Para Silva (2003, p. 45-49, *apud* WELKER, p. 119), a definição terminológica consiste em determinar o conjunto de caracteres que faz parte da compreensão de um conceito. Como o terminólogo não é um especialista do domínio, tanto a base definicional quanto o *corpus* devem funcionar como guias para orientá-lo no trabalho de redação da definição.

Almeida et al (2007, p. 409) pontua que é imprescindível armazenar as informações:

1) somente com o preenchimento de um número suficiente de excertos definitórios é que a redação de uma definição pode ser iniciada; 2) a quantidade e qualidade de excertos devem ser suficientes para elucidar o redator das definições, uma vez que este não é um especialista da área-objeto; 3) as definições, depois de elaboradas, são submetidas à apreciação dos especialistas; caso eles encontrem algum problema conceitual, questionem as fontes bibliográficas ou peçam que o trabalho seja refeito.

Para Pavel (2002, p. 23), a definição terminológica é “uma fórmula lexicográfica sucinta que descreve os traços semânticos distintivos de um conceito” e deve oferecer o significado do conceito e não informar sobre o uso de um termo complementa seu posicionamento ao afirmar que a definição se configura como:

[...] um enunciado sucinto que expõe de forma clara o significado de um conceito especializado. Começa com uma palavra que identifica a classe mais ampla, o genérico a que pertence o conceito, especificando seguidamente os traços ou características essenciais ou distintivas que diferenciam claramente o conceito em questão do resto de conceitos relacionados dessa mesma classe (PAVEL, 2002, p. 24).

Voltando a citar Finatto (1998, p. 135), as definições terminológicas trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos. Assim, a definição deve ser capaz de apresentar de forma clara o significado de determinado conceito que integra uma área do conhecimento, servindo de instrumento de veiculação do conhecimento especializado.

Uma definição terminológica deve ser capaz de se adequar e de ser adequada para assegurar as especificidades e necessidades da comunicação que se estabelece. Os termos provenientes das linguagens técnicas constituem informações necessárias entre os profissionais que precisam das definições desses termos na comunicação.

### **2.1.9 Organização do trabalho terminológico**

Estabelecer o tipo de trabalho terminológico a desenvolver, com base na situação da análise do domínio antes de se iniciar o trabalho terminológico propriamente dito, é essencial para se poder delimitar e organizar as fases seguintes.

Cabré (1999, p. 133) refere que a prática terminológica pressupõe o domínio de três grandes competências: cognitiva, linguística e sociofuncional. Portanto a competência cognitiva corresponde ao conhecimento da área especializada que será o trabalho, a competência linguística cerca o conhecimento da língua ou as línguas que investiga; e a competência sociofuncional se refere às características que devem ter um trabalho terminológico.

Assim, após analisar a possibilidade da execução do projeto, deve-se definir as características tipológicas da obra e a metodologia a ser seguida. Os principais elementos do processo de elaboração de obras terminográficas são: objetivos da obra, público-alvo, conhecimento da área, limites da pesquisa, princípios metodológicos, delimitação da nomenclatura, organização interna da obra e o cronograma de atividades. Nessa linha de raciocínio determinou-se que o trabalho a realizar seria, nessa fase, monolíngue, uma vez que se pretende estabelecer a terminologia da área de história e contribuir para a sua normalização.

É conveniente lembrar que o trabalho terminológico pode ser de dois tipos: pontual ou sistemático. Pontual, se o estudo se aplicar a um só termo ou a um conjunto reduzido de termos de uma mesma área, ou mesmo, a um grupo de termos pertencentes a domínios diferentes; sistemático, se o estudo se aplicar ao conjunto dos termos de uma área ou subárea de especialidade, tendo sido esse último tipo o eleito para este trabalho.

Ressalta-se, então, que o trabalho terminológico, entre outros aspectos, busca definir princípios e métodos orientadores da elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos, além de outros produtos que sistematizam e divulgam termos específicos de uma área.

### 2.10.1 Macroestrutura

A macroestrutura compõe-se da nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. Nesse sentido, Welker (2004, p. 80) caracteriza macroestrutura, como a organização do corpo do dicionário. Para Barros (2004, p. 151), é a organização de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado com as características gerais da estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), com a presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros.

Em contrapartida, para Rey-Debove (1971, *apud* MIRANDA, 2007, p. 261), macroestrutura é o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical, ou seja, tudo aquilo que tem a ver com a progressão vertical do dicionário. Por outro lado, Martínez de Souza (1995, *apud* Miranda 2007, p. 262) afirma que macroestrutura diz respeito tanto ao universo léxico que o dicionário deve conter, como à ordenação e tratamento da nominata.

Conforme Hartmann, James (2001, *apud* MIRANDA 2007, p. 262), o conceito de macroestrutura está atrelado a um problema de estrutura de acesso que, nesse caso, é a ordenação alfabética.

A macroestrutura é representada por uma seleção de palavras existentes na nomenclatura. O princípio mais importante na ordenação da macroestrutura, segundo Haench (1982, p. 452), é a ordem alfabética das entradas. Numa obra terminológica, é possível também a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) é seguida por suas derivações. Existem várias possibilidades de levantamento da macroestrutura, desde a cópia de outras obras lexicográficas/terminológicas, passando por opiniões de especialistas sobre o que deveria compor essa nomenclatura, até uma obra que apresente todos (ou um número determinado) os verbetes baseados na frequência com que apareçam dentro de um corpus (de especialidade ou não).

Geralmente, os dicionários apresentam, logo nas primeiras páginas, uma introdução, texto fundamental que expõe ao leitor as características da obra, os critérios adotados para sua elaboração, seu público-alvo, seus objetivos, informações básicas sobre o domínio especializado cuja terminologia é tratada na obra.

### 2.10.2 Microestrutura

A microestrutura corresponde à estrutura interna do verbete, ou seja, ao conjunto de informações contidas nos verbetes, ela diz respeito ao conjunto de informações relacionadas ao termo de entrada (categoria gramatical, equivalência, contexto, definição, etc.) e a organização interna dessas que é feita em função do objetivo do trabalho. Assim, de acordo com Baldinger (1960, p. 46, *apud* WELKER, p. 107), microestrutura responde à pergunta sobre as diversas acepções da palavra.

Para Barros (2004, p. 156), microestrutura é a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada no verbete. Essa autora afirma que três elementos devem ser levados em consideração em relação à distribuição dos dados na microestrutura: o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico; a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; a ordem de sequência dessas informações.

Microestrutura é o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada. Segundo essa autora, a microestrutura deve ser organizada de forma constante, padronizada, em todos os verbetes. Portanto, o verbete é o conjunto da entrada mais enunciado lexicográfico, conforme Barbosa (*apud* WELKER 2004, p. 107). A microestrutura deve ser organizada de forma padronizada em todos os verbetes.

Finatto acrescenta (2001, p. 83) que a microestrutura poderá trazer, também, acompanhando ou não uma definição, propriamente dita, uma série de diferentes tipos de comentários ou esclarecimentos que o dicionarista julga oportuno apresentar. Contudo Wiegand (1989, p. 424, *apud* WELKER 2004, p. 108) refere que, conforme os diversos tipos de lemas, pode haver diversas formas de organização da microestrutura. Rey-Debove distingue entre microestrutura concreta e abstrata.

Entende-se, então, que a microestrutura abstrata é um programa constante de informações antes de se confeccionar o dicionário e que, em seguida, será preenchida com os dados concretos. A microestrutura concreta seria, então, a forma concreta em que as informações sobre o lema são expostas.

Finatto (2001, p. 82) cita que um ponto distinto da microestrutura terminológica é a usual indicação de remissivas, com sinônimos, parônimos, antônimos, termos relacionados ou aproximados, o que visa permitir a construção de pequenos conjuntos de termos inter-relacionados, tanto por necessidade de complementação da informação, quanto por

necessidade de indicação de oposição, que também terá um caráter funcional de complementaridade. A microestrutura (ou verbete do dicionário terminológico) pode ser considerada o núcleo principal da lexicografia, quer por seu conteúdo, quer por sua forma.

## **CAPÍTULO III**

### **GLOSSÁRIO ESCOLAR TERMINOLÓGICO COMUNICATIVO DE HISTÓRIA**

#### **3.1 APRESENTAÇÃO**

O Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História é o resultado de uma pesquisa terminológica. Trata-se de um glossário monolíngue que foi constituído, basicamente, de substantivos, com equivalências em inglês, que nomeiam referentes relacionados a campos léxicos pertencentes à área de história.

Vale ressaltar que o estudo de História é fundamental para despertar e fazer com que o aluno compreenda o rumo tomado pelos acontecimentos e por que a humanidade se comporta de maneiras diferentes nos mais diversos momentos da História.

##### **3.1.1 Macroestrutura**

O Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História apresenta 295 (duzentos e noventa e cinco) verbetes, organizados em ordem alfabética.

Este trabalho tem o objetivo de contribuir para os estudos terminológicos e auxiliar os alunos do ensino fundamental, servindo como uma referência de pesquisa. Ao consultar o glossário, o consulente irá encontrar as unidades terminológicas da área de História de 6º ao 9º ano. As unidades terminológicas que compõem o glossário foram extraídas da coleção da editora Saraiva, Saber e Fazer História, de Gilberto Cotrim.

##### **3.1.2 Microestrutura**

Os verbetes deste Glossário contam com sete campos essenciais: termo, referências gramaticais, equivalência, definição, contexto, sinônimo e informação enciclopédica.

A seguir, detalharemos os campos essenciais e facultativos que constituem este Glossário.

### 3.1.3 Termo

Os termos são apresentados em letras minúsculas e em negrito e sob forma lematizada: substantivos e adjetivos no masculino singular (antigo Regime). As exceções a essa sistematização indicam que o termo é sempre usado no plural (anos dourados, bárbaros). Devemos salientar que alguns substantivos são utilizados no gênero feminino, caso em que mantivemos o termo no gênero em que são utilizados, pois a alteração implicaria mudança de sentido (antiguidade, antropofagia, apoíka).

Quanto à formação, verificamos termos simples, como faraó, feitor, cangaço; termos formados por derivação, como balaiada, cabanagem; termos formados por composição, como caras-pintadas, camisas vermelhas; e também formados por composição sintagmática, como Conjuração Baiana.

Os elementos que constituem as formações sintagmáticas são formados basicamente por substantivo e adjetivo (coroa portuguesa, cultura helenística, embargo espanhol) e por substantivo, preposição e substantivo (muro de Berlim, voto de cabresto).

Derivados substantivos são formados com sufixos: *ismo*: (feudalismo, protecionismo, anarquismo, integralismo); *ista* (aliancista); *ação* (mumificação, periodização); pré (pré-história).

### 3.1.4 Referências gramaticais

As referências gramaticais são feitas, na maioria dos casos, a substantivos masculinos e femininos. Neste Glossário, os sintagmas nominais são classificados como substantivos. Os empréstimos do inglês têm o gênero registrado na entrada dos verbetes (plantation, new deal).

### 3.1.5 Definição

Nesse campo, apresentamos a definição dos termos. As definições foram tiradas da coleção da editora Saraiva, Saber e Fazer História, de Gilberto Cotrim. Entretanto, em algumas situações, diante de contextos pouco elucidativos, foram complementadas com informações de outros sites, especializados encontrados na internet.

### 3.1.6 Contexto

Nesse campo, registramos um contexto extraído da coleção da editora Saraiva Saber e Fazer História, de Gilberto Cotrim. Na maioria das vezes, escolhemos um contexto definitório ou explicativo, que é destacado dos demais campos do verbete com o texto em itálico. Os contextos constam dos textos originais, sendo, portanto, da coleção mencionada acima. O sinal “...” indica que alguma parte do fragmento transcrito foi omitida.

### 3.1.7 Informação enciclopédica

No campo informação enciclopédica, incluímos informações que não foram inseridas na definição. Essas informações foram extraídas tanto da coleção pesquisada, na qual foram encontradas as unidades terminológicas, quanto dos *sites* especializados que visitamos durante o processo de checagem de uso dos termos.

### 3.1.8 Sinônimo

Nesse campo, registramos as relações sinonímicas entre os termos repertoriados. O sinônimo é indicado apenas no verbete principal, que contém a definição.

### 3.1.9 Número de identificação

Ao final da abonação constam letras e números que remetem à coleção em pauta na qual foram encontradas as referidas unidades.

### 3.1.10 Abreviaturas utilizadas no Glossário

Inf. encicl. informação enciclopédia

ing inglês

fr francês

p. página

Sin Sinônimo

s.f. substantivo feminino

s.m. substantivo masculino

livro Saber e Fazer História: História Geral e do Brasil- Editora Saraiva- L

6° ano – L1  
7° ano – L2  
8° ano – L3  
9° ano – L4

### 3.2 GLOSSÁRIO

**Absolutismo ilustrado** *s.m.* Illustrated absolutism, enlightened dictatorship [ing]

Sistema de governo no qual o Estado existia para atender aos interesses de todos os súditos, à felicidade pública, ao bem-estar geral.

Inf. encicl.: Destacaram-se: Frederico II, da Prússia (1712-1786), José II, da Áustria (1741-1790), José I, de Portugal (1714- 1777) e Catarina II, da Rússia (1729- 1796).

“... *Na segunda metade do século XVIII, em certos países europeus (da Europa Central, Oriental e Mediterrânea) houve diversos Estados absolutistas nos quais os monarcas e seus ministros tentaram de alguma forma pôr em prática certos princípios da Ilustração, sem abrir mão do próprio absolutismo...*” Sin. Despotismo esclarecido ou ilustrado. (L3 p.33-3x)

**Absolutismo monárquico** *s.m.* Absolute monarchy [ing]

Sistema de governo no qual a autoridade do rei tornou-se a fonte suprema dos poderes do Estado.

Inf. encicl.: Luís XIV(1638-1715), rei da França, governou durante 54 anos (de 1661 a 1715); adotou como símbolo o Sol para indicar que era o centro do qual irradiava a luz da França. Atribui-se a Luís XIV a famosa frase: “O estado sou eu”.

“... *absolutismo monárquico: sistema de governo em que o rei ou o imperador concentrava os poderes. O rei era identificado com o próprio Estado e aos súditos cabia apenas a execução das ordens que lhes eram dadas pelo soberano.*” (L3 p. 14-2x; p.15-2x; p.20; p.27; p.28; p.33-3x; p.65-2x).

**Acrópole** *s.f.* Acropolis [ing]

Local mais alto da cidade ou montanha na Grécia Antiga.

Inf. encicl.: A Acrópole de Atenas é a mais conhecida e famosa das acrópoles da Grécia. Seu significado é tal na arte e cultura do ocidente que muitas vezes é referida simplesmente como *a acrópole*.

“... *em Atenas, o centro ficava numa colina chamada acrópole, o lugar mais protegido contra possíveis ataques de inimigos.*” (L1 p. 106)

**Acumulação primitiva de capital** *s.f.* Primitive accumulation of capital [ing]

Acumulações de riquezas (bens capitais), no período que antecedeu o capitalismo.

Inf. encicl.: Foi a partir dessas acumulações iniciais, obtidas com as práticas mercantilistas, que diversos países europeus se tornaram grandes potências capitalistas nos séculos XVIII e XIX.

“... *Nos séculos XVIII e XIX, a exploração do trabalhador e a expropriação de suas terras possibilitaram uma gradativa e crescente ampliação de riquezas nas mãos dos donos das terras e dos meios de produção - a chamada acumulação primitiva de capitais.*” (L2 p.131)

**Aldeamento** *s.m.* Settlement [ing]

Povoamento de indígenas dirigido pelos jesuítas para proteger os índios da escravização, no século XVI.

Inf. encicl.: Nos aldeamentos, os índios eram obrigados pelos jesuítas a trabalharem na extração das drogas do sertão (guaraná, pimenta, castanha, baunilha, plantas aromáticas e medicinais).

“... *nos aldeamentos, os índios eram obrigados a aprender os costumes dos brancos.*” Sin. Missão (L2 p. 98-4x; p.189- 3x; p.190-2x)

**Aldeia sedentária** s.f. Sedentary village [ing]

Povoação que se caracterizou pela habitação fixa e desenvolvimento da agricultura e da criação de animais.

Inf. encicl.: Grupos humanos que construíram casas para viverem próximas aos rebanhos e às plantações comunitárias no período Neolítico. Utilizavam madeira, barro, pedra e folhagem seca para conseguir uma moradia mais permanente. O interesse por esse tipo de habitação mais duradoura relaciona-se ao processo de sedentarização das comunidades.

*“... as primeiras aldeias sedentárias surgiram quando as comunidades neolíticas estabeleceram-se num território, dedicando-se à criação de animais e ao cultivo agrícola.”* (L1 p. 43-2x, p.44, p.45)

**Alfabeto Latino** s.m. Latin Alphabet [ing]

Sistema de escrita alfabética que se desenvolveu a partir do alfabeto grego.

Inf. encicl.: O alfabeto latino, ou romano, foi criado no século VIII a.C. (mais precisamente 753 a.C.).

*“... o Alfabeto Latino, tal como o alfabeto etrusco, tem a sua origem no povo grego.”* Sin. Alfabeto Romano (L1 p. 71)

**Alforria** s.f. Manumission [ing]

A carta de alforria era um documento através do qual o proprietário de um escravo dava a liberdade a esse escravo.

Inf. encicl.: A palavra alforria é originalmente árabe, pronuncia-se "al horria", que quer dizer "a liberdade".

*“... visto que a lei previa o direito de alforria, para o escravo que pudesse pagar o seu preço.”* Sin. Manumissão (L3 p.200)

**Aliancista** s.comum de dois gêneros Member of the National Liberation Alliance (ANL).

[ing]

Pessoa integrante da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Inf. encicl.: ANL era uma frente de oposição que reunia grupos de várias tendências, como socialistas, anarquistas e comunistas. Uma das principais correntes dentro do ANL era o Partido Comunista. Em abril de 1935, Luís Carlos Prestes foi eleito presidente de honra da ANL.

*“... Os aliancistas propunham a nacionalização das empresas estrangeiras, o não-pagamento da dívida externa brasileira, a reforma agrária e a defesa das garantias individuais.”* (L4 p.122; p.123)

**Alta Idade Média** s.f. Late Middle Ages [ing]

Período que compreende dos séculos V a X.

Inf. encicl.: A finalidade da caça não consistia apenas em abastecer as cozinhas, mas também em treinar para a guerra, para a arte de matar. Os francos só conseguiram vencer o Império Romano cultivando as virtudes militares.

*“... na Alta Idade Média, o esporte e a caça eram ensinados dentro das famílias dos nobres.”* (L2 p.20-2x)

**Alto Egito** s.m. Upper Egypt [ing]

Região cujas terras férteis (ou terra preta) constituíam uma estreita faixa ao longo do rio, no Egito Antigo.

Inf. encicl.: Por volta de 3100 a.C., os governantes do reino do Alto Egito (sul) conquistaram o Baixo Egito (norte). Os dois reinos ficaram sob governo único, comandado pelo faraó.

*“... ao longo do tempo, esse processo de unificação das aldeias prosseguiu, formando cidades que também se reuniram e, mais tarde, originaram dois Estados: um, ao norte, o do Baixo Egito; outro, ao sul, o do Alto Egito.”* (L1 p.77-4x)

**Anarquismo** s.m. Anarchism [ing]

Teoria política que defendia a cooperação e a solidariedade entre as pessoas, que viveriam numa sociedade harmônica, sem a força do Estado.

Inf. encicl.: Para Mikhail Alexandrovich Bakunin (18014- 1876) deveria ser abolida a propriedade privada dos meios de produção (por exemplo, de terras e máquinas), os quais deveriam pertencer à coletividade, formada por pessoas livres, independentes e que produzissem o necessário para a sobrevivência de cada um de seus membros e de todos. Atuou em várias revoltas ao longo do século XIX na Rússia, na Polônia, na Alemanha e influenciou a ação de diversos anarquistas na Itália, na Espanha, em Portugal, na França e na América.

*“... o anarquismo fundamentava-se na crença que todas as formas de governo interferem injustamente na liberdade individual.”* (L3 p.49-2x; p.123; L4 p.53; p.54. 2x)

**Anglicanismo** s.m. Anglicanism [ing]

Religião sem grandes modificações em termos de doutrina e culto à Religião Católica.

Inf. encicl.: Em 1534, Henrique VIII, rei da Inglaterra, queria diminuir a influência da Igreja católica, proprietária de muitas terras, e aumentar o poder da monarquia, interessada nas terras e nos bens da Igreja. Sob o pretexto de divorciar-se de sua esposa, a princesa espanhola Catarina de Aragão, que não lhe dava um herdeiro para o trono, Henrique rompe com a Igreja católica, pois o papa não lhe concederia o divórcio, e através do Ato de Supremacia, funda a Igreja Anglicana.

*“... o Anglicanismo consolidou-se, com uma mescla de elementos do catolicismo e do protestantismo.”* (L2 p. 123-3x; p. 124; L3-p. 24)

**Anos Dourados** s.m. Golden Years [ing]

Período marcado por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais.

Inf. encicl.: No Brasil, o governo de Juscelino Kubitschek é lembrado como “Anos Dourados”.

*“... A década de 1950 é conhecida como o período dos “Anos Dourados.”* (L4 p.141)

**Antigo Regime** s.m. Ancien Régime [fr], also Old Rule, Old Order, Old Regime [ing]

Sistema social, político e econômico da França anterior à Revolução, em 1789.

Inf. encicl.: Nas sociedades do Antigo Regime os grupos sociais estavam divididos em três estados: clero (sacerdotes), nobreza (defesa militar) e terceiro estado (população).

*“... o trono francês foi entregue a Luís XVI, o último rei francês do Antigo Regime, que fora condenado à guilhotina pelos revolucionários.”* (L3 p.09-3x; p.12-3x; p.28; p.29; p.35; p.83; p.117)

**Antiguidade** s.f. Antiquity [ing]

Período que se estendeu desde a invenção da escrita (4000 a.C. a 3500 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e início da Idade Média (século V).

Inf. encicl.: Neste período temporal verificamos que as chamadas civilizações antigas, que conhecem a escrita, coexistem com outras civilizações escrevendo sobre elas (Proto-História).

*“... o latim, língua original dos habitantes do Lácio se difundiu na Antiguidade juntamente com as conquistas romanas do euro.”* Sin. Idade Antiga. (L1 p.149)

**Antropocentrismo** s.m. Anthropocentrism [ing]

Doutrina que valoriza a figura humana, transformando-a no centro das atenções.

Inf. encicl.: O Antropocentrismo levou ao desenvolvimento do racionalismo e do humanismo.

*“... em vez da ênfase, no mundo de Deus, desenvolveram o antropocentrismo (o ser humano como centro), valorizando a obra humana.”* (L2 p.103)

**Antropofagia** s.f. Anthropophagy [ing]

Prática regular com caráter ritual de consumir a carne de seres humanos.

Inf. encicl.: Do grego antropo=homem+ fagia=comer.

*“... a guerra, o cativo e o sacrifício dos prisioneiros (Antropofagia) constituíam uma das bases das relações entre as aldeias tupis.”* (L1 p. 57)

**Apartheid** s.f. Apartheid [ing]

Sistema de segregação racial e discriminação na África do Sul.

Inf. encicl.: A minoria branca rompeu a dominação inglesa e instalou uma política segregacionista – o apartheid, somente rompida em 1994, com a eleição de Nelson Mandela.

*“... em 22 de dezembro de 1993, o Parlamento (ainda dominado por brancos) aprovou o projeto de Constituição que estabeleceu a democracia plena e pôs fim ao apartheid.”* (L4-p.160-3x)

**Apoikia** s.f. Apoikiai [ing]

Cidades novas fundadas pelos gregos entre os séculos VIII e VI a. C.

Inf. encicl.: Apoikia pode ser traduzida por “nova casa”.

*“... os gregos fundaram novas cidades, as colônias, chamadas apoikas.”* (L1 p.103)

**Apoteose** s.f. Apotheosis [ing]

Conjunto de honras ou homenagens tributadas a alguém depois da morte.

Inf. encicl.: Na Roma Antiga, passou-se a venerar a figura do imperador, que depois da morte ocupava lugar entre os deuses tradicionais (apoteose).

*“... apoteose na Roma Antiga era um rito funerário da religião romana, porventura o mais honorífico, e que elevava o defunto à categoria dos deuses.”* (L1 p.154)

**Arqueólogo** s.m. Archaeologist [ing]

Pessoa que resgata a história por meio de vestígios como pedaços de ossos, instrumentos e outras peças encontradas nos sítios arqueológicos.

Inf. encicl.: Os arqueólogos têm os mesmos objetivos que os historiadores, só que o meio de conhecerem o passado são os vestígios da vida daqueles povos.

*“... para conhecerem o passado os arqueólogos utilizam os objetos produzidos pelos homens, os vestígios de suas casas, os restos de sua alimentação, seus instrumentos de trabalho, suas armas, seus enfeites e pinturas.”* (L1 p.38; p.40; p.53 p.54-4x)

**Arquitetura gótica** s.f. Gothic architecture [ing]

Estilo arquitetônico caracteriza-se por traços leves: paredes mais finas que as das igrejas românicas e ornamentadas por vitrais coloridos, arcos ogivais (diagonais).

Inf. encicl.: O estilo gótico ficou marcado em muitas catedrais europeias, entre elas a de Notre-Dame, Chartres, Colônia e Amiens, a maioria classificada como Patrimônio Mundial da UNESCO.

“... a arquitetura gótica foi desenvolvida na França no período medieval, séculos XII e XIV.”  
Sin. Obra Francesa. (L2 p.42-2x; p.43)

**Arquitetura românica** s.f. Romanesque architecture [ing]

Estilo arquitetônico caracteriza-se por construções austeras e robustas, com paredes grossas e minúsculas janelas, cuja principal função era resistir a ataques de exércitos inimigos.

Inf. encicl.: A catedral de Santiago de Compostela é exemplo dessa arquitetura.

“... a arquitetura românica foi desenvolvida na França no período medieval, século X.”  
(L2 p.42-2x; p.43)

**Australopithecus** s.m. Australopithecus [ing]

Grupos de homínídeos, primatas, viveram na África há 4 milhões de anos.

Inf. encicl.: Caminhavam de pé, tinham dentes molares fortes e resistentes e um cérebro de 570 cm de volume. Supõe-se que comiam alimentos vegetais; gramíneas, raízes, sementes, brotos. Algumas espécies de *Australopithecus* se alimentavam de lagartos, ovos e pequenos mamíferos.

“... entre os primeiros homínídeos estão os *Australopithecus*, termo que significa macaco do sul.” (L1 p. 28-3x; p. 29)

**Baixo Egito** s.m. Lower Egypt [ing]

Região próxima do mar Mediterrâneo, cujas terras férteis devido ao grande afluxo de água que, carregada de húmus, era despejada no delta do rio.

Inf. encicl.: No Egito Antigo, na região mais próxima do mar Mediterrâneo, o rio Nilo se abre em muitos “braços”, formando um grande delta (foz de rio, em forma triangular).

“... por volta de 3100 a.C., os governantes do reino do Alto Egito (sul) conquistaram o Baixo Egito (norte). Os dois reinos, então, ficaram sob governo único, comandado por um rei: o faraó.” (L1 p.77-4x)

**Balaiada** s.f. Balaiada [ing]

Revolta de caráter popular, feita por vaqueiros, sertanejos e escravos que se uniram para lutar contra a miséria, fome, a escravidão e maus tratos.

Inf. encicl.: Doze mil sertanejos e escravos morreram. Os principais líderes populares da Balaiada foram Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (fazedor de balaios, de onde surgiu o nome Balaiada); Cosme Bento das Chagas (chefe de um quilombo que reunia aproximadamente 3 mil escravos fugitivos) e Raimundo Gomes (vaqueiro).

“... a Balaiada foi um movimento armado dos sertanejos tomados pelo anseio de conseguir justiça social, na província do Maranhão, entre 1838 e 1841.” (L3 p. 174; p.175-4x)

**Bandeiras** s.f. Expedition to the hinterland in conquest of new land, gold and precious stones [ing]

Expedições organizadas e patrocinadas por particulares que entravam pelo sertão em busca de cativos indígenas, pedras ou metais preciosos, no século XVI e XVII.

Inf. encicl.: Não respeitavam os limites do Tratado de Tordesilhas, que demarcavam as possessões portuguesas e espanholas.

“... as bandeiras eram compostas de homens brancos, mestiços e muitos índios.” (L2 p.185-3x; p.186; p.187; p.198)

**Bandeirantes** subst.comum de dois gêneros Brazilian adventurers who took part in the Bandeiras (exploration expeditions). [ing]

Indivíduos que percorriam o sertão (interior despovoado) aprisionando índios e escravos africanos fugidos ou procurando metais preciosos.

Inf. encicl.: As expedições dos bandeirantes partiam da vila de Piratininga (São Paulo), que ficou conhecida como a terra dos bandeirantes.

“... a pé ou em canoas os bandeirantes entravam pelo sertão em busca de cativos indígenas, pedras ou metais preciosos no decorrer do século XVII.” (L2 p.184; p.185-2x; p.186-4x; p.187-8x; p.189)

**Bandeirismo de apresamento** s.m. Principles of exploration expeditions, called Bandeiras, to arrest the Indians for slavery [ing]

Expedição do movimento das bandeiras que tinha como objetivo capturar indígenas no século XVII.

Inf. encicl.: Raposo Tavares e Manoel Preto foram os responsáveis pelo massacre e apresamento de milhares de indígenas guaranis.

“... os bandeirantes organizavam expedições punitivas contra tribos hostis. Procuravam simular condições da chamada guerra justa, para que pudessem prender e escravizar os indígenas legalmente (bandeirismo de apresamento).” (L2 p.187; p.188)

**Bandeirismo prospector** s.m. Principles of exploration expeditions, called Bandeiras, to find gold and precious stones [ing]

Expedição do movimento das bandeiras que buscava encontrar minas de ouro e pedras preciosas, no século XVII no Brasil.

Inf. encicl.: Fernão Dias Pais passou sete anos explorando o sertão mineiro, encontrou apenas pedras de turmalina.

“... e a busca de pedras e metais preciosos (bandeirismo prospector.” (L2 p.187)

**Bárbaros** s.m. Barbarians [ing]

Povos que viviam fora do território do Império Romano e não falavam o latim.

Inf. encicl.: Entre todos esses povos, os germanos foram os que tiveram papel preponderante na invasão do Império Romano do Ocidente e na criação da sociedade medieval.

“Os bárbaros eram os mouros da África, os citas, hunos e mongóis da região central da Ásia e os celtas, eslavos e germanos da Europa.” (L1 p.104; p.141-2x; p. 142-4x; L2 p.10)

**Batalha de Austerlitz** s.f. Battle of Austerlitz [ing]

Conflito ocorrido entre o exército napoleônico e os exércitos da Rússia e Áustria, em 02 de dezembro de 1805.

Inf. encicl.: O exército Francês comandado por Napoleão Bonaparte, derrotou o exército austro-russo comandado pelo Tsar Alexandre I depois de nove horas de luta.

“... A Batalha de Austerlitz foi travada próximo a Austerlitz, cerca de 10 km (6 milhas) a sudeste de Brno na Morávia.” Sin. Batalha dos Três Imperadores. (L3 p.81)

**Batalha de Gettysburg** s.f. Battle of Gettysburg [ing]

Conflito da Guerra Civil dos EUA e ponto culminante da segunda invasão do norte pelo exército confederado do general Robert E. Lee.

Inf. encicl.: A guerra terminou em 1865, com a rendição completa do exército sulista. Nesse mesmo ano, Lincoln foi assassinado num teatro de Washington pelo sulista John Booth.

“... Em Gettysburg foi travada a maior batalha da Guerra Civil Americana.” (L3 p.144)

**Batalha de Lexington** s.f. Battle of Lexington [ing]

Conflito pela independência norte-americana.

Inf. encicl.: Tropas inglesas tentaram destruir um depósito de armas controlado pelos colonos norte-americanos e encontraram forte resistência por parte das tropas coloniais. Os colonos organizam-se militarmente, e a revolta contra o Reino Unido instalou-se de forma declarada. “... a Batalha de Lexington em 19 de abril de 1775 é considerada o marco da guerra pela independência.” (L3 p.57)

**Batalha de Maratona** s.f. Battle of Marathon [ing]

Conflito que marcou o fim da expansão persa.

Inf. encicl.: Milcíades, general ateniense, avançou com 15 mil gregos contra os persas, os persas ao verem os gregos se aproximando velozmente, sem o auxílio nem de cavalaria, nem de arqueiros, acreditaram que estavam diante de um exército irracional, e muitos fugiram do combate.

“... Em 490 a.C., Dario Iº, desembarcou na planície de Maratona (50 km de Atenas), a fim de reprimir os atenienses pelo auxílio dado durante a rebelião das cidades na Anatólia.” (L1 p.97)

**Batalha de Poitiers** s.f. Battle of Poitiers [ing]

Conflito travado entre os Francos de Carlos Martel e os Muçulmanos de Abderramão a 10 de Outubro de 732.

Inf. encicl.: A batalha de Poitiers foi um dos grandes acontecimentos da História do mundo, porque de seu resultado dependia se a Civilização Cristã continuaria ou se o Islã prevaleceria sobre a Europa.

“... ao avançar em direção ao Reino Franco, os muçulmanos foram detidos pelos soldados comandados por Carlos Martel, em 732.” Sin. Batalha de Tours (L2 p.67)

**Batalha de Queroneia** s.f. Battle of Chaeronea [ing]

Conflito que representou a vitória dos macedônios sobre os gregos.

Inf. encicl.: Alexandre o Grande tinha apenas 18 anos quando, no comando de um esquadrão de cavalaria, venceu o batalhão sagrado de Tebas na batalha de Queroneia.

“... A Batalha de Queroneia foi uma batalha disputada por Filipe II, rei da Macedônia, contra o exército formado pela coalizão entre as cidades gregas de Atenas e Tebas no ano de 338 a.C..” (L1 p.121)

**Batalha de Stalingrado** s.f. Battle of Stalingrad [ing]

Conflito militar conduzido pelos alemães e seus aliados contra as forças russas pela posse da cidade de Stalingrado.

Inf. encicl.: Foi a maior e mais sangrenta batalha de toda a História, causando a morte e ferimentos em cerca de dois milhões de soldados e civis, na antiga União Soviética, entre 17 de julho de 1942 e 2 de fevereiro de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, fim ao mito da invencibilidade alemã

“... A Batalha de Stalingrado marca a reviravolta dos destinos da Segunda Guerra Mundial e o princípio do fim da Alemanha Nazista.” Sin. Batalha de Estalinegrado (L4 p.96)

**Batalha de Trafalgar** s.f Battle of Trafalgar [ing]

Conflito naval que ocorreu entre a França e Espanha, contra a Inglaterra.

Inf. encicl: A frota francesa é derrotada pela esquadra inglesa depois de seis horas de combate.

“... Em outubro de 1805, as forças francesas tentaram invadir a Inglaterra, mas os ingleses, comandados pelo almirante Nelson, venceram os franceses.” (L3 p.81)

**Batalha de Valmy** s.f. Battle of Valmy [ing]

Conflito entre a Áustria e a Prússia contra o exército popular francês.

Inf. encicl.: O exército austro-prussiano invadiu a França, contando com o apoio secreto da família real, que passava segredos militares às tropas estrangeiras. Para defender o país, os líderes da Revolução Francesa, como Danton e Marat, fizeram apelos para que todos os cidadãos lutassem.

*“... Em 20 de setembro de 1792, o exército popular francês conseguiu vencer a coligação militar austro-prussiana na Batalha de Valmy.”* (L3 p.70)

**Batalha de Waterloo** s.f. Battle of Waterloo [ing]

Conflito entre forças francesas, britânicas, russas, prussianas e austríacas que se deu nas proximidades da aldeia belga de Waterloo em 18 de junho de 1815.

Inf. encicl.: Preso pelos ingleses, Napoleão foi exilado na ilha de Santa Helena, no oceano Atlântico, onde permaneceu até a morte.

*“... Napoleão Bonaparte perdeu a batalha de Waterloo contra a Inglaterra e a Prússia.”* (L3 p.84)

**Benelux** s.m. Benelux [ing]

Organização econômica da Europa, que gerou o que seria mais tarde a União Européia.

Inf. encicl.: Benelux compreende Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo. O nome *Benelux* é formado pelas iniciais dos nomes dos três países: *BE*lgië, *NE*derland e *LUX*embourg.

*“... o Benelux tinha como objetivos estimular o comércio e eliminar as barreiras alfandegárias.”* (L4 p.174)

**Bloqueio Continental** s.m. Continental Block [ing]

Operação militar decretada por Napoleão Bonaparte, imperador da França, em 1806. Os países do continente europeu deveriam fechar seus portos ao comércio inglês.

Inf. encicl.: Sem conseguir dominar a Inglaterra pela força militar, Bonaparte tentou vencê-la pela força econômica.

*“... D. João não podia cumprir as ordens de Napoleão e aderir ao Bloqueio Continental, pois os comerciantes de Portugal tinham importantes relações com o mercado inglês.”* (L3 p. 81; p.82-4x; p.105-2x)

**Bolchevique** s.m. Bolshevik [ing]

Integrante de uma facção do Partido Operário Social-Democrata Russo.

Inf. encicl.: Na Rússia em 1903, o grupo bolchevique (termo que significa “maioria”) acreditava que os trabalhadores poderiam conquistar o poder de forma imediata, pela luta revolucionária que derrubaria a monarquia absolutista e transformaria a sociedade russa. Seu principal líder era Lênin.

*“... os bolcheviques pregavam a formação de uma ditadura do proletariado, uma forma de governo em que o poder político, social e econômico estaria nas mãos da classe operária, unida em torno de um partido que representasse operários e camponeses.”* (L4 p.34-2x; p.35; p.36-2x; p.38-4x, p.39)

**Bula Inter Coetera** s.f. The Bull *Inter Caetera* [ing]

Documento que estabeleceu que as terras da América fossem divididas entre os reis de Portugal e Espanha.

Inf. encicl.: Um meridiano situado a 100 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde seria a linha divisória dessas terras.

“... a Bula Inter Coetera estabeleceu um acordo que determinava as regiões de exploração de cada uma das nações ibéricas.” (L2 p.86-3x)

**Burguês** s.m. Bourgeois [ing]

Comerciantes e artesãos que viviam nos núcleos urbanos no século XV na Europa.

Inf. encicl.: Grande parte das cidades era cercada por altas muralhas, constituindo um núcleo urbano denominado burgo. Com o aumento populacional, os burgos foram ampliando seus limites para além das muralhas. Do termo burgo surgiu a palavra *burguês*.

“... muitos burgueses pagavam taxas e impostos ao senhor feudal, pois as cidades onde viviam estavam localizadas em áreas de domínio feudal. (L2 p.31-3x; p.32-2x; L3 p.19-2x; p.20; p. 27-2x; p. 31)

**Burguesia** s.f. Bourgeoisie [ing]

Grupos sociais que viviam nas cidades, independentes dos laços feudais.

Inf. encicl.: Henrique VII, que tinha laços de parentesco com os Lancaster e os York, recebeu apoio da burguesia para conseguir a pacificação no país.

“... a ampliação do comércio e do artesanato foi acompanhada pelo crescimento e fortalecimento da burguesia.” (L2 p. 31; L3 p.19-2x; p.20-2x; p.21; p. 27; p. 31; p.33; p.41-2x; p. 63; p.67-2x; p.68; p.70-2x; p.71-3x; p.73-2x; p.77; p.78; p.93)

**Cabanagem** s.f. Cabanagem [ing]

Revolta popular que aconteceu no Pará, em 1835.

Inf. encicl.: Os cabanos eram negros, índios e mestiços que trabalhavam na extração de produtos da floresta e viviam em casas semelhantes a cabanas, à beira dos rios, 30 mil cabanos morreram, o padre Batista Campos benzia os pedaços de pau utilizados como arma pelos rebeldes.

“... Os objetivos da cabanagem foram acabar com a escravidão, com a situação de miséria em que viviam e distribuir terras para os lavradores.” (L3 p. 170- 4x)

**Calvinismo** s.m. Calvinism [ing]

Doutrina que condenava o jogo, o culto às imagens de santos, as danças, o luxo. Pregava o estímulo ao trabalho, a condenação ao desperdício e a legitimidade do lucro.

Inf. encicl.: Em 1536, João Calvino (1509-1564) publicou *Instituição da religião cristã*, na qual defendia que o ser humano estava predestinado a merecer o céu ou o inferno.

“... o calvinismo pregava a doutrina no qual deus escolhe quem será salvo eternamente, salvação mediante a fé e subordinação do Estado à Igreja.” (L2 p. 122-2x, p.123-2x)

**Camisas vermelhas** s.f. Red shirts [ing]

Exército de mil voluntários formado por Giuseppe Garibaldi para lutar pela unificação italiana em 1859.

Inf. encicl.: No final de 1860, a unificação da Itália estava praticamente concluída. Somente Veneza e Roma resistiram por algum tempo, Veneza foi anexada em 1866 e Roma em 1870.

“... Giuseppe Garibaldi e o exército os “camisas vermelhas” ocuparam o reino das Duas Sicílias, afastando do poder o representante da dinastia dos Bourbon, Francisco II.” (L3 p. 120)

**Cangaço** s.m. Banditry, robbery [ing]

Forma de banditismo social e criminalidade. Caracterizavam-se por ações violentas de grupos ou indivíduos isolados: assaltavam fazendas, sequestravam coronéis (grandes fazendeiros) e saqueavam comboios e armazéns.

Inf. encicl: Entre os mais importantes bandidos de cangaceiros destacaram-se o de Antônio Silvino (1875-1944) e o de Virgulino Ferreira, mais conhecido como Lampião (1900-1938).

*“... depois que a polícia massacrou o “bando” de Lampião, em 1938, o cangaço praticamente desapareceu do Nordeste.”* (L4 p.62-2x; p. 63)

Nota: Form of social banditry and criminality, characterized by violent actions of groups or isolated individuals. They robbed farms, kidnapped colonels (great farmers) and looted trains and warehouses.

**Capitania Hereditária** s.f. Hereditary captaincies [ing]

Sistema de divisão do território brasileiro em grandes lotes de terra (15 capitánias ou donatárias) pelo rei D. João III.

Inf. encicl.: Com a morte do donatário, a administração da capitania passava para seus descendentes. Por esse motivo, as capitánias eram chamadas de capitánias hereditárias.

*“... o sistema não obteve sucesso, pois nem todas as capitánias foram ocupadas, nem todos os donatários possuíam o capital necessário para o desenvolvimento da produção.”* Sin. Donatária. (L3 p. 147-5x; p.148-8x; p.149-2x)

**Caras-pintadas** s. sobrecomum masc. Painted faces [ing]

Estudantes brasileiros com os rostos pintados de verde e amarelo que pediram o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, exigindo ética e dignidade na vida pública brasileira.

Inf. encicl.: O impeachment do presidente Fernando Collor de Mello foi aprovado pela Câmara Federal em 29 de setembro de 1992. Ele foi impedido de exercer a função de presidente para ser julgado pelo Senado Federal.

*“... o movimento juvenil – os “caras-pintadas” - foi o elemento determinante para o processo de afastamento do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992.”* (L4 p.217)

**Casa de Fundição** s.f. Foundry [ing]

Lugar no qual todo o ouro era fundido e transformado em barras.

Inf. encicl.: Ao receber o ouro, as Casas de Fundição já retiravam a parte que correspondia ao imposto devido à Fazenda Real.

*“... as Casas de Fundição foram criadas para facilitar o controle da produção de ouro e a cobrança do quinto pela Coroa portuguesa.”* (L2 p.199-2x)

**Cercamentos** s.m. Enclosures [ing]

Ocupação das terras comunais (de uso coletivo), pela nobreza agrária, expulsando os camponeses que nelas trabalhavam, na Inglaterra no século XVIII.

Inf. encicl.: Ao perderem suas terras os camponeses migraram para as cidades, sujeitando-se a qualquer tipo de trabalho urbano.

*“... a política dos cercamentos de terras foi fruto do contexto comercial do século XVIII, na Inglaterra. Consistia na transformação das terras comuns aos senhores e servos.”* (L3 p.41)

**Cesaropapismo** s.m. Caesaropapism [ing]

União de poderes (estatal e religioso) dos imperadores bizantinos que assumiram o papel simultâneo do Estado e da Igreja.

Inf. encicl.: A união entre a Igreja e o Estado não foi pacífica. Houve conflitos entre os imperadores bizantinos e os papas.

*“... os imperadores bizantinos, além do poder político, assumiram o papel de representantes de Deus, passando também a dirigir a igreja. A essa união de poderes, dá-se o nome de cesaropapismo.”* Sin. Movimento herético (L2 p.53-2x)

**Chapetone** s.m. Chapetone [ing]

Pessoas nascidas na Espanha que habitavam a América. Ocupavam altos cargos no governo.

Inf. encicl.: Os chapetones cobravam elevados tributos sobre produtos de exportação (couro, e seus subprodutos) e restringia o desenvolvimento de produtos manufaturados que concorressem com a produção metropolitana.

*“... os chapetones eram os homens brancos, nascidos na Espanha e que vivendo na colônia representavam os interesses metropolitanos, ocupando altos cargos administrativos, judiciais, militares e no comércio externo.”* (L3 p.92; p.95)

Nota: Spaniards who lived in America working for the government.

**Cidadania** s.f. Citizenship [ing]

Qualidade do cidadão, caracterizada pelo livre exercício dos direitos e deveres políticos e civis.

Inf. encicl.: Cidadania e Cidadão são palavras que vêm do latim *civitas*, que indicava a convivência das pessoas participantes das decisões sobre os rumos políticos da sociedade.

*“Cidadania é um processo em construção, cuja realidade se afirma por meio de lutas e conquistas dos diversos sujeitos históricos.”* (L1 p.128; L3 p. 69-2x; L4 p.211; p. 215-3x; p.221)

**Clero** s.m. Clergy [ing]

Membros da Igreja católica, destacando-se os dirigentes superiores, como bispos, abades e cardeais.

Inf. encicl.: A palavra latina *oratores* significa aqueles que oram e rezam. Nessa ordem, havia hierarquia, cujo topo era ocupado pelo Papa, seguido pelos cardeais, arcebispos, bispos, abades e, em sua base, os sacerdotes e os monges, que compunham o chamado baixo clero.

*“... as obrigações para o clero (Oratores) eram, por exemplo, praticar o ofício religioso, procurando conduzir os fiéis à salvação eterna.”* Sin. (L2 p. 24; p.25; L3 p.12-5x; p.29; p. 63-2x; p.65-2x; p.66-3x; p.67-2x; p. 68-3x; p.69-3x)

**Clero regular** s.m. Regular clergy [ing]

Monges que viviam em mosteiros e mantinham vivas algumas das regras da Igreja, como a castidade, a caridade e o voto de pobreza.

Inf. encicl.: O clero regular já estava em formação nos séculos iniciais de expansão do cristianismo (séculos IV, V e VI), quando foram fundadas, entre outras, as ordens dos agostinianos e dos beneditinos.

*“... O clero secular era formado pelos sacerdotes (monges) que viviam nos mosteiros, mosteiros ou conventos, e se dedicavam à oração, a trabalhos manuais, à conversão dos bárbaros e a preservação da cultura greco-romana.”* Sin. monge (L2 p. 40)

**Clero Secular** s.m. Secular clergy [ing]

Párocos, bispos, arcebispos e o papa.

Inf. encicl.: *clero secular* (do latim *saeculum*, mundo), designava os sacerdotes que desenvolviam atividades voltadas para o público.

*“... O clero secular era formado pelos sacerdotes que viviam fora dos mosteiros. Em contato com os fiéis, eles cuidavam da paróquia, da diocese e da província eclesiástica. O papa ocupava o topo da hierarquia. Exerciam as atividades administrativas da Igreja.”* (L2 p. 39)

**Clientelismo** s.m.Patronage [ing]

Prática com troca de favores públicos entre pessoas que demonstravam fidelidade política aos coronéis na Primeira República.

Inf. encicl.: O resultado dessas alianças era que o poder político de cada estado permanecia nas mãos do mesmo grupo.

“... todos procuravam aproximar pessoalmente dos coronéis em busca de favores. Isso caracterizava o clientelismo, isto é, rede de compromissos que ligava os coronéis e os governadores dentro dos estados.” (L4 p.46; p. 47; p.48-2x)

**Colonialismo** s.m. Colonialism [ing]

Sistema com o controle ou a autoridade sobre um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos com poder militar.

Inf. encicl.: O termo colônia vem do latim designando o estabelecimento de comunidades de romanos, geralmente para fins agrícolas, fora do território de Roma.

“... Dominação direta da metrópole sobre a colônia ou por representantes do governo de um país ao qual esse território não pertencia, contra a vontade dos seus habitantes que, muitas vezes, são desapossados de parte dos seus bens (como terra arável ou de pastagem) e de eventuais direitos políticos que detinham.” (L2 p. 133; L4 p. 158)

**Colonização** s.f. Colonization [ing]

Ato de colonizar, quando pessoas de um determinado país ou região vão para outra região (desabitada ou com nativos) para habitar ou explorar.

Inf. encicl.: Existem dois tipos de colonização: de exploração e de povoamento. No Brasil, por exemplo, a de exploração foi a que predominou, pois os portugueses retiraram recursos naturais e minerais (pau-brasil, ouro, diamantes) e levaram o lucro para Portugal. Na colonização de povoamento, os colonizadores buscam desenvolver a região colonizada. Como exemplo, a colonização inglesa nos Estados Unidos.

“... No processo de colonização, ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para os colonizados e vice-versa.” (L3-p. 19; p.54; p. 88; p.89)

**Coluna Prestes** s.f. Prestes column [ing]

Movimento político-militar brasileiro ligado ao Tenentismo, liderado por Luiz Carlos Prestes.

Inf. encicl.: Os homens que ainda permaneciam na Coluna decidiram ingressar na Bolívia e desfizeram a tropa.

“... Durante mais de dois anos (de 1924 a 1926), a Coluna Prestes percorreu 24 mil quilômetros através de 12 estados brasileiros; procurando apoio popular para novas revoltas contra o governo.” (L4 p.68-2x; p.69-2x)

**Comitatus** s.m. Comitatus [ing]

Relação de fidelidade entre o suserano(rei ou nobre) e o vassalo (camponês) na sociedade feudal.

Inf. encicl.: Comitatus foi descrita no tratado *Germania* do historiador romano Públio Cornélio Tácito, no ano 98, como a relação entre um guerreiro germânico e o seu senhor, garantindo que um não abandonaria o campo de batalha sem o outro. Em tradução livre: “Para além disso, sobreviver ao líder e retirar-se do campo de batalha é uma desonra e infâmia para toda a vida.”

“... no comitatus, além de trabalhar nas suas terras, o vassalo servia nas terras do seu suserano e fornecia-lhe serviço militar em troca de terras, segurança e ou privilégios.” (L2 p.11; p.24)

**Comuna de Paris** s.f. Paris commune [ing]

Movimento da classe operária que tentou implantar uma democracia socialista em 1871 na França.

Inf. encicl.: Após a derrota na guerra contra a Prússia, em 1870, instalou-se na França um governo conservador. A crise econômica, somada às ideias socialistas, levaram a população a se revoltar contra o governo. A Comuna durou 72 dias. Apoiado pela burguesia e pelos alemães, Thiers destruiu a Comuna em maio de 1871.

*“... Os trabalhadores assumiram o governo da cidade, formando a Comuna de Paris, que tentou implantar a igualdade entre homens e mulheres, bem como criar uma democracia socialista.”* (L3 p.123-3x; p.124)

**Confederação do Equador** s.f. Confederation of the Equator [ing]

Movimento republicano e separatista ocorrido no nordeste do Brasil em 1824.

Inf. encicl.: Alguns líderes da Confederação do Equador defendiam a extinção do tráfico negreiro e a igualdade social.

*“... a Confederação do Equador foi causada pelo descontentamento que a dissolução da Assembléia Constituinte de 1823, provocou em Pernambuco.”* (L3 p.157; p.158 3x; p.200)

**Congresso de Viena** s.m. Congress of Vienna [ing]

Conferência entre embaixadores das grandes potências européias com o objetivo de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica (1814-1815).

Inf. encicl.: Para restabelecer as monarquias absolutistas foi proposta a união das forças tradicionais da nobreza e do clero contra os movimentos liberais revolucionários.

*“... as decisões políticas do Congresso de Viena foram conservadoras e tinham como objetivo restabelecer as monarquias absolutistas.”* (L3 p.84; p.85-2x; p.115-2x; p.116-2x)

**Conjuração Baiana** s.f. Baiana Conjuraton [ing]

Movimento revolucionário organizado na Bahia por pobres, brancos, mestiços e negros.

Inf. encicl.: Seus objetivos eram a independência do Brasil, a proclamação de uma república democrática, a abolição da escravidão, a abertura dos portos para o livre comércio com todas as nações e a melhoria das condições de vida da população. O termo conjuração refere-se à rebelião ou conspiração contra autoridades ou governantes estabelecidos.

*“... alguns participantes da Conjuração Baiana exerciam profissões como alfaiate, pedreiro, sapateiro e soldado, motivo pelo qual esse movimento também ficou conhecido pelo nome de Revolta dos Alfaiates.”* Sin. Revolta dos Alfaiates (L3 p. 101; p.104-3x; p.200)

**Constantinopla** s.f. Constantinople [ing]

Cidade importante que ligava a Ásia à Europa por terra.

Inf. encicl.: Constantinopla significa cidade de Constantino. Em 395, com a divisão do Império Romano, Constantinopla passou a ser sede do Império do Oriente.

*“... depois de ter sido conquistada pelos turcos otomanos em 1453, a cidade de Constantinopla recebeu o nome de Istambul, que permanece até hoje.”* (L1 p. 141; L2 p.50-3x; p.51-2x; p.54- 2x; p.57-2x)

**Constituição brasileira** s.f. Brazilian Constitution [ing]

Assembléia que garantia, aos brasileiros, o direito de propriedade, de liberdade, de segurança, em 1824.

Inf. encicl.: Esses direitos não tinham a menor eficácia para a maioria da população brasileira, em grande parte composta de escravos.

*“... foi convocada uma Assembléia para elaborar a primeira Constituição brasileira.”* (L3 p 152; p. 153)

**Constituição da Mandioca** s.f. Constitution of manioc [ing]

Assembléia que estabelecia que o eleitor deveria ter uma renda mínima anual equivalente a 150 alqueires de farinha de mandioca.

Inf. encicl.: Esse projeto restringia o poder político aos grandes proprietários rurais.

*“... a assembléia elaborou um projeto da Constituição da Mandioca assim chamada porque, por ela só poderia votar quem possuísse uma renda equivalente a 150 alqueires de mandioca.”* (L3 p. 153)

**Cônsules** s.m. Consuls [ing]

Magistrados com grande poder na República romana em 509 a.C.

Inf. encicl.: Esses cargos eram exercidos por dois cônsules e outros magistrados. Os dois cônsules eram os responsáveis por executar as decisões tomadas e transformadas em lei.

*... “Os cônsules possuíam autoridade civil, eram chefes do comando militar, presidiam o senado, executavam decretos, organizavam eleições e submetiam as medidas legislativas à votação.”* (L1 p. 133-3x)

**Contra-Reforma** s.f. Counter-reformation, catholic reformation, catholic revival [ing]

Movimento da Igreja católica contra a reforma protestante (1545-1563).

Inf. encicl.: A Contra-Reforma foi comandada pelos papas Paulo III (Pontífice de 1534 a 1549), Paulo IV (de 1555 a 1559), Pio V (de 1566 a 1572) e Sisto V (de 1585 a 1590).

*“... Os objetivos da Contra-Reforma eram reafirmar os dogmas da Igreja católica (por meio do Concílio de Trento) e impedir a proliferação das igrejas protestantes (com a ajuda da Inquisição e da Companhia de Jesus).”* (L2 p. 126-2x)

**Convênio de Taubaté** s.m. Covenant of Taubaté [ing]

Acordo firmado em 1906, entre os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro visando instituir uma política de valorização do café brasileiro.

Inf. encicl.: Os fazendeiros propuseram que o governo federal comprasse a produção de café que ultrapassasse a procura do mercado. O café excedente seria estocado pelo governo para ser vendido depois, quando os preços se normalizassem. Para comprar esse café, o governo faria empréstimos no exterior.

*“... convênio de Taubaté foi uma reunião que os fazendeiros de café realizaram em Taubaté (São Paulo), com a finalidade de garantir um preço mínimo para o café, na época, o principal produto da economia brasileira.”* (L4 p.50-2x)

**Coroa portuguesa** s.f. Portuguese crown [ing]

Governo monárquico, poderes do rei no comando do Estado.

Inf. encicl.: O rei de Portugal não demorou a declarar a exploração do pau brasil monopólio da Coroa portuguesa. Ninguém poderia retirá-lo das matas brasileiras sem prévia permissão do governo português e pagamento do tributo correspondente.

*“... após as primeiras expedições, os enviados da Coroa portuguesa perceberam que o Brasil não oferecia condições para lucros fáceis e imediatos.”* (L2 p.81; p.137; p.138; p.142; p.143; p.148-3x; p.151; p.152-2x; p.153-3x; p.156; p.200; L3 p. 106)

**Cortes** s.f. Courts [ing]

Assembléias nas quais representantes do Reino (parlamentares) se reuniam para deliberar sobre a política do Estado.

Inf. encicl.: José Bonifácio, Cipriano Barata e Gonçalves Ledo, se uniram momentaneamente para enfrentar as Cortes e seu projeto de recolonizar o Brasil.

*“... os membros das Cortes portuguesas continuaram tomando uma série de atitudes que tinham o objetivo de submeter a autoridade de D. Pedro.”* (L3 p.110; p. 111-2x)

**Crack da Bolsa de Valores de Nova York** s.m. Wall Street Crash of 1929 [ing]

Queda vertiginosa de milhões de ações na Bolsa de Valores de Nova York, perdendo quase todo o seu valor financeiro, em 29 de outubro de 1929.

Inf. encicl.: Com o desdobramento da crise, entre 1929 e 1932, a produção industrial americana foi reduzida em 54%. As empresas foram forçadas a reduzir o ritmo de sua produção. Em função disso, promoveram a demissão em massa de seus funcionários. Os Estados Unidos não podendo vender também deixaram de comprar e isso afetou também o Brasil que dependia das exportações de café para os Estados Unidos. Milhares de sacas de café foram queimadas, numa tentativa desesperada de manter os preços altos. Afetou a cafeicultura brasileira e abalou as estruturas da Primeira República.

*“... o crack da Bolsa de Valores de Nova York de 1929 abalou o mundo inteiro.”* (L4 p. 75).

**Crescente Fértil** s. comum de dois gêneros Fertile Crescent [ing]

Região dos rios Nilo, Tigre e Eufrates cujas terras eram férteis e apropriadas para a agricultura por causa das enchentes dos rios.

Inf. encicl.: O Crescente Fértil faz lembrar o formato da Lua na fase Crescente. Essa expressão Crescente Fértil enfatiza os vales aluviais mais baixos e mais ricos do Nilo, do Tigre e do Eufrates.

*“... As primeiras aldeias e cidades, com forma própria de organização, as civilizações, surgiram numa região do planeta denominada Crescente Fértil.”* (L1 p.48-3x)

**Criacionismo** s.m. Creationism [ing]

Doutrina que explica a origem do Universo como uma criação de Deus.

Inf. encicl.: A explicação criacionista sobre a origem humana predominou nas sociedades cristãs até o século XIX.

*“... pela teoria do criacionismo o ser humano recebeu de Deus todas as suas capacidades e habilidades, inclusive a espiritualidade.”* (L1 p.26)

**Criollo** s.m. Criollo, Creole [ing]

Filhos de espanhóis nascidos na América.

Inf. encicl.: Os criollos tinham dinheiro, mas não tinham acesso aos cargos mais altos porque esses cargos só podiam ser dos chapetones, eles usaram o dinheiro para estudar, eles foram para as universidades americanas ou européias e tomaram conhecimento das idéias de liberdade que corriam mundo com o Iluminismo.

*“... os criollos, elite colonial, descendentes de espanhóis, nascidos na América, grandes proprietários rurais ou arrendatários de minas, podiam ocupar cargos administrativos ou militares inferiores.”* (L3 p.92-2x; p. 95)

**Cristianismo** s.m. Christianity [ing]

Religião que acredita em um único deus, criador de todos os seres.

Inf. encicl.: O Cristianismo é a maior religião do mundo, o livro sagrado dos cristãos é a Bíblia Sagrada. Existem três ramos do Cristianismo: Protestantismo, Catolicismo e Igreja Ortodoxa. Em 392, foi considerada a religião oficial do Império Romano.

*“... para o Cristianismo, Jesus é o messias enviado por um deus único, criador de todo o universo.”* (L1 p. 66; p.94; p.154.2x; p.155. 6x; p.156-3x; L2 p.43)

**Cruzada** s.f. Crusade [ing]

Expedições militares organizadas pelas autoridades da Igreja católica e pelos nobres poderosos da Europa, com o objetivo de combater movimentos que ameaçassem o poder do clero católico, a fé cristã e o poder dos nobres.

Inf. encicl.: O papa Urbano II apelou aos nobres cristãos do Ocidente que fizessem uma “guerra santa” contra os muçulmanos em 1095. Em decorrência da “guerra santa”, muitos nobres empobreceram o que favoreceu o fortalecimento dos reis. De 1096 a 1270, a cristandade européia organizou oito Cruzadas, além de uma Cruzada popular.

“... as cruzadas ocorreram entre os séculos XI e XIII, libertaram cristãos e lugares considerados santos que estavam sob o domínio dos povos muçulmanos do Oriente.” Sin. Guerra santa. (L2 p.46-8x)

### **Cultura Helenística** s.f. Hellenistic culture [ing]

Processo de integração entre elementos orientais e gregos trazidos pela expansão macedônica.

Inf. encicl.: Esta era teve a duração de pelo menos trezentos anos, encontrando seu fim em 30 a.C., com a invasão do Egito pelos romanos. O período helenístico é caracterizado principalmente por uma ascensão da ciência e do conhecimento.

“... o resultado mais importante do trabalho de Alexandre Magno foi a cultura helenística, que se originou da fusão da cultura grega (helênica) com a cultura oriental.” (L1 p.122)

### **Czar** s.m. Czar, tzar [ing]

Título atribuído ao imperador da Rússia desde o século XVI até 1917.

Inf. encicl.: A palavra César significa título dos imperadores romanos.

“... O Império russo era governado por uma monarquia absolutista, sob o comando de um czar.” (L3 p. 82, p. 83; L4 p. 32-5x; p.33; p.34; p.35-3x; p.36-2x)

### **Degola** s.f. Non approval of the candidates [ing]

Processo comum durante a Primeira República, em que os candidatos da oposição não tinham sua eleição reconhecida pelo congresso, dominado pela maioria governista, e por isso eram impedidos de tomar posse.

Inf. encicl.: O trabalho da Comissão de Verificação de Poderes do Congresso consistia em negação da verdade eleitoral, pois representava a etapa final de um processo de aniquilamento da oposição.

“... Termo que indicava, na 1ª República, no Brasil, a não-aprovação, e a conseqüente não-diplomação, pelas comissões de reconhecimento do Senado e da Câmara de Deputados, de candidatos que a opinião pública julgava eleitos.” (L4 p.48)

Nota: Common procedure during the First Republic, in which opposition candidates were not recognized by the Congress dominated by the governing majority. Because of this, they were prevented from taking up office.

### **Descobrimento** s.m. Discovery [ing]

Descoberta de terra desconhecida.

Inf. encicl.: Em 1556, havia determinações do rei da Espanha proibindo o uso da palavra conquista e propondo a utilização do termo descobrimento. A América não era um mundo a ser criado ou à espera de seu descobridor. Ela já havia sido descoberta e era habitada há milhares de anos antes da chegada do europeu.

“... A palavra descobrimento, empregada com relação a continentes e países, é um equívoco e deve ser evitada. Só descobre uma terra sem habitantes; se ela é ocupada por homens, não importa em que estágio cultural se encontre, já existe e não é descoberta. Apenas se estabelece seu contato com outro povo.” (L2 p. 92-2x; p.137)

**Dia D** s.m. D Day [ing]

Data na qual as tropas aliadas desembarcaram na Normandia (França) e fizeram intenso ataque contra as tropas alemãs, 6 de junho de 1944.

Inf. encicl.: Na terminologia militar passou a significar a data escolhida para a realização de uma operação.

*“... no Dia D(Decision Day, dia da decisão), numa gigantesca operação militar, 176 mil homens desembarcaram em 24 horas na Normandia.”* (L4 p. 97; p. 98)

**Doutrina Monroe** s.f. Monroe doctrine [ing]

Documento de advertência aos governos europeus para que não interferissem nos assuntos do continente americano.

Inf. encicl.: O objetivo da Doutrina Monroe consistia em desaprovar o direito de intervenção da Santa Aliança (1815) nos países da América do Sul.

*“... Como base a doutrina lançada em 1823 pelo presidente James Monroe, a mensagem da doutrina Monroe pode ser interpretada como a América para os americanos.”* (L3 p. 96; p.146)

**Eleições do cacete** s.f. Club elections [ing]

Fato histórico no qual capangas contratados pelos liberais invadiram os locais de votação, distribuindo cacetadas e ameaçando de morte os adversários políticos, em outubro de 1840.

Inf. encicl.: Ao assumir o trono, D. Pedro II escolheu para compor seu primeiro ministério, políticos do Partido Liberal que haviam sido favoráveis à antecipação de sua maioria. A disputa política entre candidatos liberais e conservadores tomou conta do país.

*“... nas primeiras eleições para a Câmara dos Deputados após a maioria de D. Pedro II, os liberais foram acusados, pelos adversários, de vencer na base da fraude e do espancamento.”*

Nota: Historical fact occurred in October 1840 in which bullies hired by the liberals invaded the voting places, striking and threatening the political opponents.

**Embargo espanhol** s.m. Spanish embargo [ing]

Proibição do comércio açucareiro pelos holandeses, que não poderiam comercializar em nenhuma região pertencente ao império espanhol.

Inf. encicl.: Como reação ao embargo espanhol, os holandeses iniciaram suas investidas militares contra as regiões do mundo pertencentes à União Ibérica. Assim, pilharam a costa africana dominada pelos portugueses (1595) e a cidade de Salvador (1604), no Brasil.

*“... durante o lucrativo comércio holandês do açúcar ficou ameaçado por causa do embargo espanhol, durante a União Ibérica.”* Sin. União Peninsular (L2 p.175-2x)

**Emenda Platt** s.f. Platt amendment [ing]

Documento inserido na Carta Constitucional de Cuba, que autorizava os Estados Unidos da América a intervir em Cuba a qualquer momento em que interesses recíprocos fossem ameaçados (1901 a 1933).

Inf. encicl.: Fidel Castro considera que a Emenda Platt e o colonialismo econômico que ela trouxe à ilha foi uma das causas da revolução de 1959.

*“... Os cubanos foram obrigados a incluir a Emenda Platt em sua Constituição, pela qual aceitavam a intervenção militar norte-americana em seu país sempre que o governo dos Estados Unidos julgasse necessário.”* (L3 p.146)

**Encilhamento** s.m. Financial reform [ing]

Reforma financeira promovida pelo governo provisório (1890), cujo objetivo era estimular o crescimento econômico, principalmente o desenvolvimento da indústria.

Inf. encicl.: Encilhar significa arrear o cavalo, preparando-o para a corrida. A reforma recebeu esse nome porque produziu um movimento tão grande na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro que lembrava o Jockey Clube em dia de corrida. Os investidores foram comparados a apostadores tentando a sorte no jogo.

*“... no encilhamento, como a circulação de dinheiro era maior do que a oferta de bens e serviços, os preços aumentaram, houve inflação. Isso gerou grande especulação financeira, o que agravou a desorganização econômica do país.”* (L4 p. 13)

Nota: Financial reform promoted by the provisional government (1890), whose goal was to stimulate economic growth, mainly industrial development..

### **Era Vargas** s.f. Vargas Era [ing]

Período marcado pela liderança política de Getúlio Vargas (1930-1945).

Inf. encicl.: A Era Vargas é dividida em três fases: governo provisório (1930-1934); governo constitucional (1934-1937); e governo ditatorial (1937- 1945).

*“... durante a Era Vargas a população urbana cresceu em relação à agrária, a importância da indústria na economia nacional se ampliou e o poder dos empresários das cidades aumentou, em comparação com o poder dos produtores rurais.”* Sin. Período getulista. (L4 p. 119-2x)

### **Escriba** s.m. Scribe [ing]

Funcionário do faraó que conhecia a escrita egípcia e sabia ler, escrever e contar. Visitava as províncias e os campos para cobrar tributos no Egito antigo.

Inf. encicl.: Os escribas fiscalizavam os serviços na construção de canais, diques, estradas, templos e pirâmides.

*“... grande parte do conhecimento que temos hoje da literatura da Antiguidade greco-romana deve-se ao trabalho de coleta e cópia desenvolvida pelos escribas desse período.”* (L1 p.80-4x; p.81; p.82; L2 p.18)

### **Escrita** s.f Writing [ing]

Sistema de sinais pelo qual a linguagem verbal pudesse ser fixada, entendida e transmitida para outras pessoas.

Inf. encicl.: Os sacerdotes não podiam confiar apenas na memória para registrar as transações econômicas: empréstimos de animais ou sementes, pagamento a construtores de barcos ou comerciantes, controle de produtos estocados em armazéns. A partir disso, eles começaram a desenvolver uma escrita.

*“... a invenção da escrita desenvolvido pelos sacerdotes da Mesopotâmia que realizavam transações econômicas.”* (L1 p.70-4x)

### **Escrita suméria** s.f. Sumerian writing [ing]

Sistema utilizado não só para fazer a contabilidade dos templos, mas também para registrar textos religiosos, literários e normas jurídicas.

Inf. encicl.: A escrita suméria tinha no início mais de 2 mil signos. Eles foram reduzidos a 300 signos mais usuais.

*“... Os primeiros sinais da escrita suméria eram pictográficos, consistia em desenhos figurativos do objeto simplificado de um boi, uma cabeça, um jarro, por exemplo.”* Sin. Escrita cuneiforme. (L1 p.70-2x; p.71-3x)

### **Esparciata** s.m. Spartan [ing]

Cidadão espartano que permanecia à disposição do exército ou dos negócios públicos, podendo participar do governo da cidade.

Inf. encicl.: A educação desenvolvida em Esparta e Atenas constitui dois modelos educativos diferentes. Em Esparta a formação de cidadãos-guerreiros, defensores do Estado. Em Atenas, predominava a formação mais livre e aberta, que valorizava o indivíduo e suas capacidades.

“... na Grécia antiga os *esparciatas* eram proprietários da terra e não podiam exercer o comércio.” Sin. Espartano, lacedemônio. (L1 p. 111-7x)

**Estado liberal** s.m. Liberal state [ing]

Política em que a ação do governante é limitada por leis jurídicas.

Inf. encicl.: O Estado Liberal é um modelo que se encerrou com o *New Deal*, pois a partir daí o Estado passou a intervir mais fortemente na economia, gerando o chamado Estado Social.

“... o Estado liberal, no qual havia três poderes distintos: Legislativo, Executivo e Judiciário.” (L3 p. 24)

**Estado Novo** s.m. New state [ing]

Regime político centralizado e autoritário brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 1937, que durou até 1945.

Inf. encicl.: Entre os novos órgãos criados pelo governo, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) era responsável por controlar os meios de comunicação da época e propagandear uma imagem positiva do governo.

“... o Estado Novo foi implantado por Getúlio Vargas sob a justificativa de conter uma nova ameaça de golpe comunista no Brasil.” (L4 p. 124)

**Estratego** s.m. Stratego [ing]

Indivíduos encarregados em tempo de guerra do comando dos exércitos e serviços relacionados às ações militares. Em tempo de paz, cabia a eles implantar as decisões tomadas pela Assembléia do Povo, no século V a.C, na Grécia antiga.

Inf. encicl.: Os atenienses aperfeiçoaram a vida democrática, que atingiu força no período de 445 a 431 a.C., sob a liderança política de Péricles, reeleito várias vezes para o cargo de estratego.

“... os projetos aprovados pela Assembléia do Povo deviam ser executados pelos estrategos.” (L1 p. 107-4x)

Nota: Individuals responsible in wartime for the management of armies and military action-related services. In time of peace, it was their responsibility to implant the decisions taken by the People's Assembly in the fifth century a.C, in ancient Greece.

**Eupátrida** s.m. Eupatrid [ing]

Indivíduos considerados bens nascidos, filhos da elite, na Grécia Antiga.

Inf. encicl.: Sólon, um eupátrida, criou um órgão legislativo chamado Conselho dos Quatrocentos (Bulé), assembléia destinada à elaboração das leis e assim diminuir a força dos eupátridas.

“... *apossando-se das melhores terras cultiváveis, essa aristocracia (composta de eupátridas= bem nascidos) tornou-se muito rica.*” (L1 p. 106)

**Expansão marítima** s.f. Maritime expansion [ing]

Descoberta de novos continentes.

Inf. encicl.: A expansão marítima pelo Atlântico, nos séculos XV e XVI, consumiu muito dinheiro e também muitas vidas. Os naufrágios eram frequentes. Entretanto, a difícil condição

de vida da população portuguesa fazia com que muitos participassem das grandes viagens, mesmo temendo o mar.

“... *Com as grandes navegações a partir do século XV, com a circunavegação da África, a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama, a descoberta da América por Colombo e com a volta ao mundo de Fernão de Magalhães, aumentaram-se as regiões produtoras e consumidoras, surgindo o mercado mundial.*” (L2 p. 78; p.79; p. 111; L3 p. 19)

**Faraó** s.m. Pharaoh [ing]

Rei supremo do Egito.

Inf. encicl.: O faraó detinha autoridade religiosa, administrativa, judicial e militar. Podia ter diversas esposas legítimas e grande número de amantes (concubinas). Ele era dono da maioria das terras do Egito.

“... *Faraó significa, na sua origem, grande casa (palácio) e rei.*” (L1 p. 75; p.77; p.78; p.79; p.80-7x; p.81; p.84-4x; p.85-2x)

**Fascismo** s.m. Fascism [ing]

Ideologia na qual seus participantes lutam para que o Estado seja forte, organizado e tenha ao mesmo tempo uma base popular.

Inf. encicl.: Em 1921, Benito Mussolini fundou o Partido Nacional Fascista.

“... *O essencial do fascismo é sua concepção de Estado, Tudo no Estado, nada contra o Estado, Nada fora do Estado, o fascismo significa Estado.*” (L4 p.72, p. 77; p. 78-6x; p.79-2x)

**Feitor** s.m. Slave driver [ing]

Indivíduo encarregado dos trabalhadores escravos nos engenhos.

Inf. encicl.: O feitor de plantações escolhia as terras para o plantio, o tipo de cana e os momentos adequados para o cultivo e a colheita.

“... *os que trabalhavam no campo e na mineração viviam sob a fiscalização do feitor, de um capataz.*” (L2 p. 157; p.166)

Nota: Individual responsible for the slaves in the mills.

**Feitor-mor** s.m. Sugar cane plant manager [ing]

Administrador do engenho de açúcar.

Inf. encicl.: Cuidava do ritmo da produção, controlando o transporte da cana para as moendas e garantindo a manutenção e o bom funcionamento dos equipamentos. Recebia sessenta mil réis.

“... *o senhor de engenho nem sempre administrava diretamente suas propriedades. Transferia essa tarefa a um feitor-mor.*” (L2 p. 157; p.158)

Nota: Manager of the sugar mill.

**Feudalismo** s.m. Feudalism [ing]

Sistema de organização econômica, social e política baseado nas relações nas quais os senhores dominam uma massa campezina que explora a terra e lhes fornece com que viver.

Inf. encicl.: O feudalismo consolidou-se a partir do século 8 e teve seu período de maior desenvolvimento até o século 10. Depois disso, esse modelo de sociedade ainda sobreviveu em alguns reinos europeus até o século 15, no final da Idade Média.

“... *a partir dos séculos XIII e XIV, no feudalismo, os laços estabelecidos entre membros da nobreza davam-se a partir da concessão de feudos (que podiam ser certa extensão de terras, dinheiro ou outros direitos).*” (L2 p.19; p. 23- 3x; p.74-2x)

**Fonte histórica não-escrita** s.f. Unwritten historical source [ing]

Registros da atividade humana que utilizam linguagens diferentes da escrita ex: pinturas.

Inf. encicl.: A Máscara Jurupixuna, coletada no povoamento de Caldas, AM, pelo português Alexandre Rodrigues Ferreira, durante viagem realizada de 1783 a 1793, está no Museu e Laboratório Antropológico em Coimbra é exemplo de Fonte histórica não-escrita.

“... *exemplos de fonte histórica não-escrita são depoimentos de pessoas sobre aspectos da vida social e individual, esculturas, armas, músicas, filmes, fotografias e objetos variados.*” (L1-p. 14-2x; p. 15)

**Fonte histórica escrita** s.f. Written historical source [ing]

Registros produzidos pelo ser humano em forma de inscrições, ex: cartas.

Inf. encicl.: Das fontes escritas se ocupam ciências auxiliares como a Paleografia, a Filologia, a Epigrafia, a Papirologia, a Diplomática.

“... *exemplos de fonte histórica escrita são as letras de canções, livros, jornais, revistas, documentos públicos etc.*” (L1-p. 14-2x)

**Força Expedicionária Brasileira (FEB)** s.f. Brazilian Expeditionary Force [ing]

Soldados (25.334) que lutaram ao lado dos Aliados na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Inf. encicl.: Comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, a FEB participou de batalhas como as de Monte Castello, Caltelnuovo, Collecchio e Fornovo.

“... *Em 1944, partiram para lutar na Itália as primeiras tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB).*” (L4 p. 127-2x)

**Genocídio** s.m. Genocide [ing]

Crime contra a humanidade que consiste em destruir total ou parcialmente um grupo étnico ou religioso.

Inf. encicl.: Em 1944, Raphael Lemkin (1900-1959), um advogado judeu polonês, ao descrever as políticas nazistas de assassinato sistemático, incluindo a destruição dos judeus europeus, criou a palavra "genocídio", combinando a palavra grega *geno-*, que significa *raça* ou tribo, com a palavra latina *-cídio*, que quer dizer matar.

“... *Lemkin definiu o genocídio como "um plano coordenado, com ações de vários tipos, que objetiva à destruição dos alicerces fundamentais da vida de grupos nacionais com o objetivo de aniquilá-los.*” (L2 p. 49)

**Génos** s.m. Genos [ing]

Organização social de grandes famílias na Grécia antiga, de 1150 a 800 a.C.

Inf. encicl.: Cada *genos* era chefiado pelo homem mais velho e o poder era passado do pai para o filho primogênito. Tal organização surgiu na região da Grécia Antiga, logo após o evento denominado 1ª Diáspora Grega.

“... *cada génos era formado por pessoas que acreditavam descender de um mesmo antepassado. A terra, a colheita e o rebanho pertenciam à comunidade.*” (L1- p.102-2x; p.103)

**Gentry** s.f. Gentry [ing]

Nobreza rural de tendência capitalista durante o século XVI.

Inf. encicl.: Na hierarquia social inglesa, a gentry formava uma nobreza de status mais do que de sangue. Seus membros, os gentlemen, eram proprietários de terras, mas muitos tinham suas origens e suas fortunas ligadas a outros setores que não a terra.

“... *nessa época havia interesses comuns entre a monarquia absolutista, a burguesia e a gentry, que explorava a terra com fins lucrativos.*” (L3 p. 19-2x; p. 20- 2x; p.21)

**Geocentrismo** s.m. Geocentrism [ing]

Teoria defendida pela Igreja católica que a Terra era o centro físico do universo.

Inf. encicl.: Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) já defendia a idéia de que o Universo seria um enorme círculo finito, sendo que a Terra estaria no centro desse círculo. No século II d.C., Cláudio Ptolomeu astrônomo, geógrafo e matemático, baseado na trigonometria afirmava que ao redor da Terra giravam a Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno, exatamente nessa ordem.

“... *Copérnico refutou a teoria geocêntrica que concebia a Terra como um centro fixo em torno do qual giravam os demais corpos celestes.*” Sin. Teoria Geocêntrica (L2 p. 110-2x)

**Gladiador** s.m. Gladiator [ing]

Escravos ou prisioneiros de guerra que eram obrigados a lutar para divertimento da população, no século II, em Roma.

Inf. encicl.: A autoridade costumava ouvir a multidão delirante para decidir se o ferido merecia ou não continuar vivendo. Se apontasse o polegar para cima, o gladiador permanecia vivo. Se apontasse para baixo, seria morto.

“... *No chão, o gladiador ferido implorava pela vida, erguendo a mão na direção do camarote oficial.*” (L1 p.150- 6x; p.151-4x)

**Governo dos Cem Dias** s.m. One hundred days' government [ing]

Período no qual Napoleão retorna do seu exílio na ilha de Elba.

Inf. encicl.: O Império Napoleônico cai quando tenta invadir a Bélgica. Após a queda do seu império Napoleão é exilado para a ilha de Santa Helena onde morre.

“... *a permanência de Napoleão Bonaparte no governo francês durou apenas 100 dias (de 1º de março de 1815 a 18 de junho de 1815) quando seu exército foi vencido na batalha de Waterloo.*” (L3 p. 84)

**Grande Cisma do Ocidente** s.m. Great Schism [ing]

Crise religiosa no qual a igreja católica foi governada por dois papas, um em Roma e outro em Avignon na França (1378 e 1417).

Inf. encicl.: As motivações desta crise foram de ordem política, resultado do fim do Papado de Avignon.

“... *O Cisma do Ocidente foi uma ruptura que ocorreu na Igreja Católica em 1378.*” Sin. Cisma Papal, Grande Cisma. (L2 p. 34)

**Guerra contra Aguirre** s.f. Aguirre War [ing]

Conflito ocorrido entre o Brasil e o Uruguai, durante o Segundo Reinado.

Inf. encicl.: O exército brasileiro invadiu seu território em março de 1864 e conquistou vários territórios como União e Paysandu.

“... *O conflito se iniciou quando Aguirre, governante do Uruguai, organizou várias invasões contra o território gaúcho que estava cheio de fazendeiros criadores de gado.*” (L3 p. 192)

**Guerra das Duas Rosas** s.f. War of two roses [ing]

Conflito provocado por disputas pelo trono inglês entre duas famílias da nobreza, os Lancaster e os York.

Inf. encicl.: As duas famílias adversárias eram descendentes dos Plantageneta. Estes conflitos duraram pelo menos trinta anos, estendendo-se ao longo dos governos de Henrique VI, Eduardo IV e Ricardo III.

“... a Guerra das Duas Rosas ficou assim conhecida porque os Lancaster tinham no brasão de família uma rosa vermelha, e os York, uma rosa branca.” (L3 p.19)

#### **Guerra de Secessão** s.f. Secession War [ing]

Conflito norte-americano que ocorreu entre os Estados do Norte e os do Sul houve uma separação entre esses estados.

Inf. encicl.: A guerra civil provocou a morte de 600 mil pessoas e prejuízos de 8 bilhões de dólares. Os negros continuaram sendo perseguidos mesmo com o término legal da escravidão.

“... a Guerra de Secessão (1861-1865) só terminou com a rendição completa do exército sulista.” Sin. Guerra civil norte-americana. (L3 p. 143; p.144; p. 145)

#### **Guerra do Contestado** s.f. Contestado War [ing]

Conflito entre antigos trabalhadores da *Brazil Railway* e o governo do Paraná e Santa Catarina.

Inf. encicl.: O confronto ocorreu na fronteira, numa região contestada (disputada) pelos dois estados (1912 a 1916).

“... a Guerra do Contestado foi um conflito armado entre camponeses expulsos de suas terras e representantes do poder estadual e federal brasileiro numa região rica em erva-mate e madeira.” (L4 p. 61)

#### **Guerra do Ópio** s.f. Opium War [ing]

Conflito entre os chineses e os ingleses por causa do comércio ilegal do ópio (1840-1842).

Inf. encicl.: Em meados do século XIX a Grã-Bretanha era a potência mais desenvolvida do mundo. Apenas o ópio, despertava o interesse dos chineses. A guerra do Ópio terminou quando os chineses foram obrigados a assinar o Tratado de Nanquim.

“... o assassinato de um súdito chinês por marinheiros britânicos foi um dos fatos, que serviu de pretexto para que a Grã-Bretanha declarasse guerra à China, na chamada Primeira Guerra do Ópio.” Sin. Primeira Guerra do Ópio. (L3 p. 135)

#### **Guerra do Paraguai** s.f. Paraguayan War [ing]

Conflito armado ocorrido na América do Sul. Brasil, Argentina e Uruguai (formaram a Tríplice Aliança, iniciando uma guerra contra o Paraguai).

Inf. encicl.: Desde a sua independência, os governos do Paraguai adotaram medidas econômicas, as quais propiciaram o desenvolvimento da economia interna, a erradicação do analfabetismo e outras melhorias internas. Esse desenvolvimento paraguaio contrariava os interesses ingleses, que desejavam vender suas mercadorias na América Latina.

“... a Guerra do Paraguai aconteceu por causa de interesses políticos e territoriais entre os governos do Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai, que disputavam o controle político e econômico da região do rio da Prata.” (L3 p. 192; p.193; p.194; p.195, p.197)

#### **Guerra do Prata** s.f. Platine War [ing]

Conflito entre Argentina e Brasil pela hegemonia na região do Rio da Prata.

Inf. encicl.: Travada no Uruguai, rio da Prata e nordeste argentino (de 1851 a 1852), entre as forças da Confederação Argentina, e as forças da aliança formada pelo Império do Brasil, Uruguai e províncias rebeldes argentinas.

*“... a Guerra do Prata terminou com a vitória aliada na Batalha de Monte Caseros em 1852, estabelecendo a hegemonia brasileira na região do Prata e gerando estabilidade política e econômica ao Império do Brasil.”* Sin. Guerra contra Oribe e Rosas. (L3 p. 192)

**Guerra do Vietnã** s.f. Vietnam War [ing]

Conflito ocorrido no Sudeste Asiático.

Inf. encicl.: Mais de 50 mil soldados dos Estados Unidos morreram nessa guerra, entre os vietnamitas, morreram cerca de 200 mil pessoas.

*“... a Guerra do Vietnã (de 1959 a 1975) pode ser vista como um desdobramento da guerra da Indochina, sendo marcada pela intervenção militar direta das tropas dos Estados Unidos (1963) na região.”* Sin. Guerra do Vietname, Guerra do Vietnam, Guerra Americana. (L4 p.155-2x)

**Guerra do Yom Kippur** s.f. Yom Kippur War [ing]

Conflito militar ocorrido entre a coalizão de estados árabes liderada por Egito e Síria contra Israel (de 6 de Outubro a 26 de Outubro de 1973).

Inf. encicl.: Uma das mais sérias consequências da Guerra do Yom Kippur foi a deflagração da Crise do Petróleo. Tal crise se instalou logo que os países árabes integrantes da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) se negaram a vender petróleo aos países que apoiavam o governo israelense.

*“... a Guerra do Yom Kippur começou com um ataque conjunto surpresa pelo Egito e Síria no feriado judaico de Yom Kipur, tentando reconquistar os territórios ocupados por Israel em 1967.”* Sin. Guerra Israel-Árabe de 1973, Guerra de Outubro, Guerra do Ramadão (Ramadã, na forma brasileira), Quarta guerra Israelo-Árabe. (L4 p.162)

**Guerra dos Bôeres** s.f. Boer War [ing]

Conflito entre o Reino Unido e as repúblicas independentes de Transvaal e Orange, no nordeste da África do Sul.

Inf. encicl.: Conflito, que durou de 11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902, iniciou-se com a tentativa da Coroa britânica de anexar as duas repúblicas, ricas em jazidas de diamante, ouro e ferro.

*“... a guerra dos Bôeres aconteceu entre os africanos (os Bôeres) de origem holandesa que habitavam a região e os britânicos. Os bôeres ocupavam a região desde 1830, lutaram para preservar sua independência.”* (L3 p. 133)

**Guerra dos Cem Anos** s.f. Hundred Years' War [ing]

Conflito entre França e Inglaterra, teve como causas a sucessão real e a disputa pela rica região de Flandres.

Inf. encicl.: O exército francês conseguiu expulsar os ingleses dos territórios da França.

*“... a guerra dos Cem Anos (1337 e 1453) prejudicou a economia da França e da Inglaterra, empobrecendo grande parte da nobreza feudal, em períodos diferentes, ingleses e franceses obtiveram vitórias significativas.”* (L2 p. 34-2x)

**Guerra dos Emboabas** s.f. Emboaba's War [ing]

Conflito entre os bandeirantes e os portugueses em (1708).

Inf. encicl.: Os portugueses eram chamados de emboabas, palavra de origem tupi que significa aves de pés cobertos, em referência às botas que usavam, enquanto os mestiços paulistas que compunham as bandeiras andavam de pés descalços.

“... na Guerra dos Emboabas, para não prejudicar a extração do ouro, o governo português interveio na região; os paulistas deixaram Minas Gerais e foram procurar jazidas de ouro em outras regiões.” (L2 p.198; p. 199)

**Guerra dos Farrapos** s.f. Farroupilha Revolt [ing]

Revolta dos produtores rurais por causa da concorrência do charque uruguaio e argentino devido aos baixos impostos de importação.

Inf. encicl.: D. Pedro II fez um acordo de paz, anistia aos revoltosos e taxa em 25% do charque platino.

“... Guerra dos Farrapos (de 1835 a 1845) foi uma revolta dos produtores rurais no Rio Grande do Sul, que queriam eliminar ou reduzir as taxas sobre o gado na fronteira com o Uruguai propiciando a livre circulação de seus rebanhos nos dois países.” Sin. Revolução Farroupilha. (L3 p.171-2x; p.5x; p. 2x).

**Guerra dos Mascates** s.f. War of the hawkers [ing]

Conflito armado entre os senhores de engenho de Olinda e os comerciantes portugueses que moravam em Recife (1710 a 1711).

Inf. encicl.: A crise da produção açucareira obrigou os fazendeiros a pedir empréstimos aos comerciantes recifenses. A situação ficou insustentável quando Recife foi elevada à categoria de vila. O governo perdoou as dívidas dos senhores de engenho e tornou Recife a capital de Pernambuco.

“... na guerra dos Mascates, confrontaram-se os senhores de terras e de engenhos pernambucanos, concentrados em Olinda, e os comerciantes portugueses do Recife, chamados pejorativamente de mascates.” (L2 p.181)

**Guerra dos seis dias** s.f. Six-Day War [ing]

Conflito armado pelos israelenses, com o apoio dos Estados Unidos, contra o Egito, a Síria e a Jordânia.

Inf. encicl.: Com a vitória, os israelenses anexaram-se à península do Sinai, faixa de Gaza, Cisjordânia, colinas de Golam e a parte oriental da cidade de Jerusalém.

“... a Guerra dos Seis Dias, assim ficou conhecida a guerra que confrontou Israel e os seguintes países árabes: Egito, Jordânia e Síria, com o apoio do Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Sudão e Argélia.” (L4 p.162)

**Guerra dos Sete Anos** s.f. Seven Years' War [ing]

Disputas econômicas e coloniais entre Inglaterra e França (1756-1763).

Inf. encicl.: O tratado de Paris (1763) pôs fim ao conflito.

“... o processo de independência das 13 colônias inglesas da América foi desencadeado no fim da Guerra dos Sete Anos, na qual Inglaterra e França disputavam, também, regiões da América do Norte. A Inglaterra saiu da guerra com sua economia abalada, devido às despesas militares.” (L3 p.55-2x; p.65-2x)

**Guerra dos Trinta Anos** s.f. Thirty Years' War [ing]

Disputas político-religiosas entre católicos e protestantes na atual Alemanha (1618 a 1648).

Inf. encicl.: O conflito se espalhou por regiões européias.

“... A Guerra dos Trinta Anos é a denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações européias travaram entre si, especialmente na Alemanha, por motivos variados: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais.” (L2 p.125)

**Guerra Fria** s.f. Cold War [ing]

Período de extrema rivalidade política, militar, econômica e ideológica entre a União Soviética e os Estados Unidos (1946-1991).

Inf. encicl.: Marcada pela corrida armamentista e espacial entre os dois países, os quais poderiam ter levado o mundo a uma guerra nuclear.

*“... a queda do muro de Berlim, em 1989, e a dissolução da União Soviética, em 1991, foram apontadas por muitos analistas como episódios marcantes do fim da Guerra Fria.”* (L4 p.103; 105 p.109-3x, p.110, p.111; p.112; p.191)

### **Guerra Greco-Pérsicas** s.f.Greco-Persian Wars [ing]

Conflitos bélicos entre os antigos gregos e o Império Persa durante o século V a.C..

Inf. encicl.: Após tantas guerras, as cidades gregas ficaram debilitadas e foram conquistadas por Felipe II da Macedônia, em 338 a.C.. na batalha de Queroneia.

*“... a ascensão econômica e cultural da Grécia provocou disputas por rotas comerciais, mercados e matérias-primas entre gregos e persas. Essa é uma das razões do longo conflito das Guerras Greco-Pérsicas de 499 a 475 a.C..”* Sin. Guerras Médicas, Guerras Medas, Guerras Greco-Persas, Guerras Persas. (L1 p.119-2x)

### **Guerra Guaranítica** s.f. Guarani War [ing]

Conflitos (1753 a 1756) que envolveram os índios guaranis e as tropas espanholas e luso-brasileiras no sul do Brasil após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750.

Inf. encicl.: Após a Guerra Guaranítica, o governo de Portugal não entregou aos espanhóis a Colônia de Sacramento.

*“... Os guaranis de Sete Povos das Missões recusaram-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a transferir-se para o outro lado do rio conforme ficara acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha. Com isso, houve a Guerra Guaranítica.”* (L2 p.194)

### **Guerra justa** s.f. Fair War [ing]

Conflitos contra os indígenas para prendê-los e escravizá-los.

Inf. encicl.: Guerra contra os indígenas, autorizada pelo governo português ou seus representantes, sendo justificada nos casos de recusa à conversão à fé cristã ou impendimento a sua divulgação, quebra de acordos ou hostilidade contra os portugueses, no século XVI no Brasil.

*“... entre os direitos dos donatários estava, através da chamada guerra justa, escravizar os indígenas considerados inimigos, obrigando-os a trabalhar na lavoura.”* (L2 p.144; p.147; p.186)

### **Guerras Púnicas** s.f. Punic Wars [ing]

Guerras entre Roma e Cartago (264-146 a.C).

Inf. encicl.: Puni (fenício), era como os romanos chamavam os cartagineses.

*“... os romanos expandiram seu território por meio de várias conquistas militares. Teve início as guerras contra Cartago, conhecidas como Guerras Púnicas.”* (L1 p.135)

### **Hebreu** s.m Hebrew [ing]

Indivíduos que viviam ao redor da cidade de Ur, no sul da Mesopotâmia, por volta do século XIX a.C.

Inf. encicl.: Atualmente, Israel, parte da Síria e da Jordânia localizam nessa área.

*“... os hebreus criaram a religião judaica (ou judaísmo), que se fundamenta no monoteísmo, isto é, crença em um deus único. Organizavam-se em comunidades, dedicando-se à criação de ovelhas, cabras etc.”* (L1 p.90; p. 91-5x; p.92-7x; p.93-10x; p.94-3x)

**Heliocentrismo** s.m. Heliocentrism, heliocentricism [ing]

Teoria que o Sol é o centro do sistema solar.

Inf. encicl.: Essa teoria foi elaborada e expandida por Johannes Kepler tempos depois.

“... *Nicolau Copérnico (1473-1543) defendeu o heliocentrismo, que o sol está estacionário no centro do universo.*” Sin. Teoria heliocêntrica (L2 p. 110- p.111)

**Heresia** s.f. Heresy [ing]

Crenças e práticas religiosas diferentes da doutrina católica (séculos XI e XII).

Inf. encicl.: Entre as principais heresias medievais, podemos citar: os Albigenses, os Valdenses, os Patarinos e o Bogomilismo. Os Albigenses acreditavam em dois deuses: um do Bem e outro do Mal. Os Valdenses e patarinos não aceitavam sacramentos que fossem ministrados por padres pecadores (que não seguiam os preceitos cristãos e católicos). O Bongolismo criticava a riqueza da Igreja de Roma; acreditavam que o cristianismo verdadeiro existia apenas na pobreza e na vida simples; combatiam o culto à Virgem Maria e aos santos.

“... *as heresias eram escolhas religiosas diferentes da doutrina oficial católica, tais práticas se originaram de antigas crenças orientais, gregas, romanas, celtas e germânicas.*” Sin. Movimento herético (L2 p.44-2x; p.45-6x; p.46-2x)

**Hilota** s.m. Hilot [ing]

Indivíduos que eram duramente explorados cultivando a terra e não podiam ser expulsos de seu lugar, na Grécia antiga, (século VI a.C).

Inf. encicl.: A vida dos hilotas foi marcada pela opressão e miséria.

“... *para controlar as revoltas e manter os hilotas sob clima de terror, os espartanos organizavam expedições anuais de extermínio (criptias), que consistiam na perseguição e morte dos hilotas considerados perigosos.*” (L1- p. 111-6x)

**História** s.f. History [ing]

Ciência que estuda o Homem e sua ação no tempo e no espaço, concomitante à análise de processos e eventos ocorridos no passado.

Inf. encicl.: A palavra História vem do grego *ιστορ* que significa “*investigação.*”

“... *a História interpreta as vivências humanas através dos tempos, é a base de todo conhecimento sólido. Foi usada pela primeira vez por Herótodo.*” (L1 p.10; p.11-6x; p.12-6x; p.14-3x; p.118)

**História oral** s.f. Oral History [ing]

Registros colhidos a partir de entrevistas gravadas pelo historiador.

Inf. encicl.: A História Oral é uma metodologia muito usada em pesquisas históricas e sociológicas. É um método de recolhimento de informações através de entrevistas com pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido.

“... *a história oral serve para registrar a memória (pessoal e coletiva) e ampliar a compreensão da história que está sendo feita hoje, ou de um passado recente.*” (L1 p.15)

**Historiador** s.m. Historian [ing]

Pessoa que se interessa em pesquisar, ensinar ou escrever sobre história.

Inf. encicl.: Foi com Herótodo (484-425 a. C), conhecido como o pai da história, que surgiu o historiador como figura subjetiva.

“... *o historiador investiga e interpreta as ações humanas que, ao longo do tempo, podem ter provocado mudanças na vida social em vários aspectos: na economia, nas artes, na política, na maneira de pensar, nas formas de ver e sentir o mundo.*” (L1 p.12-3x; p.14-6x; p.15; L3 p.

33; p. 44; p.63; p. 65; p.66; p.68; p. 70; p. 72; p. 73; p.75; p.76; p.77; p.80; p.81-2x; p.83; p. 107, p.109; p. 117; p.124; L2 p.92; L4 p.189).

**Holocausto** s.m. Holocaust [ing]

Extermínio de judeus e outros grupos sociais pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Inf. encicl.: Shoá, Shoah, Sho'ah e Shoa em língua iídiche (dialeto alemão dos judeus ocidentais ou *asquenazitas*) significa *calamidade* (holocausto).

“... aproximadamente 6 milhões de judeus foram mortos pelos nazistas em campos de extermínio, como os de Auschwitz, Chelmno, Belzec, Sobibor e Treblinka, entre outros. Esse massacre ficou conhecido como holocausto.” (L4 p.86; p.99-2x; p.160)

**Hominídeo** s.m. Hominid [ing]

Primata, da família biológica da qual fazem parte os seres humanos atuais e seus parentes ancestrais.

Inf. encicl.: Os hominídeos são os maiores primatas, com pesos variando entre 48 kg e 270 kg- em geral, os machos são maiores que as fêmeas, com corpos robustos e braços bem desenvolvidos.

“... por volta de 2 milhões de anos atrás, a árvore da família dos hominídeos apresentava dois ramos principais: o das espécies de *Australopithecus* e o das espécies do gênero *Homo*.” (L1 p.28-3x; p. 29)

**Homo erectus** s.m. Homo erectus [ing]

Primata, hominídeo, viveu desde 1,7 milhões de anos até cerca de 300 mil anos atrás.

Inf. encicl.: *Homo erectus* habitou a África e se dispersou pela Europa e Ásia, mas não chegou à América nem à Austrália. Tinha cerca de 900 cm de volume cerebral e tornou-se onívoro, além dos vegetais a carne passou a ser muito importante.

“... o *Homo erectus* foi a primeira espécie a construir instrumentos de pedra com um padrão definido, a caçar sistematicamente, a utilizar o fogo e a ter as mãos livres para encontrar sua caça e se proteger de predadores.” (L1 p. 29; p.30)

**Homo habilis** s.m. Homo habilis [ing]

Primata, hominídeo, viveu na África há 2 milhões de anos. Foi contemporâneo dos *Australopithecus*.

Inf. encicl.: Tinha um volume cerebral de 700 cm. Na alimentação, além de vegetais, passou a incluir carne.

“... recebeu a denominação *Homo habilis* (homem habilidoso) porque, segundo os pesquisadores, construiu os primeiros instrumentos de pedra e de madeira.” (L1 p. 29-2x)

**Homo neanderthalensis** s.m. Homo neanderthalensis [ing]

Primata, hominídeo, viveu desde 135 mil até 34 mil anos atrás. Habitou vasta região do mundo, incluindo partes da Europa, Oriente Próximo e Ásia.

Inf. encicl.: Apresentava certas características dos seres humanos atuais (*Homo sapiens sapiens*), como um cérebro grande (cerca de 1400 cm) e também algumas do *Homo erectus*, como paredes grossas da caixa craniana. Tinha uma altura média de 1,67 m. Era mais forte e musculoso que a maioria das pessoas de hoje. Desenvolveu uma série de instrumentos de pedra, como facas, raspadores e pontas de lança.

“... o *Homo neanderthalensis* já possuía uma linguagem falada, cuidava dos velhos e doentes e colocava flores e pedras nas sepulturas quando enterrava seus mortos.” (L1 p. 30-2x)

**Homo sapiens sapiens** s.m. Homo sapiens sapiens [ing]

Primata, homínídeo, viveu na África, Ásia, Europa e migrou para a América.

Inf. encicl.: Constitui a espécie da qual fazemos parte, com um volume cerebral em torno de 1350 a 1400 cm. Suas principais características são o desenvolvimento da consciência reflexiva, da linguagem falada e escrita, da produção de tecnologia, da capacidade de expressão artística, do senso de moralidade. *Homo sapiens sapiens* significa “o ser que sabe que sabe”.

“... a partir de 10000 a.C., os antigos grupos de caçadores e coletores *Homo sapiens sapiens* produziram grandes transformações em sua forma de vida, como a prática da agricultura, a domesticação e criação de animais, a organização dos primeiros núcleos urbanos etc.” (L1 p. 30-2x; p. 32)

**Humanista** subst. comum de dois gêneros Humanist [ing]

Indivíduos que dedicaram-se ao estudo dos sábios greco-romanos e ao estudo da natureza.

Inf. encicl.: Os novos valores e a iniciativa dos humanistas levaram ao desenvolvimento do Renascimento.

“... a expressão humanista ganhou um sentido mais amplo, sendo aplicada às pessoas (escritores, pintores, arquitetos, professores, estudantes, clérigos, cientistas etc) que criticavam as concepções sobre a sociedade e a natureza desenvolvidas, em grande parte, pelos teólogos católicos medievais.” (L2 p.103-2x, p.106, p. 108)

**Iconoclastia** s.f. Iconoclasm [ing]

Destruição de imagens de santos, impedindo que elas fossem idolatradas, no Império Bizantino, século XV.

Inf. encicl.: São Germano, que defendia a utilização dos ícones foi obrigado a renunciar.

“... durante mais de um século, os iconoclastas (destruidores de imagens) liquidaram enorme quantidade de esculturas e pinturas religiosas.” (L2 p. 56)

**Idade Contemporânea** s.f. Contemporary Age [ing]

Período atual da história do mundo ocidental, iniciado a partir da Revolução Francesa (1789 d.C.).

Inf. encicl.: O avanço da medicina e o aprimoramento das condições de vida estabeleceram o prolongamento da nossa expectativa de vida.

“... O início da Idade Contemporânea foi marcado pela corrente filosófica iluminista, que elevava a importância da razão.” (L3 p. 63)

**Idade Média** s.f. The Middle Ages [ing]

Período que teve início na Europa, com as invasões germânicas (bárbaras) no século V, estendeu-se até o século XV, com a retomada comercial e o renascimento urbano.

Inf. encicl.: Esse período caracteriza-se pela economia ruralizada, enfraquecimento comercial, supremacia da Igreja Católica, sistema de produção feudal e sociedade hierarquizada, formação do Império Bizantino, da expansão dos árabes, o surgimento das primeiras universidades, das Cruzadas. O fim da era medieval é dado pelo ataque de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente, tomada pelos turcos em 1453.

“... na idade média, a partir do final do século XII, começaram a surgir em diversas cidades européias as primeiras universidades.” (L2 p.28; p.37; p.38; p. 39; p. 41; p. 43-2x; p 46; L3 p.12)

**Idade Moderna** s.f. Modern Age [ing]

Período histórico que inicia com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos(1453) e termina com a Revolução Francesa (1789).

Inf. encicl.: O reaquecimento das atividades comerciais e o Renascimento marcam o período em que o individualismo e o enfrentamento do mundo tornam-se práticas vigentes do pensamento moderno.

“... *um mundo em transformação. Essa poderia ser uma das mais gerais perspectivas que poderíamos ter da Idade Moderna que compreende entre 1453 e 1789.*” (L2 p. 41-2x)

**Iluminismo** s.m. Illuminism, enlightenment [ing]

Conjunto de idéias que defendiam a liberdade individual dentro da sociedade, nos campos da política, da religião, da economia, na França no século XVIII.

Inf. Encicl.: Françoise Marie Arouet Voltaire (1694-1778) foi um dos mais famosos pensadores do Iluminismo.

“*A palavra Iluminismo originou-se de luz, em referência à razão, que é a capacidade humana de conhecer, compreender e julgar.*” Sin. Ilustração, Filosofia das Luzes. (L3 p. 28-2x; p.29-2x; p.35; p. 65; p.91; p. 92)

**Imperialismo** s.m. Imperialism [ing]

Política de dominação que o governo de alguns países passou a exercer sobre outros a partir do final do século XIX.

Inf. encicl.: Os países imperialistas buscavam três coisas: matéria-prima, mercado consumidor e mão-de-obra barata.

“... *o imperialismo foi uma nova forma de dominação adotada pelas ricas nações capitalistas do século XIX para controlar algumas regiões.*” Sin. Neocolonialismo, Novo colonialismo. (L3 p. 130-2x; p. 146)

**Imperialismo norte-americano** s.m. North American imperialism [ing]

Política de intervenções dos Estados Unidos em outros países, principalmente latino-americanos.

Inf. encicl.: Além da América Latina, o imperialismo norte-americano tinha interesses em outras regiões do mundo, como as Filipinas. A aquisição das Filipinas foi em 1898.

“... *era o Imperialismo norte-americano dominando países da América Latina, ao mesmo tempo em que procurava isolar-se das questões européias.*” (L3 p. 145; p.146)

**Império Bizantino** s.m. Byzantine empire [ing]

Império que tinha como sede a cidade de Bizâncio. Ao longo de sua história recebeu o nome de Constantinopla e Iambul.

Inf. encicl.: Em 330, o imperador Constantino transferiu a capital do Império Romano para Bizâncio, cidade fundada por marinheiros gregos em 657 a.C..

“... *se o Império Bizantino foi dissolvido pela conquista otomana, em 1453, o mesmo não ocorreu com a cultura bizantina.*” (L2 p. 49; p. 50; p.51- 2x; p.54- 2x; p.56; p.57; p.58; p.59-2x)

**Inconfidência Mineira** s.f. Minas Inconfidence, Minas Conspiracy [ing]

Movimento organizado por homens ricos e letrados em Minas Gerais em 1789. Pretendia que a região da Capitania de Minas Gerais se separasse de Portugal, tornando-se independente e transformando-se em uma república, com capital em São João Del Rei.

Inf. encicl.: Inconfidência, originalmente, referia-se à idéia de infidelidade e traição ao rei de Portugal e seu governo. Com o tempo, o termo inconfidência foi perdendo o seu sentido negativo, sendo utilizado pela historiografia para denominar os movimentos de oposição ao domínio colonial.

*“Entre os objetivos da Inconfidência Mineira constavam o desenvolvimento de indústrias e a criação de uma universidade em Vila Rica. Não havia a intenção de abolir a escravidão. Os proprietários das minas de ouro eram contra a derrama (cobrança forçada dos impostos atrasados).”* Sin. Conjuração Mineira. (L3 p. 101-5x; p.102-3x; p.103-2x; p.200)

**Índio** s.m. Indian [ing]

Indivíduo habitante da América assim chamado por Cristovão Colombo no final do século XV.

Inf. encicl.: Cristovão Colombo pensava ter atingido as Índias. Talvez na tentativa de corrigir esse engano, foram utilizadas várias outras designações em lugar da palavra índio, entre elas: aborígene, brasilíndio, gentio, íncola, negro da terra, nativo, bugre e silvícola.

*“... apesar de todas essas denominações, índio, além do termo indígena, é uma das mais utilizadas, embora seja inconveniente designar com uma única palavra povos e culturas tão diferentes entre si.”* Sin. caçador-coletor. (L1 p. 53-3x; p.54; L2-p. 85; L3 p. 140-4x; p. 170)

**Inquisição** s.f. Inquisition [ing]

Tribunal utilizado para combater as heresias e julgar os heréticos. As penas aplicadas a cada caso iam desde o confisco de bens até a morte na fogueira, no século IX.

Inf. encicl.: O papa Gregório IX criou, em 1231, os Tribunais do Santo Ofício.

*“... os condenados pela Inquisição eram excomungados (excluídos da comunidade dos católicos) e entregues às autoridades do Estado, que se encarregavam de puni-los.”* (L2 p. 46-3x)

**Insurreição Pernambucana** s.f. Pernambuco Insurrection [ing]

Revolta em Pernambuco (1645) iniciada pelos senhores de engenho, apoiados pela população local que resultou na expulsão dos holandeses.

Inf. encicl.: O movimento integrou forças lideradas pelos senhores de engenho André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, pelo africano Henrique Dias e pelo indígena Felipe Camarão.

*“... a Holanda ao tentar reaver o investimento feito no Brasil, através da cobrança dos empréstimos concedidos aos senhores de engenho, enfrentou forte resistência local, que culminou com a Insurreição Pernambucana.”* Sin. Guerra da Luz Divina. (L2 p.179)

**Integralismo** s.m. Integralism [ing]

Movimento político brasileiro que defendia o combate ao comunismo pregava o nacionalismo extremado, a existência de um Estado poderoso, a disciplina e a entrega do poder a um único chefe integralista.

Inf. encicl.: Seguindo o modelo nazi-fascista, os integralistas eram submetidos à rígida disciplina militar. Atacavam de forma agressiva os adversários de outras organizações políticas. Seu lema era Deus, pátria e família.

*“... Em 1932, o escritor Plínio Salgado e outros intelectuais e políticos lançaram um Manifesto à nação, expondo os princípios do integralismo, inspirado nas ideias fascistas de Benito Mussolini e nas ideias nazistas de Adolf Hitler.”* (L4 p.122-3x; p.123)

**Intentona Comunista** s.f. Communist Uprising [ing]

Revolta militar planejada pelos comunistas em 1935 no Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro. Foram dominados pelas forças governamentais.

Inf. encicl.: Na repressão à Intentona Comunista, foram presos Luís Carlos Prestes e sua esposa, a judia alemã Olga Benário. Olga estava grávida, foi deportada para a Alemanha

nazista e entregue à Gestapo. Morreu num campo de concentração, executada numa câmara de gás.

*“... a Intentona Comunista serviu como pretexto para os setores mais autoritários do governo radicalizar o regime político.”* (L4 p. 123-2x)

Nota: Military riot planned by the communists in Rio Grande do Norte, Pernambuco and Rio de Janeiro in 1935. They were dominated by the government forces.

### **Islamismo** s.m. Islamism [ing]

Religião fundada por Maomé que tem Alá como deus único.

Inf. encicl.: As cidades sagradas do islamismo-Meca e Medina-recebem anualmente cerca de 2 milhões de peregrinos muçulmanos.

*“Maomé (570-632) foi o fundador do islamismo, religião monoteísta cujos seguidores são chamados de muçulmanos.”* (L1 p.94; L2 p.63; p.64-5x; p.65-2x)

### **Jesuíta** s.m. Jesuit [ing]

Sacerdote pertencente à companhia de Jesus ou Ordem Jesuítica, fundada na Europa por Inácio de Loyola, em 1534, em pleno movimento de Reformas, século XVI.

Inf. encicl.: Em 29 de março de 1549, desembarcou na Baía de Todos-os-Santos o primeiro grupo de jesuíta, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega.

*“... os jesuítas dedicaram-se ao trabalho de catequização dos indígenas, isto é, ao ensino da doutrina cristã. A Ordem dos jesuítas procurava fazer de seus sacerdotes uma espécie de soldados do catolicismo.”* (L2 p.98; p.189-8x; p.190; p.191-6x; p.192; p.197; L3 p. 34)

### **Ku Klux Klan** s.f. Ku Klux Klan [ing]

Organizações racistas dos Estados Unidos que apóiam a supremacia branca e o protestantismo.

Inf. encicl.: Em 1865, em Pulaski, Tennessee, Calvin Jones, Frank McCord, Richard Reed, John Kennedy, John Lester e James Crowe fundam uma associação, a idéia era apenas prolongar a fraternidade das armas. A palavra grega kuklos, que significa "círculo", foi dividida em dois e mudou o final, chegando a "ku klux". O grupo achou divertida a idéia de fantasiar os membros, assim como seus cavalos, com panos e capuzes roubados da casa de seus hóspedes.

*“... os mais radicais fundaram associações de terrorismo racista, como a Ku Klux Klan, que matou e torturou inúmeros negros e continua agindo até hoje.”* (L3 p.144)

### **Lei dos Sexagenários** s.f. Sexagenarian Law [ing]

Lei que declarava livres os escravos com mais de 65 anos (1885).

Inf. encicl.: A lei recebeu fortes críticas e foi veementemente repudiada pelos abolicionistas, sob a argumentação de que eram poucos os escravos que chegariam a tal idade. Além disso, a lei beneficiava os proprietários de escravos porque os liberava de arcar com o sustento dos cativos que chegassem a idade avançada.

*“... a Lei dos Sexagenários provocou grande resistência dos senhores de escravos e de seus representantes na Assembléia Nacional.”* Sin. Lei Saraiva-Cotejipe. (L3 p.197)

### **Lei Eusébio de Queirós** s.f. Eusébio de Queiroz Law [ing]

Lei que proibia o comércio internacional de escravos para o Brasil.

Inf. encicl.: Solução encontrada pelo governo monárquico brasileiro diante das constantes pressões e ameaças da Inglaterra, nação que estava determinada a acabar com o tráfico negro.

*“... mesmo após a Lei Eusébio de Queirós (1850), o tráfico internacional ainda foi mantido clandestinamente por cerca de cinco anos.”* (L3 p.187-2x)

### **Liga das Nações** s.f. League of nations [ing]

Aliança dos países membros de todos os continentes, sua principal missão seria agir como mediadora dos conflitos internacionais, procurando preservar a paz mundial.

Inf. encicl.: Sem a participação dos Estados Unidos, União Soviética e Alemanha, a Liga das Nações tornou-se impotente (1920).

*“... o senado americano vetou a participação dos Estados Unidos na Liga das Nações, pois discordava da posição fiscalizadora dessa entidade sobre a execução dos tratados internacionais firmados no pós-guerra.”* Sin. Sociedade das Nações. (L4 p. 28-4x)

**Luteranismo** s.m. Lutheranism [ing]

Doutrina religiosa pregava a fé cristã como único caminho para a salvação eterna; a *Bíblia*, como a única fonte para a fé; e o livre exame pelos fiéis como fonte legítima para o entendimento da *Bíblia*.

Inf. encicl.: Doutrina fundada por Martinho Lutero (1483-1546), no século XVI na Europa. Em 1517, explodiu o conflito decisivo que provocou o rompimento entre Lutero e a Igreja católica. Com o objetivo de arrecadar dinheiro para a reconstrução da Basílica de São Pedro, o papa Leão X autorizou a concessão de indulgências (perdão dos pecados) aos fiéis que contribuíssem financeiramente com a obra. Escandalizado com essa atitude do papa, Lutero afixou na porta da igreja de Wittenberg (cidade da atual Alemanha) um manifesto público, as 95 teses, em que protestava contra a atitude do papa e expunha alguns elementos de sua doutrina religiosa.

*“... o luteranismo não aceitava o culto aos santos católicos, a adoração de imagens religiosas e a autoridade do papa.”* Sin. Doutrina luterana. (L2 p. 120-2x; p.121-2x)

**Manufatura** s.f. Manufacture [ing]

Oficinas onde os trabalhadores executavam as tarefas manuais usando ferramentas, ao longo dos séculos XVI a XVIII.

Inf. encicl.: Nas oficinas de manufaturas, o controle sobre o trabalhador era maior. O dono da manufatura impunha uma disciplina diferente daquela a que o trabalhador estava acostumado, passou-se a determinar horários para o início e o término dos trabalhos.

*“... apesar de a forma artesanal ser a mais comum, em alguns países, como Inglaterra e França, a produção também era organizada em manufaturas. O espaço não era mais a casa, e sim, a oficina manufatureira, onde o trabalho do artesão passou a ser controlado por outra pessoa: o dono da manufatura.”* (L2 p.54; L3 p.27; 40-5x; p.41; p.65)

**Marxismo** s.m. Marxism [ing]

Doutrina defendia que a luta de classes só terminaria com o fim da exploração de classes e das injustiças sociais e com a construção da sociedade comunista perfeita.

Inf. encicl.: Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820- 1895) desenvolveram essa teoria. Eles atuaram junto aos trabalhadores que se organizavam a fim de lutar por seus direitos.

*“... entre os principais conceitos do socialismo científico, ou marxismo, destacamos a dialética, o modo de produção e a luta de classes.”* Sin. Socialismo Científico. (L3 p. 49; p.48; L4 p.41)

**Mastaba** s.m. Mastaba, mastabah [ing]

Tumbas, edificações, que no Egito antigo, serviam para abrigar os corpos dos funcionários mais próximos do faraó.

Inf. encicl.: A palavra ‘mastaba’ vem do árabe para banco, porque os primeiros escavadores acharam que elas se pareciam com bancos locais. Feitos de tijolo de lama ou pedra eram

montes gigantescos cobriam câmaras de funeral que eram profundas e só eram alcançadas através de poços longos.

*“... as mastabas eram construídas formando avenidas em torno das pirâmides. Há milhares de mastabas em todo o Egito, muitas delas com pinturas de paredes com grande fonte de informação da vida diária.”* (L1 p. 86-2x)

**Mecena** substantivo comum de dois números Maecenas [ing]

Indivíduo que patrocinava a arte e os artistas renascentistas que se opunham à mentalidade feudal e propagavam os valores e a mentalidade da época.

Inf. encicl.: Esse patrocínio, dado por ricos comerciantes, tornou-se a base do desenvolvimento artístico e cultural do período.

*“... grandes mercadores e banqueiros passaram a exercer o mecenato, isto é, a patrocinar artistas e intelectuais sintonizados com os valores e mentalidades da época.”* (L2 p.103)

**Menchevique** substantivo comum de dois gêneros Menshevik [ing]

Indivíduo que defendia que os trabalhadores poderiam conquistar o poder estabelecendo alianças políticas com a burguesia liberal, na Rússia em 1903.

Inf. encicl.: Entre os líderes dos mencheviques, destacou-se o escritor russo Guiorgui Valentinovitch Plekhanov (1856- 1918).

*“... os mencheviques (termo que significa “minoria”) acreditavam que era necessário esperar o pleno desenvolvimento do capitalismo para dar início à ação revolucionária dos trabalhadores.”* (L4 p.34-3x)

**Mendicante** substantivo comum de dois gêneros Mendicant [ing]

Ordem religiosa fundada entre os séculos XI e XIII. Seus membros faziam voto de pobreza, de castidade e obediência a Deus.

Inf. encicl.: Dentre essas ordens podemos citar a dos cistercienses (1098), dos carmelitas (1154), dos franciscanos (1209) e dos dominicanos (1216).

*“... Afastados do contato direto com as agitações do cotidiano, os mendicantes (monges) dedicavam seu tempo à vida religiosa e à realização de atividades agrícolas, pastoris, artesanais e aos trabalhos intelectuais.”* Sin. Monge. (L2 p. 40)

**Menestrel** s.m. Minstrel [ing]

Cantor ambulante medieval que acompanhava o trovador, na França século XI.

Inf. encicl.: Suas obras foram inspiradas em temas românticos ou feitos heróicos dos cavaleiros. Surgiram na França, por volta do século XI, de lá se espalharam para outras partes da Europa.

*“... na França no século XI na música popular, destacaram-se as canções dos trovadores e menestréis, inspirados em temas românticos ou nos feitos heróicos dos cavaleiros.”* (L2 p.43-2x)

**Messianismo** s.m. Messianism [ing]

Movimentos sociais nos quais milhares de sertanejos fundaram comunidades comandadas por um líder religioso. Atribuía-se a esse líder dons como o de fazer milagres, realizar curas e profetizar acontecimentos.

Inf. encicl.: Na primeira República, os dois principais exemplos de messianismo foram os movimentos de Canudos (1893-1897) e do Contestado (1912-1916).

*“... o messianismo no Brasil surgiu em áreas rurais pobres. Seus dois componentes principais eram a religiosidade popular dos sertanejos e seu sentimento de revolta.”* (L4 p.58-5x; p. 60)

**Milagre brasileiro** s.m. Brazilian economic miracle [ing]

Desenvolvimento econômico brasileiro baseado no aumento da produção industrial, no incremento das exportações, na expansão do crédito para as classes médias e nas acentuada utilização de empréstimos do exterior.

Inf. encicl.: O Estado interveio nos transportes (expansão das rodovias), na produção de energia (construção de usinas hidrelétricas) e nas comunicações. O período foi marcado por rígida política de arrocho salarial. No entanto, o “milagre” durou pouco, pois não se baseava nas próprias forças econômicas do país, com o aumento do preço do petróleo, a economia brasileira sofreu um grande impacto. A inflação começou a subir e a dívida externa aumentou assustadoramente. Iniciava-se uma longa crise econômica, que resultaria na perda de prestígio do governo militar (governo Médici 1969-1974) e na reorganização da oposição, que passou a exigir de modo crescente, a volta da democracia.

*“... o governo Médici (1969-1974) foi marcado por um período de desenvolvimento que a propaganda oficial chamou de milagre brasileiro.”* (L4 p. 202-2x)

**Milagre japonês** s.m. Japanese economic miracle [ing]

Desenvolvimento econômico do Japão, após a derrota na Segunda Guerra Mundial. Japão destacava-se nos setores automobilísticos, naval e eletrônico.

Inf. encicl.: Japão destacava-se nos setores automobilísticos, naval e eletrônico. A outra face do milagre japonês foi a descaracterização das tradições culturais do país, que se adaptaram ao estilo de vida das sociedades industriais européias e norte-americana.

*“... O Japão adotou uma nova Constituição e incentivou a atividade industrial, o crescimento econômico japonês ocorreu num ritmo muito acelerado, denominado por isso de milagre japonês.”* (L4 p. 178-2x)

**Missi-dominici** s.m. Missi-dominici [ing]

Inspetores do rei que viajavam pelo território para controlar as atividades dos diversos administradores locais, no Império Carolíngio.

Inf. encicl.: Esse termo foi criado por Carlos Magno durante o seu reinado de 768 a 814.

*“... os missi-dominici eram os enviados do rei que faziam a cobrança.”* (L2 p.16)

**Mito** s.m. Myth [ing]

Narrativas da tradição cultural, que utilizava elementos simbólicos para explicar a realidade e dar sentido à vida.

Inf. encicl.: As lendas narradas pelos mitos são ricas em símbolos e imagens e propõem reflexões sobre os homens e sua condição no mundo.

*“... narrando a vida dos deuses e de seus envolvimentos com os humanos, os gregos criaram um rico conjunto de mitos (mitologia), que exerceu grande influência sobre a arte e o pensamento dos povos ocidentais.”* (L1 p.124-9x; p.125)

**Mitra** s.f. Mithra [ing]

Divindade que representava a luz (deus solar), o bem e a libertação da matéria.

Inf. encicl.: O culto de Mitra chegou à Europa onde se manteve na Índia e Pérsia até o século III.

*“... ao decidir celebrar o nascimento de Cristo em 25 de dezembro, os cristãos foram sobrepondo ao culto de Mitra o que eles consideravam o nascimento da verdadeira luz divina: Jesus Cristo.”* (L1 p.156-3x)

**Monarquia** s.f. Monarchy [ing]

Forma de governo no qual o governante recebe o poder por direito hereditário e o exerce por toda a vida, por prazo indeterminado.

Inf. encicl.: O Brasil já teve monarquia entre os anos de 1822 e 1889, com os reinados de D. Pedro I e D. Pedro II.

*“... é do bispo francês Bossuet a autoria da frase “um rei, uma fé, uma lei”, que se tornou uma espécie de lema das monarquias absolutistas.”* (L3 p.16; p.18; p.19-2x; p.20; p.24-2x; p.68; L4 p.09; p.32)

**Monofisismo** s.m. Monophysitism [ing]

Doutrina segundo a qual Cristo apresentava apenas natureza divina, e não humana e divina, como definia a Igreja Católica Romana.

Inf. encicl.: O monofisismo foi condenado no Concílio de Calcedônia, em 451. Atualmente é representado pela igreja Jacobita, da Síria, pela igreja Armênia e pela Copta, no Egito e na Etiópia.

*“... várias questões religiosas eram discutidas na sociedade bizantina, uma delas foi o monofisismo.”* (L2 p. 56)

**Movimento modernista** s.m. Modernist movement [ing]

Movimento que teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922.

Inf. encicl.: Alguns nomes que mais se destacaram nesse evento foram os dos escritores Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho e Oswald de Andrade; o do músico Heitor Villa-Lobos; os dos artistas plásticos Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Vitor Brecheret.

*“... Um dos objetivos do movimento modernista foi reagir criticamente ao que chamavam de padrões arcaicos e à invasão cultural estrangeira que despersonalizava a arte do Brasil.”* (L4 p.126-3x)

**Mumificação** s.f. Mummification [ing]

Técnica de preservar o corpo de uma pessoa depois da morte.

Inf. encicl.: Processo que consiste em transformar cadáveres em múmias, introduzindo no interior deles substâncias destinadas a combater a putrefação e a decomposição.

*“... Os egípcios acreditavam na vida após a morte no reino de Osíris. Para isso, precisavam que seus corpos fossem conservados e desenvolveram a técnica da mumificação.”* Sin. Embalsamamento. (L1 p. 84-2x; p.85)

**Muro de Berlim** s.m. Berlin wall [ing]

Parede forte que dividia a capital alemã em duas partes: Berlim Oriental, sob a influência da União Soviética, e Berlim Ocidental sob a influência dos Estados Unidos, construído em 1961.

Inf. encicl.: Com a queda do muro e a continuidade das reformas democráticas na Alemanha Oriental, processou-se a reunificação das duas Alemanhas, concluída em 3 de outubro de 1990.

*“... a queda do Muro de Berlim, 9 de novembro de 1989, tornou-se um dos principais símbolos da chamada Guerra Fria.”* Sin. Muro da Vergonha, Muro antifascismo. (L4 p.103-3x; p.105-2x; p.106; p.112-2x)

**Música Sacra** s.f. Sacred music [ing]

Música relacionada à religião, ao sagrado, ao divino, França, século XI.

Inf. encicl.: O monge beneditino Guido d'Arezzo (990-1050), batizou as sete notas musicais, aproveitando as sílabas iniciais dos versos de um hino a São João Batista.

“... *na música sacra, destacou-se o papa Gregório Magno (540-604) que introduziu o canto gregoriano, caracterizado por uma melodia simples e suave, cantada em uníssono por várias vozes.*” (L2 p.43-2x)

**Navio negreiro** s.m. Slave ship [ing]

Navio que transportava os escravos africanos para a América.

Inf. encicl.: Os navios negreiros saíam da África, em média, com 600 escravos. A viagem de Luanda (África) até o Recife (Brasil) durava geralmente trinta e cinco dias; até a Bahia, quarenta dias; até o Rio de Janeiro, cerca de dois meses. Devido aos maus-tratos e às péssimas condições do transporte, calcula-se que entre 5% e 25% dos africanos morriam durante a viagem.

“... *entre 1810 e 1820 os navios negreiros transportavam em média 442 escravos, embora esse número variasse de acordo com o tipo e o tamanho das embarcações.*” Sin. Tumbeiros, Túmulos flutuantes. (L2 p.164-2x; p.165-3x)

**New Deal** s.m. New Deal [ing]

Plano econômico adotado no mandato do presidente Franklin Delano Roosevelt (de 1933 a 1945) para resolver a crise econômica norte-americana.

Inf. encicl.: O programa estabelecido foi inspirado nas ideias do economista inglês John Keynes (1883-1946). Entre as principais medidas adotadas pelo New Deal estavam: o controle governamental dos preços de diversos produtos agrícolas e industriais; a concessão de empréstimos aos fazendeiros arruinados para que pagassem suas dívidas e reordenassem a produção; a realização de diversas obras públicas para oferecer trabalho a milhões de desempregados; e a realização de um acordo pelo qual se garantiam os interesses dos industriais (limitação dos preços e da produção às exigências do mercado) e dos trabalhadores (fixação de salários mínimos, limitação das jornadas de trabalho).

“... *de acordo com New Deal os governantes precisavam garantir o emprego dos trabalhadores e proporcionar certa redistribuição dos lucros para que o poder aquisitivo dos consumidores aumentasse de forma proporcional ao desenvolvimento dos meios de produção.*” Sin. Novo acordo (L4 p. 75; p.76-4x)

**Nobreza** s.f. Nobility [ing]

Ordem dos nobres detentores de terra na sociedade medieval se dedicava basicamente às atividades militares.

Inf. encicl.: Entre os nobres havia uma hierarquia, cujo topo era ocupado pelo rei e, depois, vinham os duques, os condes, os marqueses e, na base, os cavaleiros. *Bellatore* é uma palavra latina que significa guerreiros.

“... *Era função da nobreza proteger as pessoas contra perigos externos (invasões, guerras contra outros senhores ou reis) e internos (alguma revolta de camponeses por exemplo).*” Sin. Bellatores. (L1 p. 25; L3 p.12-3x; p. 63-3x; p.65-2x; p.66-5x; p.67-2x; p.68-6x; p.69-2x)

**Noite das Garrafadas** s.f. Night of the broken bottles [ing]

Conflito entre os portugueses que organizavam uma grande festa para recepcionar D. Pedro I que havia viajado para Minas Gerais e brasileiros revoltosos.

Inf. encicl.: Em novembro de 1830, o jornalista Líbero Badaró, um dos líderes da imprensa que fazia oposição ao governo, foi assassinado em São Paulo. A opinião pública ficou indignada com as notícias que corriam no país de que D. Pedro I tinha ligações com o responsável pelo crime.

*“... políticos liberais resolveram impedir a realização da festa de recepção a D. Pedro I, e no dia 13 de março de 1831, portugueses e brasileiros entraram em choque no episódio que ficou conhecido como a Noite das Garrafadas.”* (L3 p. 160)

Nota: Conflict among the Brazilian rioters and the Portuguese who had organized a big party to welcome D. Pedro I, in Minas Gerais.

**Noite de São Bartolomeu** s.f. St. Bartholomew's day massacre [ing]

Matanças organizadas pela casa real francesa, inicialmente em Paris e depois em outras cidades francesas.

Inf. encicl.: Vitimou 100 mil protestantes (huguenotes), em Paris em 24 de agosto de 1572.

*“... o massacre da noite de São Bartolomeu foi um episódio sangrento na repressão dos protestantes na França pelos reis franceses, católicos.”* (L2 p. 125)

**Nômade** subst. comum de dois gêneros Nomad [ing]

Povos que se deslocam constantemente de uma região para outra, pela necessidade de caça e coleta.

Inf. encicl.: As sociedades caçador-coletoras eram nômades e viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Construíam abrigos, usavam o fogo e vestiam-se com peles de animais. Os instrumentos de caça e pesca eram de madeira e osso. Os homens caçavam e pescavam; as mulheres cuidavam das crianças e coletavam na natureza tudo o que pudesse servir para alimentação. O alimento era dividido entre os membros do grupo. Havia períodos de festas, danças e brincadeiras, mas a resolução dos conflitos se fazia por meio da violência.

*“... por causa dessas mudanças, provocadas pela necessidade de caça e coleta, esses grupos foram denominados caçadores- coletores e nômades.”* Sin. caçador-coletor. (L1 p. 40-2x; p. 53; p.55)

**Olimpíada** s.f. Olympiad [ing]

Jogos olímpicos que se realizam de quatro em quatro anos.

Inf. encicl.: Em Olímpia, na Grécia antiga, festival de competições que acontecia de quatro em quatro anos. (de 776 a.C a 393 d. C.). Além dos esportes, havia também competições musicais e poéticas. Quinze séculos depois Pierre de Fredy, barão de Coubertin (1863-1937), empreendeu esforços para restaurar os Jogos Olímpicos. Em 1896, foram realizados em Atenas os primeiros Jogos Olímpicos da época contemporânea. As atuais Olimpíadas reunindo atletas de diversos países do mundo procuram preservar o ideal de unir os povos por meio do esporte.

*“... a Olimpíada era realizada em honra a Zeus (o mais importante deus grego) e incluíam provas esportivas; corridas, saltos, arremessos de disco, lutas corporais.”* Sin. Jogos Olímpicos. (L1 p. 104-4x; p. 105; p.106-4x)

**Oráculo** s.m. Oracle [ing]

Prática na qual os sacerdotes faziam predições ou transmitiam as mensagens dos deuses.

Inf. encicl.: O Oráculo de Júpiter é o mais antigo oráculo grego que teve repercussão até a época do cristianismo. Localizava-se em Dódona- Épiro e era dedicado a Zeus.

*“... no oráculo de Apolo, deus da beleza e das artes, uma pitonisa (sacerdotisa do deus Apolo) respondia a consultas incorporando o deus, num processo mediúnico. As consultas podiam conter questões sobre o passado, o presente ou o futuro.”* (L1 p.123; p.124-4x; p.125-3x)

**Ordens** s.f. Orders [ing]

Organização de pessoas com funções específicas na sociedade.

Inf. encicl.: A sociedade de ordens dividia os homens em grupos de relativa fixidez, pois a classificação de cada indivíduo partia de uma determinação, de uma ordem divina.

*“... a sociedade medieval era representada, principalmente pelos representantes da Igreja Católica, em três ordens: Clero, Nobres e Trabalhadores. As pessoas pertenciam a uma dessas ordens por nascimento, exceto os sacerdotes.”* (L2 p. 24-6x; p.25-5x; p. 26)

**Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)** s.f. (NATO) North Atlantic Treaty Organization [ing]

Organização internacional de colaboração militar estabelecida em 1949.

Inf. encicl.: A OTAN foi criada com o objetivo de constituir uma frente oposta ao bloco socialista, que, poucos anos depois lhe haveria de contrapor o Pacto de Varsóvia, aliança militar do leste europeu.

*“... o acordo estabelecia que os Estados-membros da OTAN se comprometiam a assegurar a sua defesa e que uma agressão a um ou mais aliados, seria considerada uma agressão a todos.”* Sin. Aliança Atlântica. (L4 p. 109-3x; p.110)

**Os dezoito do Forte** s.m. The eighteen lieutenants of the fortress [ing]

Movimento militar armado que pretendeu tirar do poder as elites tradicionais e esboçou a defesa de princípios modernizadores, refletindo o descontentamento com a organização política e econômica da época.

Inf. encicl.: Entre os “Dezoito do Forte” estavam os Tenentes Antônio de Siqueira Campos e Eduardo Gomes que sobreviveram.

*“... em 5 de julho de 1922 no Rio de Janeiro aconteceu a Revolta do Forte de Copacabana. Liderados pelos tenentes, os homens do forte revoltaram-se e decidiram impedir a posse do presidente Artur Bernardes.”* (L4 p.68)

Nota: Armed military movement which intended to remove the power from the traditional elites and outlined the defense of modernizing principles, reflecting dissatisfaction with the political and economic organization of the time.

**Padroado** s.m. Ecclesiastical patronage [ing]

Acordo entre o papa, chefe da igreja, e o rei, pelo qual a Coroa portuguesa tinha uma série de deveres e direitos em relação à igreja.

Inf. encicl.: Com a proclamação da República, ocorreu a separação entre a Igreja e o Estado e o fim efetivo do sistema do padroado. A Igreja viu-se obrigada a se reestruturar e a redirecionar suas práticas para uma nova identidade institucional.

*“... pelo regime do padroado, a Igreja católica ficava submetida ao controle político do imperador.”* (L2 p. 151; L3 p.155)

**Pais peregrinos** s.m. Pilgrim Fathers [ing]

Pioneiros ingleses colonizadores da América do Norte.

Inf. encicl.: Grupo de 102 pessoas que navegaram no navio *Mayflower* e fundaram um povoado em Plymouth, Massachusetts, em 1620.

*“... os pais peregrinos, não são os pais de toda nação, são os pais da parte WASP (em inglês, white anglo-saxon protestant, ou seja, branco, anglo-saxão, protestante) dos EUA.”* (L3 p.54)

**Pão e Circo** s.m. Bread and circuses [ing]

Política encontrada pelo imperador de Roma no século II, para diminuir as tensões sociais.

Inf. Encicl.: O calendário romano chegou a ter 175 feriados por ano por causa de tantas festas e espetáculos.

*“... receoso de que pudesse acontecer alguma revolta de desempregados, o imperador criou a política do Pão e Circo. Esta consistia em oferecer aos romanos: alimentação e diversão. Quase todos os dias ocorriam lutas de gladiadores nos estádios (o mais famoso foi o Coliseu de Roma), onde eram distribuídos alimentos.”* (L1 p.150-2x)

**Parlamentarismo** s.m. Parliamentarism [ing]

Sistema em que o poder Legislativo detém grande influência na formação dos governos.

Inf. encicl.: Alguns historiadores chamam de “parlamentarismo às avessas” no segundo reinado, no Brasil. Pois o imperador, por meio do Poder Moderador, indicava o primeiro-ministro. Em um regime parlamentarista, tal escolha deveria ser feita pelo poder Legislativo.

*“... em 1847, a criação do cargo de presidente do Conselho de Ministros assinala o começo do parlamentarismo no Segundo Reinado.”* (L3 p.24; p. 181-5x)

**Pax Romana** s.f. Pax romana, Roman peace, Pax Augustea [ing]

Período de paz que a sociedade romana passou a desfrutar e se estendeu, até o fim do século II.

Inf. encicl.: Iniciou-se quando Augusto César, em 29 a.C., declarou o fim das guerras civis e durou até o ano da morte de Marco Aurélio, em 180 a.C.

*“... a Pax Romana, expressão latina para "a paz romana", é o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo, experimentado pelo Império Romano.”* Sin. Paz romana. (L1 p.140)

**Perestroika** s.f. Perestroika [ing]

Medidas político- econômicas empreendidas na União Soviética.

Inf. encicl.: As primeiras propostas foram feitas por Leonid Brezhnev em 1979 e desenvolvidas a partir da nomeação de Mikhail Gorbachev em 1989.

*“... a partir de 1989, impulsionada pela perestroika e pela glasnot, a situação da Europa Oriental começou a se modificar completamente.”* (L4 p.110-2x; p.184)

**Periodização** s.f. Periodization [ing]

Organização do estudo de história feita pelos pesquisadores que agrupam os temas e os acontecimentos em períodos.

Inf. encicl.: Cada período histórico deve apresentar características consideradas significativas, importantes, que o tornem diferente de outros períodos.

*“... uma periodização muito utilizada e tradicional, que divide a história em grandes períodos: Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.”* (L1 p. 21; p.22-4x; p.39)

**Período Neolítico** s.m. Neolithic period [ing]

Período que desenvolveram a agricultura e a criação de animais. As sociedades passaram a produzir seus alimentos.

Inf. encicl.: Nesse período, tiveram início novos modos de relacionamento entre os seres humanos e a natureza. Foi um processo de milhares de anos.

*“... O termo neolítico é de origem grega (neo=novo; lítico=pedra) e significa nova idade da pedra.”* Sin. Idade da Pedra Polida. (L1 p.39-3x; p. 43-2x; p.44; p.45-4x)

**Período Paleolítico** s.m. Palaeolithic period [ing]

Período que inicia com o surgimento dos primeiros hominídeos, aproximadamente há 4 milhões de anos, e se estende até cerca de 8000 a.C.

Inf. encicl.: Os seres humanos viviam da caça, da pesca e da coleta de grãos, frutos e raízes.

“... *O termo paleolítico é de origem grega (paleo=velho; lítico=pedra) e significa velha idade da pedra.*” Sin. Idade da Pedra Lascada. (L1 p.39-3x; p.40; p. 41-4x; p.43; p.47)

**Persa** subst. de dois gêneros Persian [ing]

Habitantes da Pérsia. Atualmente se encontram nessa área: parte da Grécia e da Bulgária, Turquia, Paquistão, Iraque, Kuwait, Síria, Líbano, Jordânia, Israel, Egito e parte da Líbia.

Inf. encicl.: Os persas construíram um dos maiores impérios da Antiguidade. Chegou a atingir cerca de 5 milhões de km. Durante 64 anos (de 550 a 486 a.C.), ampliaram seus domínios conquistando egípcios, hebreus, fenícios, assírios, neobabilônios. Apenas os gregos conseguiram barrar a expansão do Império Persa em direção ao Ocidente.

“... *para manter a unidade de seu Império, habitado por diferentes povos, os persas desenvolveram uma complexa estrutura político-administrativa e construíram estradas para facilitar as comunicações.*” (L1 p.90; p.93-3x; p.95; p.96-7x; p.97-2x)

**Peste Negra** s.f. Black death [ing]

Doença provocada pelo bacilo *Pasteurella pestis*, com duas formas principais de transmissão: a bubônica (contágio pela picada de pulgas vindas do bacilo) e a pulmonar (contaminação de uma pessoa para outra) de 1347 a 1350.

Inf. encicl.: Os historiadores medievalistas calculam que de 23% a 33% da população tenha morrido vitimada pela doença.

“... *a peste negra foi uma epidemia trazida do Oriente por navios contaminados.* Sin. Peste bubônica.” (L2 p.33-2x)

**Pirâmide** s.f. Pyramid [ing]

Túmulos construídos com a finalidade de abrigar os corpos dos faraós e de suas famílias, para que pudessem iniciar sua jornada após a morte, no Egito antigo.

Inf. encicl.: Na região de Gizé estão as pirâmides dos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos, consideradas as mais belas e bem construídas.

“*Calcula-se que na pirâmide de Quéops, com seus 150 metros de altura, empregaram-se mais de 2 milhões de blocos de pedra.*” (L1 p. 75; p.86-4x)

**Plantation** s.f. Plantation [ing]

Propriedade rural, monocultura de açúcar, que funcionava com trabalho escravo e cuja produção era voltada para o mercado externo (europeu).

Inf. encicl.: Nas colônias inglesas do sul, a produção de tabaco e algodão era feita em *plantation*, isto é, em larga escala, em latifúndios e baseava-se na utilização de mão-de-obra escrava.

“... *Plantation constitui a forma básica da colonização portuguesa no Brasil, até a descoberta e exploração de metais preciosos, a partir do final do século XVII.*” (L2- p.160-2x; p. 161; L3 p.55)

**Pólis** s.f. Polis [ing]

Cidades independentes na Grécia, século VIII a. C.

Inf. encicl.: A *Pólis* reunia um agrupamento humano que habitava um território cuja extensão variava entre 1000 e 3000 km<sup>2</sup>.

“... *formaram-se pela Grécia antiga, diversas cidades independentes, cada pólis desenvolveu seu próprio sistema de governo, suas leis, seu calendário, suas moedas.*” Sin. Cidade-estado. (L1 p.103-3x; p.121)

**Politeísta** substantivo comum de dois gêneros Polytheist [ing]

Pessoa que adora diversos deuses que representam forças e fenômenos da vida natural.

Inf. encicl.: O deus AmonRá, deus Sol, foi cultuado em todo o Egito em certa época. Entre a maioria do povo era intensa a devoção por divindades como Osíris (deus da vegetação, das forças da natureza e dos mortos), Ísis (esposa e irmã de Osíris) e Hórus (deus do céu e filho de Ísis e Osíris).

“... *Os egípcios eram politeístas, ou seja, adoravam muitos deuses.*” (L1 p. 66; p.83)

#### **Política do café-com-leite** s.f. Coffee and Milk Deal [ing]

Acordo firmado durante a República Velha entre governadores de estado e governo federal, para que os presidentes da República fossem escolhidos entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais.

Inf. encicl.: A política do café-com-leite teve início em 1898, no governo do paulista Manuel Ferraz de Campos Salles, e encerrou-se em 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

“... *Política do café-com-leite foi a estratégia utilizada na República Velha na alternância de Minas Gerais e São Paulo na Presidência da República.*” (L4 p. 49)

Nota: Agreement signed during the Old Republic between state governors and federal government, so that the presidents were chosen among the politicians of São Paulo and Minas Gerais.

#### **Política dos governadores** s.f. Governors' Deal [ing]

Sistema de alianças no governo de Campos Sales por meio do qual a presidência da República e as oligarquias estaduais se comprometiam a manter uma relação de apoio mútuo.

Inf. encicl.: Campos Sales, político e fazendeiro, foi o segundo presidente civil da república, um dos principais responsáveis pelo sistema de alianças entre governadores de estado e governo federal.

“... *na política dos governadores os governadores de estado podiam dar seu apoio ao governo federal, ajudando a eleger deputados federais e senadores favoráveis ao presidente. O presidente, em retribuição, apoiava os governadores com mais verbas, empregos e favores para seus aliados políticos.*” (L4 p. 48-2x)

Nota: System of alliances in Campos Sales's government by means of which the presidency of Republic and the state oligarchies committed to keep a relationship of mutual support.

#### **Pré-história** s.f. Prehistory [ing]

Período histórico que abrange desde o surgimento do homem primitivo (hominídeo) até a invenção da escrita.

Inf. encicl.: O termo Pré-história tem sido criticado, pois o ser humano é um ser histórico, mesmo que não tenha utilizado a escrita em algum período. Outras expressões foram propostas para denominar os povos sem escrita: povo pré-letrado ou povo ágrafo (sem escrita). O uso dessas expressões não se generalizou.

“... *todo período anterior à invenção da escrita foi chamado de Pré-história.*” (L1 p.22-5x; p.38)

#### **Primeira Guerra Mundial** s.f. World War I [ing]

Conflito generalizado, de um lado as forças militares da Alemanha, Império Austro-Húngaro, Turquia e Bulgária; de outro, as da França, Inglaterra, Rússia, Bélgica, Sérvia, Japão, Itália, Estados Unidos e Grécia (1914 a 1918).

Inf. encicl.: O Brasil foi o único país sul-americano a entrar efetivamente nesse conflito, declarando guerra à Alemanha. Essa guerra deixou um saldo de aproximadamente 10 milhões de mortos e 30 milhões de feridos.

“... *O estopim da Primeira Guerra Mundial foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco e de sua esposa, na cidade de Sarajevo (Bósnia), em 28 de junho de 1914.*” Sin. Guerra de Trincheira. (L4 p.20; p.22; p.23; p.25-2x; p.29-2x; p.87-4x)

**Primeira República** s.f. First Republic [ing]

Período da história republicana brasileira que vai de 1889-1930.

Inf. Encicl.: O café foi o líder dos produtos brasileiros exportados durante toda a Primeira República. Representou mais de 50% dos lucros das exportações.

“... *a Primeira República foi o período de grande vigor da economia cafeeira.*” Sin. República Oligárquica, República do Café-com-leite, República Velha. (L4 p. 44; p.45-2x; p.48; p.49; p.51; p.52; p.53; p.54)

**Primeiro Mundo** s.m. First World [ing]

Países ricos e desenvolvidos.

Inf. encicl.: Alguns dos aspectos que caracterizam os países do Primeiro Mundo são: elevado desenvolvimento científico e tecnológico, alto índice de alfabetização, economia desenvolvida e fortalecida, excelente qualidade de vida (boa alimentação, habitação, serviço sanitário de qualidade, elevada expectativa de vida).

“... *o Primeiro Mundo é constituído de um reduzido número de países capitalistas desenvolvidos, como Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França, Inglaterra, Japão e Itália.*” (L4 p.167-3x)

**Príncipe Regente** s.m. Prince regent [ing]

Aquele que está no trono como se fosse o Rei, embora não o seja. Por ex: quando o Rei está vivo, mas não está apto a reinar.

Inf. Encicl.: Entre os anos de 1821 e 1822, Dom Pedro I ocupou o cargo de príncipe regente do Brasil.

“... *D. João VI retornou à sua pátria no dia 26 de abril de 1821, deixando seu filho Pedro como príncipe regente do Brasil.*” (L3 p.110; p. 153)

**Proletariado** s.m. Proletariat [ing]

Camada social formada pelos trabalhadores que vendem sua capacidade de trabalho em troca de salários.

Inf. encicl.: Existem proletários urbanos, constituídos principalmente pelos operários das indústrias e proletários rurais, constituídos pelos empregados na produção agrícola. No capitalismo, há uma oposição de classes entre o proletariado e a burguesia, que detém os meios de produção: indústrias, bancos, fazendas etc. Proletariado eram aqueles que possuíam muitos filhos.

“... *sem as suas terras, inúmeros camponeses plebeus romanos migraram para a cidade, engrossando a população de desocupados, pobres e famintos. Essa população ficou conhecida por proletariado.*” (L1 p.137; L3 p. 71; p.119)

**Protecionismo** s.m. Protectionism [ing]

Sistema de tarifas alfandegárias ou cotas para restringir a importação.

Inf. encicl.: Na França para fortalecer a economia, foi criado o Banco da França (1800), que com o controle da emissão de moeda, procurou reduzir a inflação.

“... *o governo taxou os produtos importados e estimulou a produção e o comércio franceses (protecionismo).*” (L2 p.131; L3-p. 78; L4 p.52)

**Questão Christie** s.f. Christie Question [ing]

Rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra durante o Segundo Reinado (de 1862 a 1865).

Inf. encicl.: William Dougall Christie era embaixador britânico no Brasil na época do incidente.

“... *Questão Christie foi um conflito diplomático entre Brasil e Inglaterra por causa do furto da carga de um navio inglês naufragado no Rio Grande do Sul em 1861 e a prisão de três oficiais da marinha britânica no Rio de Janeiro em 1862.*” (L3 p. 192)

**Questão Romana** s.f. Roman Question [ing]

Disputa política entre o governo italiano e o papa, de 1861 a 1929.

Inf. encicl.: Em 756, Pepino, o Breve, rei dos francos, deu ao Papa um grande território no centro de Itália. A existência destes Estados Pontifícios terminou quando em 1870, as tropas do rei Vítor Emanuel II entraram em Roma e incorporaram no Reino de Itália esta parte do território. O conflito arrastou-se ao longo dos pontificados de Pio IX, Leão XIII, S. Pio X, Bento XV, só se resolvendo com os Acordos de Latrão.

“... *surgiu a chamada Questão Romana, que foi resolvida somente 60 anos depois, em 1929, por Mussolini, com a assinatura do Tratado de Latrão, que criou em Roma o Estado do Vaticano independente de Roma.*” (L3 p. 121)

**Quilombo** s.m. Quilombo [ing]

Comunidade formada por escravos fugitivos, com organização social própria e uma rede de alianças com diversos grupos da sociedade.

Inf. encicl.: A palavra "*quilombo*" tem origem nos termos "*kilombo*" (Quimbundo) ou "*ochilombo*" (Umbundo), presente também em outras línguas faladas ainda hoje por diversos povos Bantus que habitam a região de Angola, na África Ocidental.

“... *Além de africanos e seus descendentes, nos quilombos viviam indígenas, pessoas perseguidas pela justiça e aventureiros. Os quilombos dedicavam-se à agricultura, caça, coleta e mineração.*” Sin. Mocambo. (L2 p. 167; p.169-8x; p.170-5x; p.171)

Nota: Community formed by runaway slaves with their own social organization and a net of alliances with several groups of the society.

**Quilombo dos Palmares** s.m. Quilombo of Palmares [ing]

Comunidade formada por escravos negros fugitivos. Ocupava uma extensa região de palmeiras, situada no atual estado de Alagoas.

Inf. encicl.: O primeiro líder que se destacou em Palmares foi Ganga Zumba “grande senhor”, governando o quilombo de 1656 a 1678.

“... *Na época, a região de Palmares pertencia à capitania de Pernambuco. O quilombo de Palmares resistiu por 65 anos (1629-1694).*” (L2 p. 167; p.169-8x; p.170-5x; p.171)

**Racismo** s.m. Racism [ing]

Modo de pensar que considera inferiores indivíduos de outra raça.

Inf. encicl.: Em Orânia a 650 km de Johannesburgo, África do Sul, todos os 700 habitantes são brancos. É um povoado fundado por brancos e que só aceita moradores brancos.

“... *na Alemanha e em outras partes do mundo, grupos neonazistas, como sinal de racismo, explodem casas e matam famílias turcas.*” (L4 p. 176-3x)

**Reconquista** s.f. Reconquest [ing]

Movimento cristão (início do século VIII), contra a presença muçulmana na península Ibérica com o objetivo de retomar o domínio sobre os antigos territórios ocupados.

Inf. encicl.: Durante as guerras da Reconquista, formaram-se alguns reinos católicos no norte da península Ibérica: Leão, Castela, Aragão e Navarra. As terras reconquistadas eram transformadas em condados (como eram chamados os territórios administrados por condes). No século IX o condado de Portucale ou Portucalense.

*“... as lutas da Reconquista tinham um caráter religioso aventureiro, que fazia parte do modo de pensar dos nobres guerreiros da Idade Média. O surgimento de Portugal como país teve origem nessas lutas da Reconquista na península Ibérica.”* Sin. Conquista Cristã. (L2 p. 75-4x; p.76-2x)

### **Reforma Protestante** s.f. Reformation [ing]

Movimento reformista cristão iniciado no século XVI por Martinho Lutero, que, através da publicação de suas 95 teses, *protestou* contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo.

Inf. encicl.: Em 1529, nobres alemães luteranos protestaram contra as medidas da Igreja que impediam cada Estado de adotar sua própria religião. Foi a partir desse protesto que se espalhou o nome protestante para designar os cristãos não-católicos.

*“... Os princípios fundamentais da Reforma Protestante são conhecidos como os Cinco solas: somente a fé, somente a escritura, somente Cristo, somente a graça, glória somente a Deus.”* (L2 p.116; p. 117; p. 119; p.125)

### **Renascença Carolíngia** s.f. Carolingian Renaissance [ing]

Período dado às letras, às artes e à educação e que atingiu grande vigor em meados do século IX.

Inf. encicl.: O termo carolíngio é derivado do nome Carlos Magno, um dos mais importantes reis dessa época. Carlos Magno mandou construir escolas e mosteiros, estimulou a tradução e a cópia de livros antigos, protegeu e patrocinou o trabalho dos artistas.

*“... Carlos Magno permaneceu analfabeto até a idade adulta. No entanto, preocupou-se com o desenvolvimento cultural do Império Carolíngio.”* (L2 p.15-3x; p.17-2x)

### **Renascimento** s.m. Renaissance [ing]

Movimento cultural que floresceu na Europa nos séculos VX e XVI.

Inf. encicl.: O nome Renascimento tem sua origem na própria vontade de muitos intelectuais e artistas do início da época moderna de recuperar ou retornar a cultura greco-romana.

*“... uma das características do Renascimento é a valorização do ser humano, que se torna o centro das preocupações culturais.”* (L2 p. 102, p.104- 5x; p. 105-2x)

### **República** s.f. Republic [ing]

Sistema de governo no qual o governante é eleito pelo povo para exercer o poder político por prazo determinado.

Inf. encicl.: O governo brasileiro está organizado sob a forma de república desde 1889. República, em latim, quer dizer coisa de todos; a palavra República vem de *res*=coisa e *publicae*=pública.

*“... A república brasileira tem como base o funcionamento de três poderes, que devem agir de modo harmônico e independente entre si: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.”* (L1 p.128; p133-4x; p.143; L4 p.09; p.10-2x)

### **Revolta da Chibata** s.f. Revolt of the whip [ing]

Revolta de dois mil marujos da marinha brasileira (1910).

Inf. encicl.: Os marujos assumiram o controle dos navios São Paulo, Bahia e Deodoro, apontaram os canhões para a cidade do Rio de Janeiro. A revolta da chibata foi liderada pelo

marinheiro João Cândido. Ele foi preso numa masmorra da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, sendo julgado e absolvido em 1912. Passou para a história como o Almirante Negro, que acabou com o castigo da chibatada na marinha do Brasil.

*“... na Revolta da Chibata, os revoltosos queriam mudanças no código de disciplina da marinha, que punia as faltas graves dos marinheiros com 25 chibatadas. Além dos castigos físicos, os marinheiros reclamavam da má alimentação e dos miseráveis soldos (salários) que recebiam.”* (L4 p. 65)

Nota: Revolt of two thousand sailors of the Brazilian Navy (1910).

**Revolta da vacina** s.f. Vaccine Revolt, Vaccine Rebellion [ing]

Revolta da população do Rio de Janeiro contra a vacinação imposta pelo governo de Rodrigues Alves, em 1904.

Inf. encicl.: Políticos e militares de oposição quiseram aproveitar a revolta popular contra a vacina para derrubar Rodrigues Alves da presidência da república. Mas não conseguiram. Cerca de 30 pessoas morreram.

*“... o descontentamento dos setores afetados pela demolição dos cortiços, a impopularidade do governo, a obrigatoriedade da vacinação e expulsão dos pobres do centro da cidade provocaram uma grande revolta popular, a revolta da vacina.”* (L4 p. 63; p.64)

**Revolta de Beckman** s.f. Rebellion of Beckman [ing]

Movimento para acabar com a Companhia de Comércio e com a influência dos jesuítas liderado por Manuel Beckman, senhor de engenho no Maranhão em 1684.

Inf. encicl.: Os jesuítas retornaram ao Maranhão, a Companhia de Comércio foi extinta em 1685 e a escravização dos índios foi autorizada.

*“... os jesuítas defendiam o processo de aculturação dos índios dentro das missões, para explorá-los à sua maneira. A Revolta de Beckman defendia a escravização dos indígenas, visando utilizá-los na produção de açúcar.”* Sin. Revolta dos Irmãos Beckman, Revolta de Bequimão. (L2 p. 191; p. L3 p. 101)

**Revolta de Canudos** s.f. Rebellion of Canudos [ing]

Confronto entre o Exército e integrantes de um movimento popular de fundo sócio-religioso liderado por Antônio Conselheiro, na comunidade de Canudos, Bahia, de 1896 a 1897.

Inf. encicl.: Um dos lemas de Antônio Conselheiro era: “A terra não tem dono, a terra é de todos”. Canudos transformou-se numa das localidades mais populosas da Bahia, reuniu cerca de 20 mil a 30 mil habitantes. A população vivia num sistema comunitário, em que as colheitas, os rebanhos eram repartidos.

*“... a Revolta de Canudos foi fruto de uma série de fatores como a grave crise econômica e social pela qual passava a região à época, historicamente caracterizada por latifúndios improdutivos, secas cíclicas e desemprego crônico.”* (L4 p. 58)

**Revolta de Nika** s.f. Nika Rebellion [ing]

Revolta que aconteceu no hipódromo de Constantinopla em 532.

Inf. encicl.: Recebeu o nome de "Nika" (nome do cavalo favorito da população) porque houve uma dúvida sobre quem vencera a corrida.

*“... a Revolta de Nika não se deu simplesmente por causa da corrida de cavalos, e sim por uma série de motivos que já estavam acontecendo há muitos anos como: a fome, os impostos altíssimos, a falta de moradia.”* (L2 p. 52)

**Revolta de Vila Rica** s.f. Rebellion of Vila Rica [ing]

Revolta dos mineiros contra a criação das Casas de Fundição em 1720.

Inf. encicl.: Os líderes da revolta foram presos e Felipe dos Santos, condenado à morte e esquartejado.

“... *na Revolta de Vila Rica os mineiros revoltaram-se contra a criação das Casas de Fundição, que dificultavam a circulação do ouro dentro da capitania, facilitando apenas a cobrança de impostos.*” (L2 p. 199)

**Revolta dos Cipaiois** s.f. Sepoy Mutiny, Indian Mutiny [ing]

Revolta contra a exploração inglesa por grupos de indianos em 1857.

Inf. encicl.: Consolidando a dominação sobre os indianos, a rainha Vitória foi coroada em 1877, imperatriz da Índia.

“... *a Revolta do Cipaiois, organizada por indianos, foi brutalmente reprimida pela Inglaterra.*” Sin. Revolta dos Sipais, Revolta dos Cipaiois, Revolta dos Sipaios. (L3 p. 134)

**Revolta dos malês** s.f. Rebellion of Malês [ing]

Movimento dos escravos africanos, os malês (muitos dos quais muçulmanos) queriam matar os brancos e conseguir a liberdade, Salvador, 1835.

Inf. encicl.: Entre seus líderes: Pacífico Licutã, Manuel Calafate, Luis Sanim. Durante o levante, seus seguidores ocuparam as ruas usando vestimentas islâmicas e amuletos contendo passagens do Alcorão sob cuja proteção acreditavam estar de corpo fechado contra as balas e as espadas dos soldados.

“... *com a Revolta dos malês, aumentou o medo de levantes de escravos no Brasil.*” (L3 p.173-2x; p.174)

**Revolta escocesa** s.f. Scottish Rebellion [ing]

Manifestação do parlamento Inglês que limitou os poderes de Carlos I. Esses acontecimentos desencadearam a Revolução Inglesa, em 1640.

Inf. encicl.: Os parlamentares decretaram uma lei que proibia o monarca de dissolver o parlamento e tornava obrigatória a convocação do órgão pelo menos uma vez a cada três anos.

“... *Carlos I viu-se obrigado a convocar o parlamento, a fim de conseguir recursos financeiros para combater uma revolta escocesa contra seu governo.*” (L3 p.21)

**Revolta praieira** s.f. Praieira Rebellion [ing]

Revolta dos praieiros, membros do Partido da Praia em Pernambuco.

Inf. encicl.: Os líderes do Partido da Praia, constituído por liberais pernambucanos, expressavam suas idéias no jornal *Diário Novo*, cuja sede ficava na rua da Praia na cidade de Recife.

“... *na revolta praieira os revoltosos queriam o voto livre e universal; a liberdade de imprensa; a garantia de trabalho; a extinção do Poder Moderador; a nacionalização do comércio varejista, dominado pelos portugueses e a garantia dos direitos individuais do cidadão.*” (L3 p.181; p.182-2x)

**Revolução Constitucionalista** s.f. Constitutionalist Revolution [ing]

Revolta de grupos paulistas ao governo de Getúlio Vargas em 1932.

Inf. encicl.: Em maio de 1932, quatro estudantes de São Paulo-Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, morreram em confronto com a polícia, numa manifestação pública contra o governo federal. A sigla MMDC se tornou o símbolo do movimento constitucionalista do estado.

“... *no dia 9 de julho de 1932, teve início a chamada Revolução Constitucionalista, que mobilizou armas e 30 mil homens de São Paulo para lutar contra o governo federal.*” (L4 p. 120)

**Revolução Cubana** s.f. Cuban Revolution [ing]

Revolução que rompeu a influência dos Estados Unidos na América Central.

Inf. encicl.: Desde 1959 no poder, Fidel Castro eliminou o analfabetismo, implantou a assistência médico-hospitalar gratuita à população, o que favoreceu a queda significativa da taxa de mortalidade infantil; e reduziu o desemprego.

*“... com a Revolução Cubana houve significativo investimento na educação, mas não houve diversificação na produção econômica do país. Constituiu-se o primeiro Estado socialista do continente, baseado no modelo soviético.”* (L4 p. 191; p. 192-2x)

**Revolução Cultural** s.f. Cultural Revolution [ing]

Transformação marcada por violenta expressão cultural em 1966 na China.

Inf. encicl.: O governo chinês doutrina a população e controlava a produção cultural na tentativa de livrar a sociedade chinesa da influência ocidental.

*“... Mao Tse-tung, líder do Partido Comunista Chinês, mobilizou a juventude e o exército contra seus inimigos políticos. Esse processo ficou conhecido como Revolução Cultural.”* (L4 p.189-2x)

**Revolução de 1848** s.f. Revolution of 1848 [ing]

Movimento popular que pregava o fim do reinado dos banqueiros, França.

Inf. encicl.: O governo de Luís Filipe (1830-1848) foi a época de ouro para os burgueses mais ricos da França. Luís Filipe ficou conhecido como o rei burguês ou o rei dos banqueiros.

*“... na Revolução de 1848 burgueses liberais e o operariado uniram-se temporariamente contra o governo.”* (L3 p.118)

**Revolução de Avis** s.f. Aviz Revolution [ing]

Luta contra a anexação de Portugal ao reino de Castela em 1383.

Inf. encicl.: Com D. João, iniciou-se a dinastia de Avis, período no qual a nobreza agrária subordinou-se aos reis, que reforçaram e centralizaram os poderes em suas mãos, favorecendo a expansão comercial marítima portuguesa.

*“... teve início em Lisboa a Revolução de Avis, cujo objetivo era impedir a anexação de Portugal ao Reino de Castela.”* (L2 p.77)

**Revolução Federalista** s.f. Federalist Revolution [ing]

Revolução que ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República, e teve como causa a instabilidade política (1893-1895).

Inf. encicl.: A revolução Federalista foi uma luta sangrenta, que provocou a morte de aproximadamente 10 mil pessoas e terminou somente em 1895 no governo de Prudente de Morais.

*“... a Revolução Federalista foi gerada pelos federalistas que pretendiam libertar o Rio Grande do Sul do governo de Júlio Prates de Castilhos, então presidente do estado.”* (L4 p.17; p.18)

**Revolução Francesa** s.f. French Revolution [ing]

Movimento organizado por pequenos produtores, comerciantes, camponeses pobres explorados pela servidão (1789-1799).

Inf. encicl.: Rousseau destacou-se como defensor da pequena burguesia (pequenos comerciantes, artesãos etc.) e inspirador dos ideais da Revolução Francesa.

*“... Liberdade, Igualdade e Fraternidade foram princípios enunciados na Revolução Francesa (1789-1799).”* (L3 p. 9; p. 31; p. 62; p.63; p.69; p.70-2x; p.78)

**Revolução Gloriosa** s.f. Glorious Revolution [ing]

Conflito entre as forças de Guilherme de Orange e as tropas de Jaime II (1688-1689) que culminou com a derrota do monarca inglês.

Inf. encicl.: A maioria do parlamento decidiu tirar do poder o rei Jaime II. Para isso, estabeleceu um acordo com o príncipe holandês Guilherme de Orange (casado com Maria Stuart, filha de Jaime II), que assumiria o trono inglês com a condição de que respeitasse os poderes do parlamento.

*“... com a Revolução Gloriosa, ocorrida no século XVII, a burguesia inglesa tornou-se politicamente mais poderosa.”* (L3 p.21; p. 23; p.27; p.41; p.42)

**Revolução Industrial** s.f. Industrial Revolution [ing]

Conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social.

Inf. encicl.: A revolução, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX. Algumas das invenções mais importantes nessas áreas foram os navios a vapor, a locomotiva, o automóvel, o telégrafo e o telefone.

*“... A Revolução Industrial contribuiu diretamente para o progresso dos meios de transporte e de comunicação, sem os quais seria impossível vender produtos industrializados para mercados distantes.”* (L3 p.37; p. 38-3x; p.41; p.44-2x; p.46-5x)

**Revolução Inglesa** s.f. English Revolution [ing]

Movimento composto por duas revoluções que se complementam, a Revolução Puritana e a Revolução Gloriosa (1640-1689).

Inf. encicl.: A Revolução Inglesa permitiu que a Inglaterra fortalecesse seu poder marítimo e comercial a partir do século XVII. Como consequência dessa Revolução, grupos sociais da burguesia alcançaram o poder político, implantando a Monarquia Parlamentar, que existe até hoje.

*“... a Revolução Inglesa começou com o aumento de produtos exportados pela Europa prejudicando o domínio da monarquia e o absolutismo fazendo com que o rei se desfizesse de vários de seus bens no século XVII.”* (L3 p. 18; p.21)

**Revolução Liberal** s.f. Liberal Revolution of 1820 [ing]

Movimento liderado pelos comerciantes da cidade portuguesa do Porto em agosto de 1820.

Inf. encicl.: O movimento exigia a volta imediata do rei para Portugal e o restabelecimento do monopólio comercial sobre o Brasil.

*“... a Revolução Liberal espalhou-se rapidamente por Portugal, encontrando apoio na burguesia, no clero, na nobreza e no Exército.”* Sin. Revolução Liberal do Porto (L3 p.110)

**Revolução neolítica** s.f. Neolithic Revolution [ing]

Transformação que marcou o fim dos povos nômades e o início da sedentarização do *homo sapiens*, com o aparecimento das primeiras vilas e cidades.

Inf. encicl.: Essa mudança de comportamento foi chamada de revolução neolítica pelo arqueólogo Gordon Childe.

*“... no período Neolítico, as sociedades humanas desenvolveram técnicas de cultivo agrícola e passaram a ter condições de armazenar alimentos. Isso levou a grupos humanos a se fixarem por mais tempo numa região e a se deslocarem com menor frequência.”* Sin. Revolução Agrícola (L1 p. 43)

**Revolução Pernambucana** s.f. Pernambuco Revolution [ing]

Conflito cujo objetivo foi a proclamação de uma república fundamentada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa.

Inf. encicl.: Os rebeldes permaneceram no governo por 75 dias. Os líderes do movimento foram condenados à morte.

*“... com a independência dos EUA e de algumas colônias espanholas, os pernambucanos, sob influência dos ideais iluministas, organizaram um movimento emancipacionista, a Revolução Pernambucana (1817).”* Sin. Revolução dos Padres (L3 p. 109; p.200)

**Revolução Russa** s.f. Russian Revolution [ing]

Conflito de forças políticas de oposição (socialistas, anarquistas e liberais burgueses) que derrubou o czar Nicolau II (15 de março de 1917).

Inf. encicl.: Os estudiosos dividem os acontecimentos em três fases: revolução branca, revolução vermelha e a guerra civil.

*“... da Revolução Russa, formou-se a União Soviética, que agregou as repúblicas do Uzbequistão, Turcomenistão e Tadjiquistão, até então independentes politicamente entre si.”*

Sin. Revolução socialista (L3 p.124; L4 p.31-2x, p.36)

**Sabinada** s.f. Sabinada [ing]

Revolta ocorrida na Bahia (1837) cujo objetivo era instituir uma república na província enquanto o príncipe herdeiro fosse menor de idade.

Inf. encicl.: Mais de mil pessoas morreram na luta. O médico Francisco Sabino foi preso e enviado para Mato Grosso.

*“... a Sabinada foi uma rebelião liderada pelo médico Francisco Sabino Vieira e por homens cultos da cidade de Salvador.”* (L3 p. 174-3x)

**Santa Aliança** s.f. Holly Alliance [ing]

Organização de alguns países, com o objetivo de se defenderem mutuamente.

Inf. encicl.: A Santa Aliança se propunha a reprimir os movimentos emancipacionistas, ou seja, os movimentos das colônias americanas pela independência. Ela queria conter os movimentos nacionalistas.

*“... em nome da Santa Aliança, passaram a ter o direito de intervir em qualquer país que estivesse ameaçado por um movimento revolucionário inspirado no liberalismo e no nacionalismo.”* (L3 p. 85-2x; p.86-2x)

**Satrapia** s.f. Satrapy [ing]

Província governada por um sátrapa (administrador) no Império Persa durante o reinado de Dario I (521-485 a.C).

Inf. encicl.: Não havia uma capital única para o Império, podendo o rei estabelecer-se em cidades como Pasárgada, Persépolis, Ecbatona ou Susa.

*“... Dario I criou um sistema de vigilância e controle de seus poderes, designando um general de sua confiança como chefe do exército de cada satrapia (províncias).”* (L1 p. 97-3x)

**Segunda Guerra Mundial** s.f. World War II [ing]

Conflito ocorrido entre dois blocos: potências do Eixo (Alemanha, Itália, e Japão) e potência aliada (França, Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos). Durou quatro anos, de 1939 a 1945.

Inf. encicl.: A Alemanha enfrentava uma grave crise econômica, a qual favoreceu o amadurecimento das ideias nazistas, levando à ascensão de Hitler, que, baseado na tese do “espaço vital”, pregava o expansionismo alemão. A guerra produziu cerca de 55 milhões de

mortos, 35 milhões de feridos, 20 milhões de órfãos e 190 milhões de refugiados. Houve um enorme aperfeiçoamento das técnicas militares de destruição.

“... *A pregação expansionista levou a Alemanha a invadir a Polônia, em 1939, iniciando, a Segunda Guerra Mundial.*” (L4 p.28; p.76; 86; p. 91; p.92; p.95-2x; p.98)

**Segunda Revolução Industrial** s.f. Second Industrial Revolution [ing]

Movimento que envolveu uma série de desenvolvimentos dentro da indústria química, elétrica, de petróleo e de aço.

Inf. encicl.: Surgiram inovações técnicas como a utilização do aço, superando o ferro, o aproveitamento da energia elétrica, dos combustíveis petrolíferos, da invenção do motor a explosão, da locomotiva e do barco a vapor e do desenvolvimento de produtos químicos, de 1860-1900.

“... *foram inventados os meios de comunicação como o telégrafo, o telefone, o rádio e o cinema. O processo tecnológico foi tão significativo que este momento costuma ser caracterizado como Segunda Revolução Industrial.*” (L3 p.46)

**Senhor de engenho** s.m. Sugar Plantation lord [ing]

Indivíduo proprietário do engenho de açúcar.

Inf. encicl.: Sua autoridade ultrapassava os limites de sua propriedade, estendendo-se às vilas e aos povoados vizinhos.

“... *os senhores de engenho eram os donos de grandes propriedades rurais ligadas à produção de açúcar.*” (L2 p.156; p. 157-5x; p.179-2x; p.180-2x; p.181-3x; L3 p. 109)

**Senhorio** s.m. Property [ing]

Extensão de terra na idade média.

Inf. encicl.: O tamanho desses senhorios era de 200 ou 250 hectares. Os senhorios eram divididos em três grandes áreas: os campos abertos, as reservas senhoriais e os mansos servis.

“... *Cada senhorio tinha uma produção variada de cereais, carnes, leite, roupas e utensílios. Geralmente, um senhorio era um feudo.*” (L2 p.26-4x; p.27)

Nota: Land extension in the Middle Ages.

**Senzala** s.f. Slave premises [ing]

Construção rústica onde habitavam os escravos.

Inf. encicl.: Os escravos dormiam no chão duro de terra batida ou sobre palha. Havia na frente das senzalas um pelourinho (tronco usado para amarrar o escravo para a aplicação de castigos físicos).

“... *nas senzalas, os escravos eram alojados de maneira bastante precária, em cabanas separadas, de paredes de barro e telhado de sapé, ou, de construções enfileiradas divididas em compartimentos.*” (L2 p.157-2x)

Nota: Rustic building where the slaves lived.

**Sertanismo de contrato** s.m. Contract expeditions [ing]

Expedição do movimento das bandeiras que buscava reprimir grupos indígenas e destruir quilombos, século XVII.

Inf. encicl.: Os índios capturados das missões jesuíticas eram mais caros por estarem acostumados a uma rotina diária de serviço.

“... *repressão aos grupos indígenas e de escravos africanos rebelados (sertanismo de contrato).*” (L2 p.187)

Nota: Expedition of the *Bandeiras* movement that sought to repress indigenous groups and destroy quilombos in the 17th century

**Sítio arqueológico** s.m. Archaeological site [ing]

Lugar onde se encontram vestígios de culturas antepassadas.

Inf. encicl.: No século XIX o dinamarquês Peter Wilhem Lund (1801-1880) encontrou na gruta de Sumidoro, região mineira de Lagoa Santa fósseis de 12 mil anos.

*“... pesquisadores encontraram mais fósseis nesse sítio arqueológico, um dos mais antigos do interior brasileiro com material ósseo humano.”* (L1 p.53-2x; p.55; p.61)

**Soviete** s.m. Soviet [ing]

Conselhos formados por operários, camponeses e soldados, na Rússia, 1905.

Inf. encicl.: Este termo é comumente usado para descrever trabalhadores governando a si mesmos, sem patrões, em regime de autogestão.

*“... surgiram nessa época os primeiros soviets, ou conselhos de operários, que se espalharam pelas fábricas e pelas unidades militares.”* Sin. Sociedade das Nações (L4 p. 34; p.35; p.36)

**Suserano** s.m. Suzerain, feudal overlord [ing]

Nobre que concedia feudos (certa extensão de terra) a outro nobre denominado vassalo.

Inf. encicl.: Nas Cruzadas, os cristãos conseguiram mobilizar milhares de guerreiros, para combater os muçulmanos na Terra Santa, graças as relações entre suserano e vassalo que existiam na Europa Medieval.

*“... o suserano era quem dava um lote de terra ao vassalo.”* (L2 p. 24)

**Tenentismo** s.m. Lieutenatism [ing]

Movimento político-militar que, pela luta armada, pretendia conquistar o poder e fazer reformas na Primeira República.

Inf. encicl.: Era liderado por jovens oficiais das forças armadas, principalmente tenentes.

*“... os objetivos do tenentismo eram a moralização da administração pública, o fim da corrupção eleitoral, o voto secreto, uma justiça eleitoral confiável, a exploração das empresas e do capital estrangeiro e uma reforma na educação pública para que o ensino fosse gratuito e obrigatório para todos os brasileiros.”* (L4 p.67- 3x)

**Técnica da perspectiva** s.f. Perspective technique [ing]

Técnica de pintura que procurava dar uma aparência tridimensional às personagens e objetos representados.

Inf. encicl.: Para o pintor alemão Albrecht Dürer (1471-1528), a expressão perspectiva significava: ver através.

*“... O objetivo da Técnica da perspectiva era proporcionar ao observador do quadro a percepção do volume e da profundidade das figuras. Esse estilo multiplicava o espaço dos interiores e, com a preocupação de dar às pessoas, objetos e paisagens retratados a aparência mais natural possível, parecia multiplicar a própria vida.”* (L2 p. 107-2x)

**Terceira Revolução Industrial** s.f.Third Industrial Revolution [ing]

Fase que apresenta processos tecnológicos decorrentes de uma integração física entre ciência e produção (revolução tecnocientífica).

Inf. encicl.: Avanços tecnológicos como o microcomputador, microeletrônica, robótica, engenharia genética, telemática (uso combinado dos computadores e meios de telecomunicações: fax, celular, internet, televisão etc.)

*“... um dos aspectos da Terceira Revolução Industrial é o aumento da produtividade com a utilização de um número cada vez menor de trabalhadores.”* (L3 p.46; p.47)

**Terceiro Mundo** s.m. Third World [ing]

Países pobres.

Inf. encicl.: A expressão Terceiro Mundo foi criada pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, em 1952.

“... o Terceiro Mundo constitui um vasto e heterogêneo conjunto de países subdesenvolvidos, espalhados pela África, Ásia e América Latina.” (L4 p. 167-7x, p.168-2x)

**Trabalhador** s.m. Laborer [ing]

Indivíduo que realizava algum trabalho para sustentar a sociedade na sociedade medieval.

Inf. encicl.: A maior parte desses trabalhadores eram servos. A condição de servo implicava restrição à liberdade.

“... Na sociedade medieval, os trabalhadores (*Laboratores*), do latim *labor=trabalho*, ordem que reunia a maioria da população camponesa.” Sin. *Laboratores* (L2 p. 25-2x; L3 p.12; p. 42-2x; p. 45)

**Trabalhismo** s.m. Labour politics [ing]

Política trabalhista elaborada pelo Estado Novo, a qual tinha dupla função: conquistar a simpatia dos trabalhadores e exercer domínio sobre eles, controlando seus sindicatos.

Inf. encicl.: Em 1954, Vargas autorizou um aumento de 100% no salário mínimo, atendendo à proposta do ministro do Trabalho, João Goulart. Essa medida provocou enorme descontentamento dos empresários.

“... Vargas dizia que o trabalhador deveria, além dos direitos políticos, o direito a desfrutar do progresso que ele mesmo criou com seu trabalho.” (L4 p.138)

Nota: Labor politics elaborated by the New State which had a double function: to conquer the workers' sympathy and to have domain over them, controlling their unions.

**Trabalho compulsório** s.m. Compulsory work [ing]

Trabalho obrigatório, forçado, escravismo.

Inf. encicl.: Através do Trabalho compulsório, os trabalhadores ditos livres, sustentaram toda base econômica da sociedade egípcia, sendo explorado de forma constante e sistemática.

“... *variadas formas de trabalho compulsório, tendente para o escravismo.*” (L3 p.90)

**Tráfico negroiro** s.m. Slave trade, slave traffic [ing]

Comércio que unia interesses na África, Europa e América. Os navios dos europeus levavam mercadorias, tecidos, aguardente, tabaco e armas, para a costa africana, que eram trocados por escravos. Esses escravos eram vendidos para os colonos americanos.

Inf. encicl.: Em 1850, foi extinto o comércio internacional de escravos para o Brasil, pela Lei Eusébio de Queiroz. Embora desde 1831 o tráfico negroiro estivesse proibido. “... *devido ao tráfico negroiro, milhões de africanos foram violentamente arrancados da África e transformados em escravos. Vieram para o Brasil cerca de 4 milhões de africanos, durante mais de três séculos de escravidão.*” (L2 p.162; p.163- 2x, p.164, L3 p.187-3x; p.171)

**Trovador** s.m. Troubadour [ing]

Compositores e poetas românticos que criavam obras de caráter popular, na França no século XI.

Inf. encicl.: A canção trovadoresca espalhou-se por várias regiões da Europa, como as que hoje correspondem a Inglaterra, Alemanha, Portugal, Espanha e Itália.

“... *as canções dos trovadores e menestréis, inspiradas em temas românticos ou nos feitos heróicos dos cavaleiros.*” (L2 p.43-2x)

**União Européia** s.f. European Union (EU), European Community (EC) [ing]

União supranacional econômica e política de 27 estados-membros estabelecida após a assinatura do Tratado de Maastricht em 7 de Fevereiro de 1992.

Inf. encicl.: Junção anteriormente designada por Comunidade Econômica Europeia (CEE no Brasil) e Comunidade Europeia (CE).

*“... os países do Mercado Comum Europeu passaram a constituir a União Européia (EU). Uma das últimas medidas foi a criação do euro.”* (L4 p.175)

**União Ibérica** s.f. Iberian Union [ing]

União de Portugal e da Espanha.

Inf. encicl.: Para a Espanha, foi a idade de ouro. Entre a descoberta e a decadência passou-se um pouco mais de um século de 1492 a 1665. George Ticknor criou em 1849 a expressão "Idade do Ouro".

*“... Durante 60 anos da União Ibérica, a administração colonial do Brasil praticamente não sofreu alterações.”* Sin. União Peninsular (L2 p.174-3x; p.175-2x; p.179)

**Vassalo** s.m. Vassal [ing]

Aquele que tinha laços de dependência e subordinação com um senhor feudal na Idade Média.

Inf. encicl.: Em 911, o rei franco Carlos, o Simples, cedeu a um dos chefes vikings, Rollon, o território que ficou conhecido como Normandia. Em troca, Rollon tornou-se vassalo do rei franco.

*“... em troca do feudo recebido, o vassalo devia fidelidade ao senhor e prestava-lhe serviços (principalmente militares).”* (L2 p.19; p.24-3x)

**Vilão** s.m. Villain [ing]

Homem livre que devia certa obrigação ao senhor (por exemplo, pagar taxa pelo uso de alguma instalação do domínio senhorial: celeiro, moinho, forno etc.), mas não estava preso à terra, no período medieval.

Inf. encicl.: Palavra oriunda do latim vulgar *villanu*, que significa habitante de vila ou de casa no campo.

*“... os vilões eram descendentes de antigos pequenos proprietários que haviam entregado suas terras a um grande proprietário para ter segurança contra bandidos e invasores.”* (L2 p. 25-2x; p. 27-3x)

**Visitações da Inquisição** s.f. Visitations of inquisition [ing]

Movimento que abria processo contra as pessoas acusadas de crime contra a fé.

Inf. encicl.: Para combater os chamados crimes contra as verdades da fé cristã, as autoridades da Igreja católica e da Coroa enviaram ao Brasil, representantes do Tribunal da Inquisição.

*“... Nas visitas realizadas em Pernambuco, Bahia, sul do Brasil e Pará, a Inquisição perseguiu grande número de cristãos-novos (judeus obrigados a converter-se ao cristianismo em Portugal).”* (L2 p.153-2x)

**Voto de cabresto** s.m. Vote under pressure [ing]

Voto aberto dado sob pressão.

Inf. encicl.: Em troca dos favores, os “coronéis” (grandes fazendeiros), exigiam que as pessoas votassem nos candidatos indicados por eles (prefeito, governador, vereador, deputado, presidente da república e senador).

“... voto de cabresto, expressão popular que significa voto obrigado, imposto pelos coronéis contra a vontade do eleitor. Quem se negasse a votar nos candidatos ficava sujeito à violência dos jagunços ou capangas que trabalhavam nas fazendas.” (L4 p. 46-2x)

Nota: Open vote given under pressure.

**Xenofobia** s.f. Xenophobia [ing]

Aversão a pessoas e coisas estrangeiras. Os xenófobos acreditam que a crise econômica e o desemprego são causados pelos imigrantes.

Inf. encicl.: Xenofobia é uma palavra de origem grega que significa antipatia ou aversão a pessoas e objetos estranhos.

“... na França, os imigrantes magrebianos (da Argélia, do Marrocos e da Tunísia) são tratados pela população francesa como bandidos perigosos, exemplo de xenofobia.” (L4 p. 176-3x)

**Zollverein** s.f. Zollverein [ing]

Aliança aduaneira que teve como meta a liberdade alfandegária para 38 estados alemães, favorecendo maior liberdade entre as fronteiras, no século XIX..

Inf. encicl.: Com o Zollverein foram construídas indústrias e estradas de ferro, incentivou-se a exploração de carvão e ferro.

“... Zollverein, que era uma união aduaneira com o objetivo de eliminar os impostos alfandegários entre os diferentes Estados da Confederação Germânica.” (L3 p. 121-3x)

**Zoroastrismo** s.m. Zoroastrianism [ing]

Religião cuja doutrina foi exposta no livro sagrado *Zend-Avesta*.

Inf. encicl.: Contêm alguns princípios religiosos e morais encontrados no cristianismo, no judaísmo e no islamismo, como as ideias de juízo final, ressurreição dos mortos, salvação no Céu e condenação ao inferno, século VI a.C.

“... o zoroastrismo pregava a existência de uma incessante luta entre o deus do bem e o deus do mal, afirmando que somente no dia do juízo final, quando todos os homens seriam julgados por suas ações, o bem venceria o mal.” (L1 p. 98-2x)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, não se tinha ideia da complexidade que envolve uma pesquisa terminológica e da importância desse tipo de trabalho para os especialistas. Sem dúvida, as obras terminológicas (vocabulários, glossários, dicionários especializados e os bancos de dados) são fundamentais para a padronização linguística das linguagens de especialidade e para a comunicação entre especialistas.

A metodologia utilizada na pesquisa consistiu, primeiramente, no levantamento dos termos, que contou com a valiosa contribuição dos professores de história da rede pública e na busca das equivalências em inglês, prosseguindo-se com a organização dos termos e a elaboração do glossário. Para organizar os dados, foram elaboradas as fichas terminológicas, instrumentos indispensáveis na execução do trabalho. O *corpus* foi estabelecido a partir dos quatro livros de Gilberto Cotrim, Saber e Fazer História, Editora Saraiva de 2005.

Nessa sequência, a presente pesquisa revelou-se interessante à medida que as etapas foram se realizando. Através da pesquisa terminológica, consegui adquirir um conhecimento geral tanto na teoria da Terminologia quanto do conhecimento da história que eu tive na época de estudante. Foi prazeroso viajar no tempo e ‘viver’ momentos da história, lembrar como era a vida no Egito Antigo, Grécia Antiga, passando por alguns mitos da História brasileira presentes no ensino, como Raposo Tavares, Borba Gato, Duque de Caxias, Tiradentes, dentre outros.

É importante frisar que esta pesquisa estabeleceu, como objetivo principal, coletar e descrever conceitualmente unidades de significação especializada, visando à construção de um Glossário Escolar Terminológico Comunicativo de História (GETCH) dirigido a alunos dos quatro últimos anos do ensino fundamental. Considera-se, então, a relevância deste trabalho, uma vez que não existem dicionários especializados dirigidos a estudantes.

Durante a pesquisa, nos encontros com os professores de História, eles comentaram as dificuldades dos alunos em entender alguns termos da área, como: Degola, Cabanagem, Absolutismo Ilustrado, entre outros. Procuramos no Dicionário Aurélio e notamos que ali as explicações não eram claras, conforme já citado e esclarecido na Introdução.

Dessa maneira, durante a realização da pesquisa, constatou-se que algumas adaptações metodológicas, principalmente com relação à composição da microestrutura do verbete, teriam que ser feitas, como na explicação do termo Noite das Garrafadas,; como a

equivalência não existia no dicionário Inglês/Inglês, optou-se por *The night of the broken bottles*.

É necessário que os alunos do ensino fundamental tenham uma formação social e intelectual para que, de modo consciente e reflexivo, desenvolvam a compreensão de si mesmos, dos outros, da sua inserção em uma sociedade histórica e da responsabilidade de todos atuarem na construção de sociedades mais igualitárias e democráticas. Nesse sentido, este estudo mostra-se relevante para auxiliar as pesquisas, principalmente as dos alunos e estudiosos da área.

Com relação ao *corpus* e a sua composição, observou-se que a terminologia da área de história quanto a sua origem é composta por termos provenientes de outras áreas tais como: astronomia (geocentrismo), política (caras-pintadas, Lei dos Sexagenários), religião (criacionismo), antropologia (antropofagia). Através do processo de terminologização, também fazem parte do universo linguístico da área estudada.

Do ponto de vista da formação morfológica, foi constatado um número expressivo de termos formados por sufixação a partir de bases provenientes da língua comum e da latina. Os sufixos nominais mais recorrentes são: *\_ismo* (bandeirismo, iluminismo), *\_or* (historiador), *\_ista* (aliancista, humanista), *\_ento* (aldeamento), *\_ção* (colonização).

Verificou-se o emprego do empréstimo linguístico em alguns termos da língua inglesa, que são utilizados tanto em português como em inglês, com a mesma forma escrita: *New Deal* e *Plantation*. Optamos em deixar o termo *Antigo Regime* em francês – *Ancien Régime*; colocamos a equivalência no inglês – *Old Rule* e *Old Order* –, embora seja encontrado, geralmente, em sua forma original em francês.

O glossário é, portanto, o produto da pesquisa terminológica. Esperamos que ele contribua para o ensino da disciplina de história e para esclarecer dúvidas dos alunos do ensino fundamental e/ou profissionais interessados.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gladis M. de B. *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT): uma aplicação*. Araraquara: 2000. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_. *A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática*. In: ALFA-Revista de Linguística. Homenagem a Maria Tereza de Camargo Biderman. São Paulo, v.50.n.2, UNESP. 2006.
- ALMEIDA, Gladis. M. de B, ALUÍSIO, Sandra & OLIVEIRA, Leandro. *O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos*. In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. III / Aparecida Negri Isquerdo, Ieda Maria Alves, organizadoras-Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.p. 409 a 420.
- ALMEIDA, Gladis. M. B & VALE, Oto A. Do texto ao termo: interação entre terminologia, morfologia e linguística de corpus na extração semi-automática de termos. In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, no prelo, vol. IV/ Aparecida Negri Isquerdo, Maria José Bocorny Finatto, organizadoras- Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. p. 483 a 499.
- ALVES, Ieda. M. A. *delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade*. In: BASÍLIO, M. (org.). Palavra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- ARNTZ, Reiner& PICHT, Heribert. *Introducción a La terminologia*. Madrid: Pirámide. 1995.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. & FINATTO, Maria José Bocorny. *Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais*. In: ALFA-Revista de Linguística. Homenagem a Maria Tereza de Camargo Biderman. São Paulo, v.50.n.2, UNESP. 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- \_\_\_\_\_. BIDERMAN, Maria Teresa. A Estrutura Mental do Léxico. In: Teoria Linguística. Linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 131-145.
- \_\_\_\_\_. *A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português*. Alfa, São Paulo, v.42 (esp.), p.161-181, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas*. In: Pires de Oliveira, A. M. P. e Isquerdo A. N. (organizadoras). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Conceito linguístico de palavra*. In: BASÍLIO, M. (org.). Palavra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Linguística: (teoria lexical e linguística computacional)*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (Coleção leitura crítica)
- \_\_\_\_\_. *Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: O Aurélio e o Houaiss*. In: ISQUERDO, A.N. e KRIEGER, M. da G. (organizadoras). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento, a terminologia e o dicionário*. Cienc. Cult., São Paulo, v. 58, n. 2, June 2006. Disponível em:  
<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200014&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Nov. 2008.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. OLF, Québec, Publications du Québec, 1985. Tradução para o português de E. Faulstich. Cadernos do Instituto de Letras. Terminologia. Porto Alegre: UFRS, jul/93, n.10.

CABRÉ, Maria Tereza. *La Terminologia: teoria, metodologia y aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida, 1993.

\_\_\_\_\_. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua: la planificación terminológica. *Revista Internacional de Lingua Portuguesa*, Lisboa, n.15, p.19-44, 1996.

\_\_\_\_\_. *La terminologia: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Intitut Univeversitari de Linguística Aplicada, 1999.

\_\_\_\_\_. *Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización*. En: Garcia Palacios, Joaquín; Fuentes, M. Teresa (eds.) *Texto, terminología y traducción*. Salamanca: Ediciones Almar, 2002. ISBN: 84-7455-079-3.

\_\_\_\_\_. Norma y norma em terminologia: conceito, tipologia y justificación. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. IV/ Aparecida Negri Isquerdo, Maria José Bocorny Finatto, organizadoras- Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. p. 365-396.

CABRÉ, Maria Tereza. et al. *La terminología hoy: replanteamiento o diversificación*. Organon, v. 12, n.º. 26, 1998, p.33-41.

CANO, Waldenice Moreira. *Teoria e práxis de um dicionário escolar de ciências*. Araraquara: 2001. Tese de Doutorado.

CIAPUSCIO, Guiomar Elena. La terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento y variación. *Organon*, v.12, n.26, 1998, p.43-65.

COTRIM, Gilberto. *Saber e Fazer História*, 5ª série-3. Ed. Rev. São Paulo: Saraiva 2005.

DAMIM, Cristina, PERUZZO, Marinella Stefani. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. En: XATARA, Claudia, HUMBLE, Philippe (eds.): *Tradução e lexicografia pedagógica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 93-113, 2006 (= *Cadernos de tradução XVIII*).

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6981/6450>>

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, vol. I (p.430).

FAULSTICH, Enilde. *Rede de remissivas em um glossário técnico*. In: Cadernos do Instituto de Letras, UFRGS, n. 10, jul. 1993. p. 91-97.

\_\_\_\_\_. *Terminologia: disciplina da nova era*. Ciência da Informação, América do Norte, 24, dez. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/484/439>> Acesso em: 23 Set 2009.

FERNÁNDEZ, Dolores. Azorin. La investigación sobre el uso del diccionario en el ámbito escolar. In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 169-192.

FERNÁNDEZ-SEVILLA. JÚLIO. *Problemas de lexicografía actual* (Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, Series Minor, XIX), Bogotá, 1974, p.37-68.

FINATTO, Maria José Bocorny. *Definição Terminológica*. Porto Alegre, UFRGS, 2001. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. *Elementos Lexicográficos e Enciclopédicos na definição terminológica*: questões de partida. In: Revista Organon, v. 12, nº. 26, 1998, p.133-145.

\_\_\_\_\_. *Termos, textos e textos com termos*: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, A.N. e KRIEGER, M. da G. (organizadoras). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 341-357.

FRÜBEL, Auri Claudionei Matos. *Glossário de Neologismos terminológicos da saúde humana*: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do Português do Brasil. Araraquara. 2006. Tese de Doutorado.

GARCIA DE Diego, V. *Lecciones de Lingüística española*. 3ªed., Madri, Gredos(1951), 1966.

GOMES, Eva Mercedes Martins. & FERNANDES, Maria Inês. A arte de Guimarães Rosa em Desenredo. *Revista Papéis* do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, v.1 n.1, 2007.

GOUADEC, Daniel. *Terminologie*: constitution des données, Paris, AFNOR. 1990.

GUERRA, Élide Ferreira. *A macroestrutura de um dicionário escolar de geografia*: proposta e análise. Uberlândia, UFU, 2006. [Dissertação de Mestrado]

HAENSCH, G. *Tipologia de las obras lexicográficas* In: HAENSCH, G *et al*. *La Lexicografia - de la linguística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, 1982.

HERNANDEZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar - contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Max Niemeyer Verlag: Tübingen, 1989.

HOFFMANN, L. *Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik* [Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas]. In: *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*, Siebente Folge. Helsinki, Estocolm. 9-16. *Deutsche Fachsprachen in Forschung und Lehre*. 1988.

ISQUERDO, Aparecida N. *Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da Seringa*. In: ISQUERDO, Aparecida N. & OLIVEIRA, Ana Maria P.P. *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Léxico no tempo e no espaço: a questão dos regionalismos*. In: VASCONCELOS. *História, região e identidades*, p.165-181. Campo Grande: Editora UFMS, 2003.

ISQUERDO, Aparecida N. & OLIVEIRA, Ana Maria P.P. *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed UFMS, 1998.

JUSTINIANO, A. L. *Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. *O dicionário de língua como potencial instrumento didático*. In: Organon, v. 12, nº. 26, 1998.

\_\_\_\_\_. *Terminologia revisitada*. DELTA, São Paulo, v. 16, n. 2,2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200001&lng=en&nrm=iso)> acessado em 23 Nov. 2008 doi: 10.1590/S0102-44502000000200001.

KRIEGER, M. G. *O termo, questionamentos e configurações*. In: KRIEGER, M. G.;

MACIEL, A. M. B. (orgs.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre, São Paulo: UFRGS, Humanitas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias*. Disponível em <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_calidoscopio/vol4n3/art02\\_krieger.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/vol4n3/art02_krieger.pdf)>, p. 141-147, set/dez 2006 Calidoscópio Vol. 4, n. 3, p. 141-147, by Unisinos.

\_\_\_\_\_. *O dicionário de língua como potencial instrumento didático*. In: As ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia). Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007.

KRIEGER, Maria da Graça & BEVILACQUA, Cleci Regina. *A Pesquisa Terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área*. 03/2005 <[www.riterm.net/revista/n\\_1/krieger](http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger)>

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, Luís Fernando. *O dicionário e suas disciplinas*. In: As ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia). Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2004.

LORENTE, Mercè. *A lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica*. In: Isquierdo, A.N.; Krieger, M.G. (org.) *As ciências do Léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

MACIEL, Ana Maria Becker. *Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico*. Porto Alegre. 2001. Tese de Doutorado.

MIRANDA, Félix Bugueño. *O que é Macroestrutura no dicionário de língua?* In: As ciências do léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol.III. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria P.P.; ISQUERDO. Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia)*. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1998.

PAVEL, Silvia. *Manual de Terminologia*. Direção de Terminologia e Normalização; Departamento de Tradução do Governo Canadense. (Tradução Enilde Faulstich). 2002. 151p. Disponível em <<http://www.fit-ift.org/download/presport>> acessado em 29-09-2009

RANGEL, Egon de Oliveira. *Dicionários em sala de aula / elaboração Egon de Oliveira Rangel, Marcos Bagno*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 155 p.

REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, 1979. 127p.

REY, A. *Essays on Terminology*. Translated by Juan C. Sager. John Benjamins Publishing Company, 1995.

RONDEAU, Guy. *Introduction à la Terminologie*, Québec: Gaëten Morin Editeur. 1984.

SAGER, J. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Livraria Almedina, Coimbra, 1994. páginas 9 a 49

WEINRICH, H. *A verdade dos dicionários*. In: VILELA, M. (Org.) Problemas da lexicologia e lexicografia. Porto: Civilização, 1979. p.314-337.

WELKER, Herbert Andreas. *Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Editora Thesaurus. 2004.

WERNER, Reinhold. *La definición lexicográfica*. In: Haench, G. et al. (ed), p. 259-328. 1982.

### **DICIONÁRIOS UTILIZADOS**

CHAMBERS. *Dictionary of World History*. Chambers. Harrap Publishers. New York. 2000.

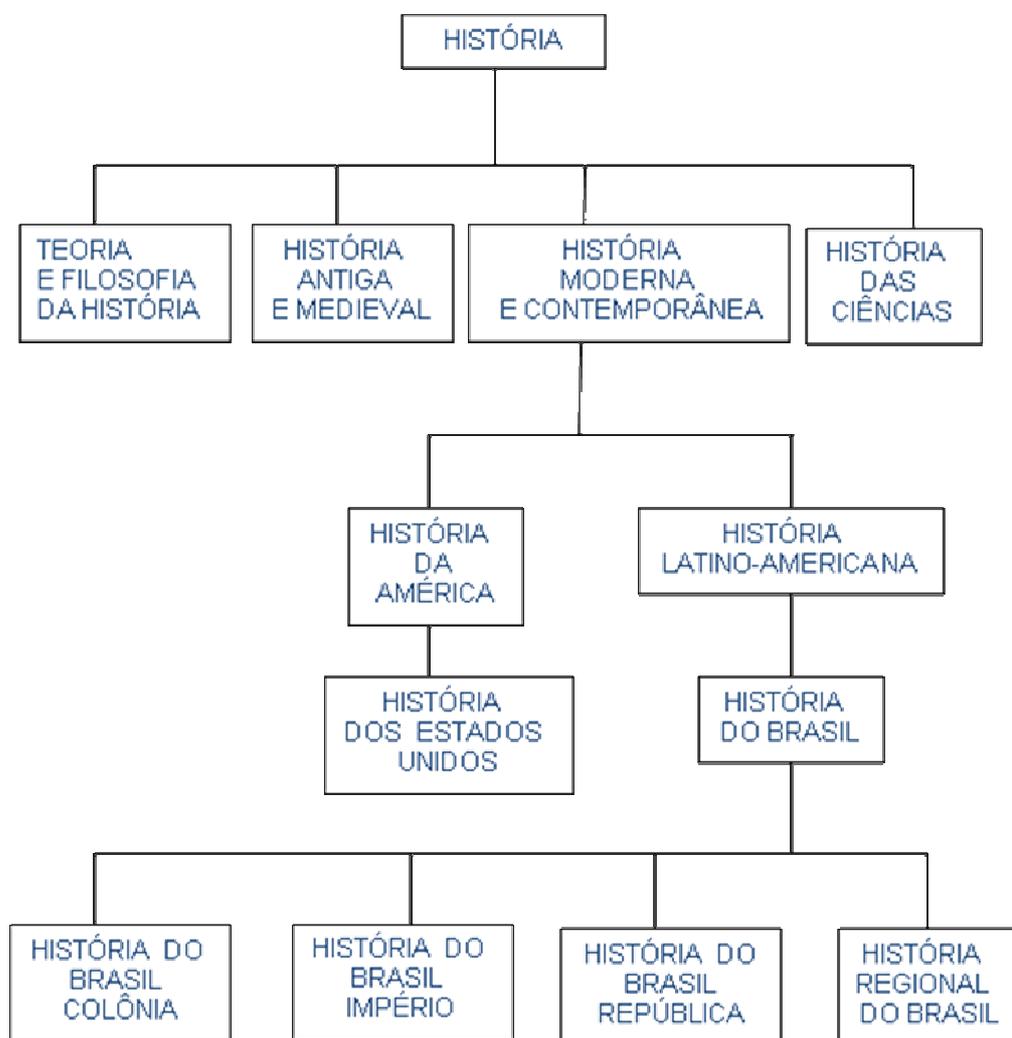
LAIRD, Charlton et al. *Webster's New World Thesaurus*. Third Edition. Macmillan. USA.1997

OXFORD. *The Oxford English Reference Dictionary*. Oxford University Press. Oxford. 2001.

WEBSTER'S. *New Webster's Dictionary and Thesaurus of the English Language*. Lexicon Publications, Inc. Danbury, CT. 1995.

**ANEXOS**

Nº 1 Mapa Conceitual	137
Nº 2 Modelo de Ficha Terminológica	138
Nº 3 Lista de Equivalências Inglês/Português	139

**Anexo 1 – Mapa Conceitual**

**Anexo 2 – Modelo de Ficha Terminológica**

TERMO:

CATALOGAÇÃO:

OCORRÊNCIA(S):

CONTEXTO:

MORFOLOGIA:

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA:

SINÔNIMO:

EQUIVALÊNCIA: Inglês

FONTE DA EQUIVALÊNCIA:

DEFINIÇÃO:

FONTE DA DEFINIÇÃO:

INFORMAÇÃO ENCICLOPÉDICA:

FONTE DA INFORM. ENC.:

REVISOR:

ESPECIALISTA (S) CONSULTADO (S):

## Anexo 3 - LISTA DE EQUIVALÊNCIAS INGLÊS-PORTUGUÊS

<b>INGLÊS</b>	<b>PORTUGUÊS</b>
<b>Absolute monarchy</b>	Absolutismo monárquico
<b>Acropolis</b>	Acrópole
<b>Aguirre War</b>	Guerra contra Aguirre
<b>Anarchism</b>	Anarquismo
<b>Ancien Régime [fr], also Old Rule, Old Order, Old Regime</b>	Antigo Regime
<b>Anglicanism</b>	Anglicanismo
<b>Antiquity</b>	Antiguidade
<b>Anthropocentrism</b>	Antropocentrismo
<b>Anthropophagy</b>	Antropofagia
<b>Apartheid</b>	Apartheid
<b>Apoikiai</b>	Apoikia
<b>Apotheosis</b>	Apoteose
<b>Archaeological Site</b>	Sítio arqueológico
<b>Archaeologist</b>	Arqueólogo
<b>Australopithecus</b>	Australopithecus
<b>Aviz Revolution</b>	Revolução de Avis]
<b>Baiana Conjuration</b>	Conjuração Baiana
<b>Balaiada</b>	Balaiada
<b>Brazilian adventurers who took part in the Bandeiras (exploration expeditions)</b>	Bandeirantes
<b>Banditry, robbery</b>	Cangaço
<b>Barbarians</b>	Bárbaros
<b>Battle of Austerlitz</b>	Batalha de Austerlitz
<b>Battle of Gettysburg</b>	Batalha de Gettysburg
<b>Battle of Lexington</b>	Batalha de Lexington
<b>Battle of Marathon</b>	Batalha de Maratona
<b>Battle of Poitiers</b>	Batalha de Poitiers
<b>Battle of Chaeronea</b>	Batalha de Querónia
<b>Battle of Stalingrad</b>	Batalha de Stalingrado
<b>Battle of Trafalgar</b>	Batalha de Trafalgar
<b>Battle of Valmy</b>	Batalha de Valmy
<b>Battle of Waterloo</b>	Batalha de Waterloo
<b>Benelux</b>	Benelux
<b>Berlin Wall</b>	Muro de Berlim
<b>Black death</b>	Peste Negra
<b>Boer War</b>	Guerra dos Bôeres
<b>Bolshevik</b>	Bolchevique
<b>Bourgeois</b>	Burguês
<b>Bourgeoisie</b>	Burguesia
<b>Bread and circuses</b>	Pão e Circo
<b>Brazilian colonial scouts who took part in the Bandeiras(exploration expeditions)</b>	Bandeirantes
<b>Brazilian Constitution</b>	Constituição brasileira
<b>Brazilian economic miracle</b>	Milagre brasileiro
<b>Brazilian Expeditionary Force</b>	Força Expedicionária Brasileira (FEB)

<b>Byzantine empire</b>	Império Bizantino
<b>Cabanagem</b>	Cabanagem
<b>Caesaropapism</b>	Cesaropapismo
<b>Calvinism</b>	Calvinismo
<b>Carolingian Renaissance</b>	Renascença Carolíngia
<b>Chapetone</b>	Chapetone
<b>Christianity</b>	Cristianismo
<b>Christie Question</b>	Questão Christie
<b>Citizenship</b>	Cidadania
<b>Clergy</b>	Clero
<b>Club elections</b>	Eleições do cacete
<b>Coffee and Milk Deal</b>	Política do café-com-leite
<b>Cold War</b>	Guerra Fria
<b>Colonialism</b>	Colonialismo
<b>Colonization</b>	Colonização s.f.
<b>Comitatus</b>	Comitatus
<b>Communist Uprising</b>	Intentona Comunista
<b>Compulsory work</b>	Trabalho compulsório
<b>Confederation of the Equator</b>	Confederação do Equador
<b>Congress of Vienna</b>	Congresso de Viena
<b>Constantinople</b>	Constantinopla
<b>Constitution of manioc</b>	Constituição da mandioca
<b>Consuls</b>	Cônsules
<b>Constitutionalist Revolution</b>	Revolução Constitucionalista
<b>Contemporary Age</b>	Idade Contemporânea
<b>Contestado War</b>	Guerra do Contestado
<b>Continental Block</b>	Bloqueio Continental
<b>Contract expeditions</b>	Sertanismo de contrato
<b>Counter-reformation, reformation, catholic revival</b>	<b>catholic</b> Contra-Reforma
<b>Courts</b>	Cortes
<b>Covenant of Taubaté</b>	Convênio de Taubaté
<b>Creationism</b>	Criacionismo
<b>Criollo</b>	Criollo, Creole
<b>Crusade</b>	Cruzada
<b>Cuban Revolution</b>	Revolução Cubana
<b>Cultural Revolution</b>	Revolução Cultural
<b>Czar, tzar</b>	Czar
<b>D- Day</b>	Dia D
<b>Discovery</b>	Descobrimento
<b>Ecclesiastical patronage</b>	Padroado
<b>Emboaba's War</b>	Guerra dos Emboabas
<b>Enclosures</b>	Cercamentos
<b>English Revolution</b>	Revolução Inglesa
<b>Eupatrid</b>	Eupátrida
<b>European Union (EU), European Community (EC)</b>	União Européia
<b>Eusébio de Queiroz Law</b>	Lei Eusébio de Queirós
<b>European Union (EU), European</b>	União Européia

<b>Community (EC)</b>	
<b>Expedition to the hinterland in conquest of new land, gold and precious stones</b>	Bandeiras
<b>Fair War</b>	Guerra justa
<b>Farrroupilha Revolt</b>	Guerra dos Farrapos
<b>Fascism</b>	Fascismo
<b>Federalist Revolution</b>	Revolução Federalista
<b>Fertile Crescent</b>	Crescente Fértil
<b>Feudalism</b>	Feudalismo
<b>Financial reform</b>	Encilhamento
<b>First Republic</b>	Primeira República
<b>First World</b>	Primeiro Mundo
<b>Foundry</b>	Casa de Fundição
<b>French Revolution</b>	Revolução Francesa
<b>Genocide</b>	Genocídio
<b>Genos</b>	Génos
<b>Gentry</b>	Gentry
<b>Geocentrism</b>	Geocentrismo
<b>Gladiator</b>	Gladiador
<b>Glorious Revolution</b>	Revolução Gloriosa
<b>Golden Years</b>	Anos Dourados
<b>Gothic architecture</b>	Arquitetura gótica
<b>Governors' Deal</b>	Política dos governadores
<b>Great Schism</b>	Grande Cisma do Ocidente
<b>Greco-Persian Wars</b>	Guerra Greco-Pérsicas
<b>Guarani War</b>	Guerra Guaranítica
<b>Hebrew</b>	Hebreu
<b>Heliocentrism, heliocentricism</b>	Heliocentrismo
<b>Hellenistic culture</b>	Cultura Helenística
<b>Hereditary captaincies</b>	Capitania Hereditária
<b>Heresy</b>	Heresia
<b>Hilot</b>	Hilota
<b>Historian</b>	Historiador
<b>History</b>	História
<b>Holocaust</b>	Holocausto
<b>Holly Alliance</b>	Santa Aliança
<b>Hominid</b>	Hominídeo
<b>Homo erectus</b>	Homo erectus
<b>Homo habilis</b>	Homo habilis
<b>Homo neanderthalensis</b>	Homo neanderthalensis
<b>Homo sapiens sapiens</b>	Homo sapiens sapiens
<b>Humanist</b>	Humanista
<b>Hundred Years' War</b>	Guerra dos Cem Anos
<b>Iberian Union</b>	União Ibérica
<b>Iconoclasm</b>	Iconoclastia
<b>Illuminism, enlightenment</b>	Iluminismo
<b>Illustrated Absolutism, Enlightened Dictatorship</b>	Absolutismo ilustrado
<b>Imperialism</b>	Imperialismo

<b>Indian</b>	Índio
<b>Industrial Revolution</b>	Revolução Industrial
<b>Inquisition</b>	Inquisição
<b>Integralism</b>	Integralismo
<b>Islamism</b>	Islamismo
<b>Japanese economic miracle</b>	Milagre japonês
<b>Jesuit</b>	Jesuíta
<b>Ku Klux Klan</b>	Ku Klux Klan
<b>Laborer</b>	Trabalhador
<b>Labour</b>	Trabalhismo
<b>Late Middle Ages</b>	Alta Idade Média
<b>Latin Alphabet</b>	Alfabeto Latino
<b>League of nations</b>	Liga das Nações
<b>Liberal Revolution of 1820</b>	Revolução Liberal
<b>Liberal state</b>	Estado liberal
<b>Lieutenantism</b>	Tenentismo
<b>Lower Egypt</b>	Baixo Egito
<b>Lutheranism</b>	Luteranismo
<b>Maecenas</b>	Mecena
<b>Manufacture</b>	Manufatura
<b>Manumission</b>	Alforria
<b>Maritime expansion</b>	Expansão marítima
<b>Marxism</b>	Marxismo
<b>Mastaba, mastabah</b>	Mastaba
<b>Member of the National Liberation Alliance (ANL)</b>	Aliancista
<b>Mendicant</b>	Mendicante
<b>Menshevik</b>	Menchevique
<b>Messianism</b>	Messianismo
<b>Minas Inconfidence, Minas Conspiracy</b>	Inconfidência Mineira
<b>Minstrel</b>	Menestrel
<b>Missi-dominici</b>	Missi-dominici
<b>Mithra</b>	Mitra
<b>Modern Age</b>	Idade Moderna
<b>Modernist movement</b>	Movimento modernista
<b>Monarchy</b>	Monarquia
<b>Monophysitism</b>	Monofisismo
<b>Monroe Doctrine</b>	Doutrina Monroe
<b>Mummification</b>	Mumificação
<b>Myth</b>	Mito
<b>NATO (North Atlantic Treaty Organization)</b>	Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)
<b>Neolithic period</b>	Período Neolítico
<b>Neolithic Revolution</b>	Revolução Neolítica
<b>New Deal</b>	New Deal
<b>New state</b>	Estado Novo
<b>Night of the broken bottles</b>	Noite das Garrafadas
<b>Nika Rebellion</b>	Revolta de Nika
<b>Nobility</b>	Nobreza

<b>Nomad</b>	Nômade
<b>Non approval of the candidates</b>	Degola
<b>North American Imperialism</b>	Imperialismo Norte Americano
<b>Olympiad</b>	Olimpíada
<b>One hundred days' government</b>	Governo dos Cem Dias
<b>Opium War</b>	Guerra do Ópio
<b>Oracle</b>	Oráculo
<b>Oral History</b>	História oral
<b>Orders</b>	Ordens
<b>Painted faces</b>	Caras-pintadas
<b>Palaeolithic Period</b>	Período Paleolítico
<b>Paraguayan War</b>	Guerra do Paraguai
<b>Paris commune</b>	Comuna de Paris
<b>Parliamentarism</b>	Parlamentarismo
<b>Patronage</b>	Clientelismo
<b>Pax Romana, Roman Peace, Pax Augustea</b>	Pax Romana
<b>Perestroika</b>	Perestroika
<b>Periodization</b>	Periodização
<b>Pernambuco Insurrection</b>	Insurreição Pernambucana
<b>Pernambuco Revolution</b>	Revolução Pernambucana
<b>Persian</b>	Persa
<b>Perspective technique</b>	Técnica da perspectiva
<b>Pharaoh</b>	Faraó
<b>Pilgrim Fahers</b>	Pais peregrinos
<b>Plantation</b>	Plantation
<b>Platine War</b>	Guerra do Prata
<b>Platt amendment</b>	Emenda Platt
<b>Polis</b>	Pólis
<b>Polytheist</b>	Politeísta
<b>Portuguese crown</b>	Coroa portuguesa
<b>Praieira Rebellion</b>	Revolta Praieira
<b>Prehistory</b>	História
<b>Prestes column</b>	Coluna Prestes
<b>Primitive accumulation of capital</b>	Acumulação primitiva de capital
<b>Prince Regent</b>	Príncipe Regente
<b>Principles of exploration expeditions, called Bandeiras, to arrest the Indians for slavery</b>	Bandeirismo de apresamento
<b>Principles of exploration expeditions, called Bandeiras, to find gold and precious stones</b>	Bandeirismo prospector
<b>Proletariat</b>	Proletariado
<b>Property</b>	Senhorio
<b>Protectionism</b>	Proteccionismo
<b>Punic Wars</b>	Guerras Púnicas
<b>Pyramid</b>	Pirâmide
<b>Quilombo</b>	Quilombo
<b>Quilombo of Palmares</b>	Quilombo dos Palmares
<b>Racism</b>	Racismo

<b>Rebellion of Beckman</b>	Revolta de Beckman
<b>Rebellion of Canudos</b>	Revolta de Canudos
<b>Rebellion of Vila Rica</b>	Revolta de Vila Rica
<b>Reconquest</b>	Reconquista
<b>Red shirts</b>	Camisas vermelhas
<b>Reformation</b>	Reforma Protestante
<b>Regular clergy</b>	Clero regular
<b>Renaissance</b>	Renascimento
<b>Republic</b>	República
<b>Rebellion of Malês</b>	Revolta dos Malês
<b>Revolt of the whip</b>	Revolta da Chibata
<b>Revolution of 1848</b>	Revolução de 1848
<b>Roman Question</b>	Questão Romana
<b>Romanesque architecture</b>	Arquitetura românica
<b>Russian Revolution</b>	Revolução Russa
<b>Sabinada</b>	Sabinada
<b>Sacred music</b>	Música Sacra
<b>Satrapy</b>	Satrapia
<b>Scottish Rebellion</b>	Revolta Escocesa
<b>Scribe</b>	Escriba
<b>Secession War</b>	Guerra de Secessão
<b>Second Industrial Revolution</b>	Segunda Revolução Industrial
<b>Secular Clergy</b>	Clero Secular
<b>Sedentary village</b>	Aldeia sedentária
<b>Sepoy Mutiny, Indian Mutiny</b>	Revolta dos Cipaios
<b>Settlement</b>	Aldeamento
<b>Seven Years' War</b>	Guerra dos Sete Anos
<b>Sexagenarian Law</b>	Lei dos Sexagenários
<b>Six-Day War</b>	Guerra dos seis dias
<b>Slave driver</b>	Feitor
<b>Slave premises</b>	Senzala
<b>Slave ship</b>	Navio negreiro
<b>Slave trade, slave traffic</b>	Tráfico negreiro
<b>Soviet</b>	Soviete
<b>Spanish embargo</b>	Embargo espanhol
<b>Spartan</b>	Esparciata
<b>St. Bartholomew's day massacre</b>	Noite de São Bartolomeu
<b>Stratego</b>	Estratego
<b>Sugar cane plant manager</b>	Feitor mor
<b>Sugar Plantation lord</b>	Senhor de engenho
<b>Sumerian writing</b>	Escrita suméria
<b>Suzerain, feudal overlord</b>	Suserano
<b>The Bull <i>Inter Caetera</i></b>	Bula Inter Coetera
<b>The eighteen lieutenants of the fortress</b>	Os dezoito do Forte
<b>The Middle Ages</b>	Idade Média
<b>The Portuguese Crown</b>	Coroa portuguesa
<b>Third Industrial Revolution</b>	Terceira Revolução Industrial
<b>Third World</b>	Terceiro Mundo

<b>Thirty Years' War</b>	Guerra dos Trinta Anos
<b>Troubadour</b>	Trovador s.m.
<b>Unwritten historical source</b>	Fonte histórica não-escrita
<b>Upper Egypt</b>	Alto Egito
<b>Vaccine Revolt, Vaccine Rebellion</b>	Revolta da vacina
<b>Vassal</b>	Vassalo
<b>Vargas Era</b>	Era Vargas
<b>Vietnam War</b>	Guerra do Vietnã
<b>Villain</b>	Vilão
<b>Visitations of inquisition</b>	Visitações da Inquisição
<b>Vote under pressure</b>	Voto de cabresto
<b>Wall Street Crash of 1929</b>	<i>Crack</i> da Bolsa de Valores de Nova York
<b>War of the Hawkers</b>	Guerra dos Mascates
<b>War of two roses</b>	Guerra das Duas Rosas
<b>Writing</b>	Escrita
<b>World War I</b>	Primeira Guerra Mundial
<b>World War II</b>	Segunda Guerra Mundial
<b>Written historical source</b>	Fonte histórica escrita
<b>Xenophobia</b>	Xenofobia
<b>Yom Kippur War</b>	Guerra do Yom Kippur
<b>Zollverein</b>	Zollverein
<b>Zoroastrianism</b>	Zoroastrismo